

KLEVERSON TEODORO DE LIMA

PRÁTICAS MISSIVISTAS ÍNTIMAS NO  
INÍCIO DO SÉCULO XX

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

2007

KLEVERSON TEODORO DE LIMA

# PRÁTICAS MISSIVISTAS ÍNTIMAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Doutora Thais Velloso Cougo Pimentel.

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
2006.

para Elke, Caê e minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

- À Professora Thais Velloso Couto Pimentel por ter acreditado e orientado esse projeto.
- À minha família pelo amor, torcida e força.
- À família Pena, minha nova família.
- Aos professores José Arnaldo Coelho Lima, Myriam Bahia Lopes e Andréa Lisly Gonçalves, sempre atentos aos desdobramentos desse trabalho.
- Ao professor Ronald Polito de Oliveira, que me aproximou desse acervo e das discussões sobre memória.
- Aos meus amigos de Mariana, Santa Luzia, Belo Horizonte, Ipatinga e Itabirito, que sempre mandaram coisas boas.
- Ao pessoal da Secretaria Municipal do Patrimônio Cultural e Turismo de Itabirito, em especial ao Ubiraney e à Gilmara, por terem me concedido a oportunidade de conciliar trabalho e o curso do mestrado, à Bianca, pelas leituras e por ter me ensinado a pilotar o software SPSS, e à Marisa, pelo carinho e pela ajuda no manuseio das ferramentas digitais.
- Ao meu filho, Caê, pelo amor e carinho.
- À Elke, minha mulher, e ao nosso spray technicolor.

## RESUMO

---

Há 100 anos os serviços dos correios eram vistos como um dos principais elementos do modelo de “progresso” vivenciado na *belle époque* brasileira. Corresponder-se através de missivas, nesse período, traduzia-se num ato de sintonia com as noções de “moderno” e “civilidade”, mas também transformava-se, cada vez mais, em necessidade.

Essa pesquisa focaliza as práticas missivistas detectadas num acervo de correspondências pessoais produzidas nas duas primeiras décadas do século XX. Em sua maioria, essas cartas foram escritas por amigos, conhecidos, parentes e membros de uma família que residia no Distrito de Monsenhor Horta (antiga Freguesia de São Caetano), cidade de Mariana, em Minas Gerais. Os diferentes suportes utilizados nesse acervo são pistas iniciais (e superficiais) para pensarmos as situações e as condições de produção desses artefatos e a crescente importância que a escrita epistolar passou a representar na construção e manutenção das relações sociais a partir dessa época. Importância perceptível na detecção das circulações, assuntos, formas de tratamentos, redes de sociabilidade, motivações, maneiras de compor os textos e rituais criados pelas práticas desses autores de cartas.

**Palavras-chave:** práticas missivistas, cartas pessoais, correios mineiros, modernização.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

---

Figura 1 -	Lateral direita do sobrado. 2003.....	13
Figura 2 -	Lateral esquerda do sobrado. 2003.....	14
Figura 3 -	Acondicionamento provisório do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.....	14
Figura 4 -	Carta-bilhete escrita por Lindolfo Lemos. 14/07/1916.....	17
Figura 5 -	Igrejas de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo.....	64
Figura 6 -	Rede elétrica - detalhe da FIG.5.....	65
Figura 7 -	Vista da Sede de Mariana entre 1817-1821.....	66
Figura 8 -	Detalhe - Vista de Mariana entre 1817-1821.....	67
Figura 9 -	Igreja de São Pedro. 1900.....	67
Figura 10 -	Igreja de São Pedro.....	68
Figura 11 -	Detalhe - Vista de Mariana entre 1817-1821.....	69
Figura 12 -	Mariana – início do século XX.....	69
Figura 13 -	Mariana – [Década de 1930].....	71
Figura 14 -	Coreto do Jardim Municipal da Sede de Mariana – Década de 1930.....	71
Figura 15 -	Catalogo provisório dos Clubs Express.....	73
Figura 16 -	Carta-bilhete. 14/07/1916.....	91
Figura 17 -	Amostras de papéis de cartas.....	92
Figura 18 -	Detalhe da carta de Armando Lemos para Amália Góia. 28/03/1908.....	93
Figura 19 -	Sem título. Autor desconhecido.....	94
Figura 20 -	Desenho sensual de Armando Lemos.....	137

Gráfico 1 -	Cartas pessoais / concentrações.....	16
Gráfico 2 -	Cartas/ano (1901-1921).....	85
Gráfico 3 -	Remetentes / concentrações (1901-1921).....	85
Gráfico 4 -	Remetentes / vínculos (1901-1921).....	86
Gráfico 5 -	Destinatários / concentrações (1901-1921).....	87
Gráfico 6 -	Destinatários / vínculos (1901-1921).....	87
Gráfico 7 -	Remetentes / localidades (1901-1921).....	88
Gráfico 8 -	Destinatários / localidades (1901-1921).....	88
Gráfico 9 -	Trâmites (1901-1921).....	88
Gráfico 10 -	Remetentes (1901-1921) 1ª parte.....	98
Gráfico 11 -	Destinatários (1901-1921) 1ª parte.....	98
Gráfico 12 -	Cartas/ano (1901-1921) 2ª parte.....	122
Gráfico 13 -	Remetentes/concentrações (1901-1921) 2ª parte.....	122
Gráfico 14 -	Vínculos/remetentes (1901-1921) 2ª parte.....	123
Gráfico 15 -	Destinatários (1901-1921) 2ª parte.....	123
Gráfico 16 -	Vínculos/destinatários (1901-1921) 2ª parte.....	124
Gráfico 17 -	Remetentes / localidades (1901-1921) 2ª parte.....	124
Gráfico 18 -	Destinatários / localidades (1901-1921) 2ª parte.....	125
Gráfico 19 -	Trâmites (1901-1921) 2ª parte.....	125

## LISTA DE TABELAS

---

1 - Aspectos sobre os correios em Minas entre 1830 e 1918.....	50
2 - Revistas leigas (1904 -1938).....	77
3 - Jornais leigos (1906-1952).....	79
4 - Jornais sacros (1899-1951).....	80
5 - Concentrações (1901-1921) 1ª parte.....	99



## LISTA DE ABREVIATURAS

---

AHMH	-	Arquivo Histórico de Monsenhor Horta
AEAM	-	Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana
AHCMM	-	Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana
APM	-	Arquivo Público Mineiro

## SUMÁRIO

---

<b>Introdução</b> .....	11
1. Arquivo Histórico de Monsenhor Horta - construção do objeto de pesquisa....	12
2. Grafar as coisas. Cartas: fluxos e discursos.....	18
3. Capítulos.....	40
<b>Capítulo I – Correios mineiros e expectativas de modernização em Mariana</b>	43
1.1. Serviços postais em Minas – interiorização / estriamentos.....	44
1.2. Mariana: circulação de expectativas.....	54
1.2.1. A cidade como um texto: representações <u>na</u> e <u>sobre</u> a cidade.....	55
1.2.2. Mariana no limiar do século XX: rede produtiva e discursos de modernização.....	59
<b>Capítulo II – Cartas: suportes, textos e cotidiano</b> .....	75
2.1. Duas famílias.....	76
2.2. Vestígios de leituras.....	76
2.3. Lugares, envelopes, papéis e tintas.....	84
2.4. Cartas, cotidiano e espaços da intimidade.....	93
<b>Capítulo III – Missivas de Armando Lemos</b> .....	120
3.1. Armando Lemos.....	121
3.2. Armando: concentrações.....	121
3.3. Amplitude e diversidade.....	126
<b>Considerações finais</b> .....	142

## Introdução

## **1. Arquivo Histórico de Monsenhor Horta - construção do objeto de pesquisa.**

Essa pesquisa focaliza as práticas missivistas detectadas num acervo de correspondências pessoais produzidas nas duas primeiras décadas do século XX. Em sua maioria, essas cartas foram escritas por amigos, conhecidos, parentes e membros de uma família que residia no Distrito de Monsenhor Horta (antiga Freguesia de São Caetano), cidade de Mariana, em Minas Gerais. Os diferentes suportes utilizados nesse acervo são pistas iniciais (e superficiais) para pensarmos as situações e as condições de produção desses artefatos e a crescente importância que a escrita epistolar passou a representar na construção e manutenção das relações sociais a partir dessa época. Importância perceptível na detecção das circulações, assuntos, formas de tratamentos, redes de sociabilidade, motivações, maneiras de compor os textos e rituais criados pelas práticas desses autores de cartas.

As correspondências analisadas nesse trabalho foram produzidas numa época de estímulo e ampliação do mercado epistolar mineiro, de um baixo índice de alfabetização em Minas e no país e de apropriação de alguns símbolos de modernização no imaginário social da cidade de Mariana (ferrovia, eletricidade, embelezamento, estrutura fabril).<sup>1</sup> Nesse sentido, esses artefatos apresentam-se como interessantes registros sobre parte do cotidiano na Freguesia de São Caetano e em outras localidades, além de um privilegiado suporte para a verificação dos intercâmbios de valores, perspectivas e hábitos promovidos através desse canal de interação social.

---

<sup>1</sup> Em Capelato e Dutra (2000) nos apoiamos para conceituar imaginário social: “Quando uma sociedade, grupos ou mesmo indivíduos de uma sociedade se vêm ligados numa rede comum de significações, em que símbolos (significantes) e significados (representações) são criados, reconhecidos e apreendidos dentro de circuitos de sentido; são utilizados coletivamente como dispositivos orientadores/transformadores de práticas, valores e normas; e são capazes de mobilizar socialmente afetos, emoções e desejos, é possível falar-se da existência de um imaginário social.”

A projeção sobre o desafio teórico-metodológico no trato com esse acervo pode ser visualizada pela raridade e forma como foi constituído, se considerarmos o seu tipo (epistolar / familiar / íntimo), pelo período em que foi produzido (início do século XX) e pela incipiente situação da epistolografia no Brasil. O *corpus* de cartas pessoais investigado nesse trabalho é parte de um conjunto documental localizado em **1993** dentro de um sobrado que se apresentava (e ainda permanece) em estado de arruinamento no Distrito de Monsenhor Horta (antigo São Caetano). As marcas de depredação do imóvel, a condição de abandono e a superficial noção sobre a diversidade documental encontrada, sobretudo o expressivo número de partituras musicais, influíram para o transporte desse acervo para as dependências da Universidade Federal de Ouro Preto, promovido por alguns moradores dessa localidade no ano de sua localização.



Espaço onde a documentação foi encontrada em 1993.

FIG.1. Lateral direita do sobrado, 2003.  
Fonte: Acervo particular – Kleverson Lima

Em 1999, seis anos após essa descoberta, esses documentos começaram a ser higienizados, organizados e provisoriamente acondicionados. Entre os estudantes voluntários nesses serviços estava o proponente desse projeto de pesquisa, recém-ingresso no curso de graduação de História. A maneira como foi encontrado, o seu deslocamento para uma instituição pública, a identificação de concentrações e dispersões (tipológicas, temáticas e temporais) e a reorganização física desse acervo

envolveram as primeiras perguntas e o desdobramento dos caminhos na investigação exposta nessa dissertação. Essas intervenções mudaram tanto o espaço de guarda desses documentos (do sobrado para a academia) quanto o seu estatuto (de acervo particular a acervo semipúblico). Imprimiram-lhe, também, uma nova denominação: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.<sup>2</sup>



Myrian Bahia Lopes

FIG.2. Lateral esquerda do sobrado. 2003.  
Fonte: Acervo particular – Kleverson Lima

A diversidade documental encontrada nesse imóvel engloba, entre outros: partituras sacras (missas, kyries, ladainhas, credos); partituras laicas (dobrados, sambas, maxixes, modinhas e tangos), sendo que algumas foram copiadas ou compostas por músicos residentes em São Caetano; cartões de visitas; correspondências íntimas e comerciais; notas de recebimento de mercadorias; livros de anotações contábeis; cartões-postais; periódicos sacros e leigos; materiais escolares. As concentrações documentais mais expressivas referem-se às partituras sacras, correspondências particulares e notas de

---

<sup>2</sup> Entre 1999 e 2005 as diferentes turmas que trabalharam nas atividades de higienização e acondicionamento provisório desse acervo atuaram de maneira voluntária e esporádica, proporcionando a delicada separação, a limpeza e o acondicionamento desses documentos. Esse caráter esporádico e voluntário aconteceu devido ao espaço pouco apropriado para a execução desses serviços (o que limitava o número de participantes), a ausência de financiamento para a realização do projeto (que tornava outras propostas de trabalho mais sedutoras) e a descoberta de temas de pesquisa em outros arquivos pelos estudantes que participaram dessas atividades. Não raramente o material utilizado nesses trabalhos, como máscaras e luvas, foi financiado pelos próprios alunos e na maioria das vezes pelo professor José Arnaldo Coêlho Lima, responsável pelo acervo desde 1999. Esparsas ou não essas atividades foram importantes para o acontecimento dessa e de mais duas pesquisas, uma na área da musicologia e outra na área da sociolinguística.

recebimentos de mercadorias. Durante a primeira fase inicial de higienização, os acúmulos de registros nesses tipos documentais passaram a indicar uma expressiva relação dos antigos proprietários desse acervo com as práticas musical, epistolar e comercial.

No sobrado esses registros foram encontrados dentro de um cômodo que apresentava o teto semi-rompido, portanto, facilmente expostos à proliferação de microorganismos, às inconstâncias do tempo e impregnados por décadas de poeira. Esse mau acondicionamento os deixou a mercê de todo tipo de extravios, o que (possivelmente) contribuiu para a perda de peças e a diminuição do acervo. Quando examina-se o *corpus* epistolar íntimo e observa-se em separado cada autor de cartas são encontrados poucos exemplos de concentrações, quer seja em torno de uma faixa temporal, tema ou correspondente.



Kleverson Lima

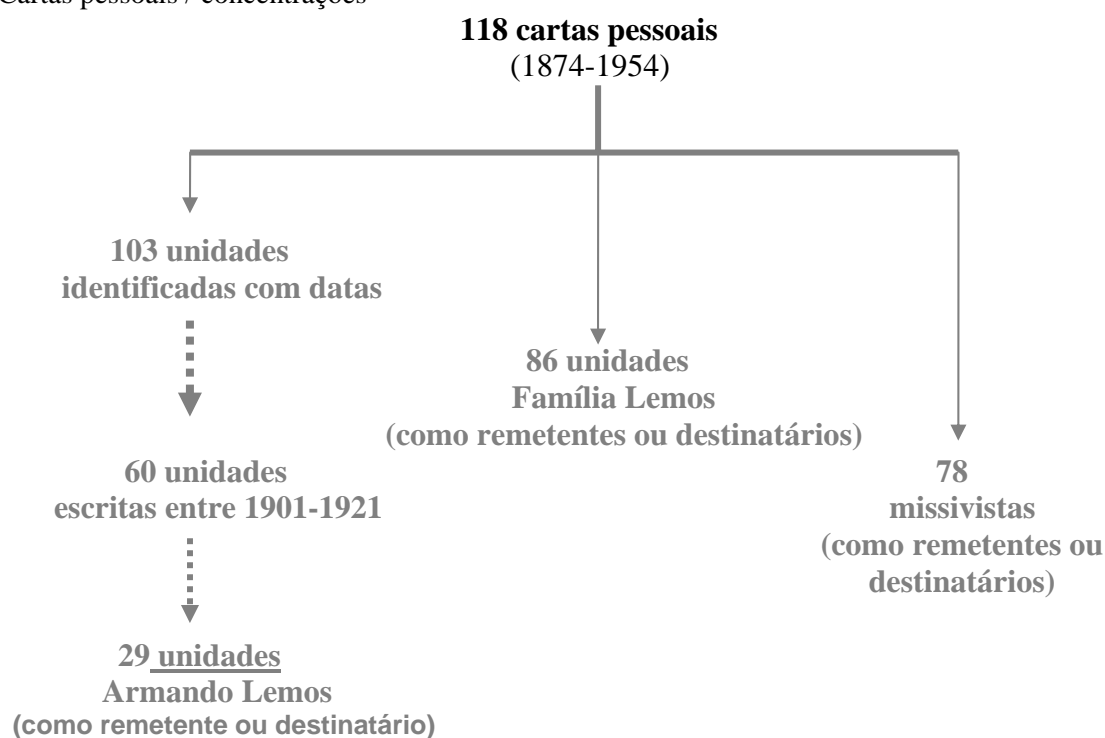
FIG.3 Acondicionamento provisório do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. 2006.  
Fonte: Acervo particular.

Esse é um ponto significativo e delicado para essa pesquisa, já que os pontos de concentrações formam as áreas menos instáveis para o estabelecimento de conexões entre o acervo, as práticas epistolares, a época e os ambientes culturais onde foram

produzidos. O gráfico exposto na página seguinte auxilia na observação das informações que se seguem.

As datas-limite do *corpus* epistolar variam entre 1874 e 1954 e o número total de missivistas identificados como remetentes ou destinatários abrange 78 pessoas. Entre as 118 correspondências pessoais presentes no arquivo, 103 (87,2%) encontram-se identificadas com datas. Entre as 103 unidades, 60 (ou 58,2%) foram produzidas nas duas primeiras décadas do século XX, o que justificou a demarcação temporal dessa pesquisa entre 1901-1921. A partir da detecção dos emissores, receptores e assuntos é possível atribuir a esse recorte temporal algumas missivas que não apresentam datações; essa inserção baseia-se na intimidade conquistada durante diferentes fases de manipulação do acervo. Sentimo-nos livres para incluir um ou outro documento produzido antes ou depois dessa delimitação temporal, quando entendermos a necessidade desse procedimento.

Gráfico 1  
Cartas pessoais / concentrações





Seguindo o gráfico percebe-se que 86 unidades (ou 72,8% do *corpus* total) apresentam os membros da família Lemos como remetentes ou destinatários nos intercâmbios entre si, com os parentes, amigos ou conhecidos.<sup>3</sup> Portanto, as lentes dessa investigação tendem a concentrar os seus focos sobre as práticas missivistas dos Lemos, mas sem torná-la um ponto exclusivo. Nessa família há um caso especial: o escrivão, contabilista, revendedor e músico Armando Lemos. Ele aparece em 33% (ou 39 unidades) do *corpus* epistolar como remetente ou destinatário. Dentro do período recortado (1901-1921), ele pode ser detectado em 29 unidades (ou 48%) das 60 cartas identificadas com datas, o que realça a sua importância dentro do acervo e nos garante um espaço de concentração para a observação dos textos, temas, valores, amplitude e a diversidade da rede de relações tecida a partir desse missivista.



FIG.4. Carta-bilhete escrita por Lindolfo Lemos. 14/07/1916.  
Fonte. Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

Em 1999 o objetivo inicial dessa pesquisa era descobrir conexões entre as diferentes partes do caótico conjunto que estava sendo organizado: a quem pertencia? Por que encontrava-se naquele estado? A partir do instante em que o foco direcionou-se para a prática missivista íntima, os ângulos da investigação desdobraram-se em novas questões: como pesquisar esse tipo de documento? Com quais fontes dialogar? O que existe sobre a epistolografia no Brasil? Entre 1999 e 2005, a investigação atravessou três momentos: o primeiro, entre 2000 e 2001, enquanto fomento PIBIC/CNPQ; o

---

<sup>3</sup> Por motivo de prevenção jurídica e opção ética, os nomes reais dos correspondentes foram resguardados (Vasconcelos, disponível em: [www.rbleditora.com](http://www.rbleditora.com). Acesso:10/08/2005) . Os nomes dos correspondentes assíduos nesse acervo foram substituídos por nomes-fantasia; os nomes dos menos assíduos aparecem abreviados.

segundo, em 2003, durante a conclusão da licenciatura e bacharelado; e o terceiro, após o ingresso no curso do mestrado da UFMG em 2005.<sup>4</sup>

As respostas a essas perguntas acabaram definindo um eixo investigativo que foi utilizado nos dois primeiros momentos acima assinalados e, conforme a orientação da professora Thaís Velloso Couto Pimentel, continuou guiando os roteiros dessa dissertação. Esse eixo é formado pela identificação de documentações primárias e secundárias referentes à epistolografia; à expansão do mercado epistolar em Minas Gerais; e às apropriações de alguns símbolos de modernização em Mariana no início do século XX. Acreditamos que as relações tecidas entre essas três partes (práticas missivistas, mercado epistolar e discursos de modernização), associados a outros tipos documentais presentes no Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, compõem cenários eficientes para pensarmos as situações e as condições de produção das correspondências pertencentes a esse acervo.

Em 1999, após o início dos serviços de limpeza, as cartas passaram a ser abertas novamente, emergindo em uma nova época e interagindo com novos horizontes de expectativas, redes de significações e domínio discursivo.<sup>5</sup> Os seus textos começaram ser percorridos por novas leituras, classificações, experiências e receberam um novo estatuto. Em cada um desses fragmentos, um registro escrito, um novo vestígio a ser somado à rede de confecção da historiografia – essa arquitetura de cheios e vãos.

## **2. Grafar as coisas. Cartas: fluxos e discursos.**

---

<sup>4</sup> Entre 2000 e 2001 essa pesquisa foi orientada pelo professor Ronald Polito de Oliveira. Em 2003, durante a fase de confecção da monografia, pela professora Myriam Bahia Lopes.

<sup>5</sup> Domínios discursivos são grandes instâncias ou esferas da atividade humana de produção discursiva em que os textos circulam: científico, político, religioso, privado, econômico, estético, filosófico etc (Pena, 2005).

Primeira década do século XX. Durante os momentos iniciais do dia 1 de março de 1908, sentido-se aliviada após o desenlace de uma perturbante espera, Amália Góia não perdeu tempo e começou a escrever a Armando Lemos.

Saue route. Indo, nadabu e Qua terto sa asdornsoceve! Fuz a q fuzamte!  
Ebnedau e baujau e mul vezes. Obnigeco. Não ta amquadem de sis. (...) Seum tenca te nasporco e tue balle dente.<sup>6</sup>

Três semanas depois, após um encontro entre ambos, Armando endereçou uma nova carta para Amália, escrevendo-lhe do Distrito de Passagem, na cidade de Mariana.

**Lianuce Sauxe** (grifo nosso). Desejara que tu estivesses junto a mim para saberes o meu sofrimento, p<sup>a</sup> de instante em instante relatar-te o que passo. Era meu desejo escrever-te logo que aqui cheguei, mas parece-me que em compensação das pouquíssimas horas de prazer que passei contigo aumentarão-se as minhas obrigações. Mas... que viagem insípida, a de quinta-feira; parecia-me que tinha sido expulso do céu e caminhava p<sup>a</sup> o inferno. (...) **Is epenteco ebnedo [c'egiallam] mebam** (grifo nosso)?<sup>7</sup>

Devido à recorrência desse estranho tipo de linguagem, parte das cartas trocadas entre Armando e Amália estimulou a curiosidade dos estudantes e professores envolvidos nos trabalhos iniciais de higienização e organização do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.<sup>8</sup> O produto criptográfico criado por Amália e Armando nos aproxima tanto das diferentes possibilidades de jogar com a linguagem quanto dos desejos (mesmo por detrás desse disfarce lingüístico) de que as idéias incorporem os fenômenos e com eles realizem na escrita não apenas um efeito de realidade, mas a própria realidade, tragam-na viva, digam sobre o outro: “Desejara que tu estivesses junto a mim para saberes o meu sofrimento, para de instante em instante relatar-te o que passo”.

---

<sup>6</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Amália Góia para Armando Lemos. s/l, 1/mar./1908, 1f, s/env. Adotamos as seguintes abreviaturas: s/l (local não identificado); s/d (data não identificada); e s/env (carta sem envelope). A partir desse ponto, o Arquivo Histórico de Monsenhor Horta será denominado como AHMH.

<sup>7</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Amália Góia. Passagem, 28/março/1908, 1f, s/env.

<sup>8</sup> Em 1999 esses trabalhos começaram a ser coordenados pelos professores José Arnaldo Coêlho Lima e Ronald Polito de Oliveira, ambos do curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto.

As cartas pessoais, ao aproximarem o nosso olhar sobre as representações dos espaços constituídos pelas conexões íntimas, permitem que a nossa leitura entre em contato com valores, assuntos, apropriações e relações tecidas e intercambiadas entre um certo número de correspondentes. Os escritores de missivas concentram-se na tarefa de narrar, selecionar fatos, convencer, enfim, representar acontecimentos, situações e a si mesmos. Narrativa contaminada por um importante elemento presente no ato enunciativo: o desejo de ultrapassar a condição de **versão** e tornar-se uma **verdade** mediada tanto pela linguagem escrita (a obra do remetente) quanto pelo olhar de um outro sujeito (o destinatário/leitor(es)). Apesar de pleitearem uma certa espontaneidade, os escritores da vida privada constroem cálculos e expectativas quanto à recepção de suas mensagens, análises que se estabelecem através dos estatutos, regras, escolhas e estratégias construídos consciente ou inconscientemente durante o ato gráfico (Lyons, 1998; Venâncio, 2000).

Tal fato evidencia duas visões recorrentes quanto à narrativa epistolar: a primeira, presa à dimensão literal do texto, identifica o produto missivista como um espaço representativo da **essencialidade**; a segunda, aberta aos aspectos figurativos, contextuais e discursivos, identifica o texto missivista como um espaço representativo da **alteridade**. Por exemplo, se para Sêneca ‘uma carta traz vivas marcas do ausente, o cunho autêntico da sua pessoa’, em Foucault ‘É simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz’ (apud. Süsskind, 1996). Na composição do contraponto entre essas duas visões - Sêneca e Foucault/clássica e contemporânea - evidencia-se o fortalecimento de uma desconfiança que projeta-se não apenas sobre o ato de escrever, mas sobre a possibilidade de equivaler (representar) de forma simétrica linguagem e

natureza, coisas e palavras (Foucault, 1999).<sup>9</sup> Um problema (limite) não apenas técnico, mas sobretudo humano. Como diz Benjamin (1984):

(...) os fenômenos não se incorporam nas idéias, não estão contidos nelas. As idéias são o seu ordenamento virtual, sua interpretação objetiva. Se elas nem contêm em si os fenômenos, por incorporação, nem se evaporam nas funções, na lei dos fenômenos, na 'hipótese', cabe a pergunta: como podem elas alcançar os fenômenos? A resposta é: na representação desses fenômenos. Como tal, a idéia pertence a uma esfera fundamentalmente distinta daquela em que estão os objetos que ela apreende.

As inscrições presentes no gênero textual epistolar íntimo se concretizam perseguindo a construção de rastros de identidades, deixando, portanto, marcas que nos permitem examinar alguns aspectos sobre as representações produzidas nos espaços da vida privada. Como enfatiza Antelo (1994):

(...) não existe a rigor prática humana que não seja produzida por representações, ora contraditórias, ora confrontadas entre si, mas é graças a elas que os indivíduos se dão a si mesmos um sentido ao passo que produzem o sentido que o mundo terá para eles próprios.

Na trilha das concepções que buscam emergir as **estratégias do parecer** a partir das marcas deixadas pela **vontade do transparecer**, as pesquisas nas áreas da Educação, Literatura, Psicologia, Lingüística, Filosofia e História vêm refinando os seus conceitos e metodologias nas análises dos artefatos biográficos e autobiográficos.<sup>10</sup> Essas investigações surfam tanto nas transformações teórico-metodológicas ocorridas em diferentes áreas do conhecimento nas últimas décadas, incluindo a História, quanto na

---

<sup>9</sup> A concepção de representação utilizada nesse trabalho sintoniza-se com as apreensões de Pesavento: “A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele”; e Capelato e Dutra (2000): “(...) como já foi assentado pela tradição semiolinguística, o símbolo é um signo implicado numa relação de representação e a representação é a imagem mental mediada, tornada possível, pelo uso dos signos. A relação simbólica, entre o signo e o que ele dá a conhecer (a coisa representada), é, portanto, uma relação de representação, em que o signo toma o lugar da coisa representada, o que só pode se efetuar com o recurso ao imaginário. Afinal, no jogo entre o significante e o significado, (...) ‘o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária e as imagens possuem uma função simbólica’ (Castoriadis, 1982;p.154), que entendemos ser a elaboração, o estabelecimento, de uma comunicação.”

<sup>10</sup> Entre 10 e 14 de setembro, em Salvador (BA), realizou-se o II CIPA - Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica - promovido pelo Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, que envolveu pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. A investigação aqui apresentada foi selecionada e divulgada nesse evento. Informações disponíveis no site: <http://www.2cipa.uneb.br/>. Acesso em 04/09/2006.

ampliação do consumo das publicações de cartas, diários e livros de memórias no mercado editorial brasileiro. Fenômeno não restrito ao nosso país (Prochasson, 1998; Gomes, 2004). Se os historiadores ainda estão se habituando ao trato com esse tipo de fonte, os pesquisadores do campo literário e da educação parecem mais adiantados na experimentação e criação de novas abordagens, estimulando a renovação do repertório dos especialistas e das noções sobre os alcances e limites desenhados pela utilização dos atuais conceitos.<sup>11</sup>

Nas oficinas dos historiadores, os interesses pelos artefatos autobiográficos estão envolvidos pelas mudanças epistemológicas que inseriram novos problemas (como a importância da narrativa dentro do discurso histórico), novas correntes de investigação historiográfica (como o estudo das práticas de escrita e leitura) e novos campos temáticos (como as pesquisas sobre o cotidiano e a vida privada) (Pesavento, 2004; Priore, 1997; Matos, 2002; Chartier, 1988; Gomes, 2004). Essas transformações passaram a perceber os espaços e os atos que constituem o mundo privado como derivados de historicidade e produtores de história, portanto, fornecedores de significativos elementos sobre a produção da esfera íntima e de suas articulações com a vida social.

---

<sup>11</sup> Os títulos de alguns trabalhos apresentados no II CIPA - Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica demonstram a amplitude do assunto autobiográfico: Memória e narrativa em Clarice Lispector., Fani Miranda Tabak (UESB); Os Arquivos pessoais da cantora e compositora Maysa, a construção de uma (auto)biografia, um mito, Valentina da Silva Nunes (UFSC); Entornos urbanos, subjetividades e cidadania juvenil, Martha Cecilia Herrera, Vladimir Olaya Gualterros e Diego Alejandro Muñoz Gaviaria (UPN – Colômbia); Escrita de si e narrativa: a constituição identitária de sujeitos-professores, Angela Derlise Stübe Netto (UNICAMP); Narrativa de uma professora-aprendiz (nexos entre formação acadêmica e prática docente), Maria Neide Sobral da Silva (UFRN); Idosos reconstruindo-se com suas histórias, Patrícia Kok Geribello de Ferreira Cabral e Ruth C G Lopes – PUC/SP. Informações disponíveis no site: <http://www.2cipa.uneb.br/>. Acesso em 04/09/2006.

Em meio a esse novo *front* investigativo, os últimos dois séculos transformaram-se em faixas temporais privilegiadas (apesar de não exclusivas) para a observação das complexidades presentes nas construções física e simbólica dos espaços público e privado. Nesses séculos acentuaram-se a separação entre os espaços de “produção das condições materiais de vida, daqueles de reprodução da existência”; a escala industrial de produção dos objetos e, em especial, dos objetos de identificação, como os espelhos, a fotografia e o cinema; a necessidade do indivíduo comprovar-se (e colecionar-se) ante aos crescentes desejos de disciplina e controle da injunção social; a discussão, produção e intervenção de novos modelos urbanos; os conflitos entre as idéias políticas e jurídicas sobre o lugar do sujeito no meio social; a ampliação da alfabetização; entre outros (Priore, 1997; Artières, 1998). Segundo Ângela de Castro Gomes (2004), o estudo das cartas pessoais e de outros artefatos autobiográficos produzidos nos últimos dois séculos nos aproxima das tentativas de coexistência entre as concepções de “igualdade” e “liberdade” que perfazem as novas idéias sobre o “sujeito”:

De um lado, a necessidade de uma equidade moral e política constrói a idéia de indivíduo “abstrato” e sujeito do contrato social, alvo imediato de críticas tanto do pensamento conservador (para o qual há desigualdade), quanto do socialista (para o qual essa igualdade é ficção). De outro, o princípio da liberdade, também fundamental ao referido contrato, guarda a idéia de indivíduo singular, ao mesmo tempo único em relação a todos os demais e múltiplo no que diz respeito a seus papéis sociais e possibilidades de realização pessoal.

O indivíduo que postula uma “identidade para si”, uma imagem social coerente, é o mesmo que se exprime em “identidades parciais e nem sempre harmônicas” mediante as circunstâncias e a presença do outro. No rastro dessas construções e necessidades:

A correspondência pessoal, assim como outras formas de escrita de si, expande-se *pari passu* ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a afirmação do valor do indivíduo e a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade (Gomes, 2004).

Percepção reforçada por Contardo Calligaris (1998):

Ora, se para o sujeito moderno falar de si responde à necessidade cultural imperiosa de reconstruir ao mundo e a si mesmo no silêncio deixado pelo ocaso da sociedade tradicional, a série de fórmulas de seus atos autobiográficos deve nos informar de maneira privilegiada sobre seu devir, sobre os caminhos pelos quais ele constituiu (...). Nesse sentido, uma história da subjetividade moderna é impensável sem o auxílio dos atos autobiográficos.

Em nosso país, a incipiente epistolografia não parece fruto de um desinteresse sobre o gênero epistolar, já que o mercado editorial vem alimentando o público com uma série de obras contendo, por exemplo, coletâneas de cartas particulares de escritores, pintores, políticos e acadêmicos (Miranda, 1998; Rilke, 2001; Amaral, 2001). Esse descompasso entre o interesse pela leitura de correspondências íntimas e a produção de análises sobre a prática missivista pessoal pode ser içado no texto de Muzart (disponível em: [www.rbleditora.com](http://www.rbleditora.com). Acesso em 10/08/2005):

Comecei o presente trabalho, pesquisando o que haveria, teoricamente, sobre cartas, correspondência. Descobri que a bibliografia teórica sobre a epistolografia é muito pequena. Deve-se procurar a teoria pelo viés das biografias, autobiografias, diários, memórias.

As discussões pertinentes ao ambiente epistolar, como reitera o excerto acima, encontram-se excessivamente coladas às teorias construídas para outros artefatos autobiográficos, como os diários e os livros de memórias. Essa observação, longe de ser excludente, indica que as pesquisas sobre as missivas ainda estão produzindo um campo singular e consistente de perguntas e apreensões. Enquanto diferentes artefatos culturais, os registros relacionados à dimensão autobiográfica, incluindo as cartas íntimas, apresentam distintos produtos, estilos, formas de consumo, funções sociais, interesses, finalidades, assuntos, circunstâncias e estrutura de composição. Formando, portanto, um campo potencial e específico de trabalho para cada tipo documental. Em comum os estudos sobre as práticas autobiográficas nos ensinam a pisar de uma forma mais cautelosa e crítica nos espaços íntimos dos atores sociais, ratificam a desconstrução do autor enquanto entidade coerente e imanente, do leitor enquanto ser passivo e, como



desfecho, fragilizam a dimensão literal do texto (Corbin, 1991; Callligaris, 1998, Artières, 1998; Simili, (disponível em [www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/Rev\\_a11.htm](http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/Rev_a11.htm) Acesso em 20/12/2005).

No Brasil, o crescimento e a aproximação entre as pesquisas realizadas sobre os missivistas de diferentes épocas poderão ampliar o nosso conhecimento sobre os usos, as finalidades e as maneiras de construir esse tipo de escrita privada (rede de sociabilidade, padrões de correspondências, trânsito de valorações, pactos epistolares, observação de rituais, estratégias, formas de tratamentos); aumentar a nossa percepção sobre os trâmites (oficiais ou não) criadas para a circulação das cartas, e a diversificada produção de souvenirs para atender os gostos dos consumidores e o mercado epistolar; e contribuir para uma percepção mais apurada sobre as (re)significações do íntimo e as inscrições do eu (Priore, 1997; Furtado, 1999).

No entanto é nítido que um impulso maior a esse nicho de investigação esbarra em dois pontos. Primeiro, o cultivo privado e sigiloso que envolve esse tipo de artefato cultural. Cartas avulsas ou acervos contendo um número expressivo de missivas pertencentes a uma mesma pessoa (ou a uma mesma família) tendem a ser guardados, colecionados ou destruídos conforme os desejos dos seus proprietários. Raramente são doados. Segundo, a cobertura legal em torno desse tipo de documentação - efeito e preço dos embates realizados nos últimos séculos sobre as tentativas de demarcação das fronteiras entre as esferas pública e privada. No Brasil, esse tipo de acervo é juridicamente preservado pela Constituição, Código Penal e Direito Autoral. Segundo Vasconcelos (Disponível em: [www.rbleditora.com](http://www.rbleditora.com). Acesso:10/08/2005):

Do ponto de vista jurídico, o signatário detém o direito autoral da carta: o destinatário possui o direito material, ou seja, ele é dono do suporte, normalmente o papel, onde a carta foi escrita, e os dois são protegidos pelo

direito à intimidade assim também como aqueles que são mencionados no texto em questão. O arquivo (público) apenas guarda a documentação. Por esta razão ele não pode autorizar a publicação de seu material, no que diz respeito aos dois direitos mencionados: o autoral e o da intimidade.

O que requer do pesquisador a necessidade de manter-se informado sobre a legislação vigente e os “procedimentos que deve cumprir para ter seu trabalho publicado sem problemas legais”. Em relação ao Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, a sua situação jurídica não encontra-se definida, já que essa coleção apresenta contribuições de fundos diferentes (familiar, banda de música) e caracteriza-se por décadas de abandono. Em meados de 2006 conseguimos identificar (via ligação telefônica) um dos descendentes dos proprietários do sobrado, que reside em Sabará, que demonstrou-se conhecedor e favorável aos serviços realizados na Universidade Federal de Ouro Preto. O professor José Arnaldo Coelho Lima, responsável por esses trabalhos desde 1999, sempre deixou claro que caso os familiares se interessassem por esse material eles teriam a liberdade de readquiri-lo novamente. No entanto, até o momento, os descendentes não acenaram nesse sentido, o que nos parece caracterizar um comportamento de concordância com a atual situação do acervo.<sup>12</sup>

Aos poucos, o interesse pelas análises das práticas missivistas íntimas contribui para a (re)oxigenação da história social da cultura, a auxilia em suas investigações sobre a construção do privado e das tessituras do *self* com a esfera social. Como os historiadores ainda estão se habituando ao trato com esse tipo de fonte, o diálogo com outras áreas do conhecimento torna-se necessário, fronteiro e enriquecedor. Envolvimento que permite ao historiador “vôos por outros territórios”, armando-o “talvez de novos conceitos, armazenando também novos conteúdos, de acordo com a serventia que terão

---

<sup>12</sup> Devido às diferenças de agendas não foi possível marcar uma entrevista com o descendente contatado (via ligação telefônica) antes da defesa dessa dissertação. Desejamos que essa entrevista seja realizada ainda no ano corrente.

para resolver as suas perguntas”. Envolvimento que não deve perder de vista que é do campo da História que a sua questão é elaborada (Pesavento, 2004).

Em relação à pesquisa aqui apresentada acreditamos ser necessário evidenciar a importância de três pontos investigativos que encontram-se nas fronteiras entre a História e outras áreas do conhecimento. Primeiro, o conceito sobre o *habitus* em Pierre Bourdieu, a fim de pensar as ligações entre as práticas missivistas individuais, as formações sociais e os meios culturais onde elas se concretizam. Segundo, a importância dos protocolos de leitura e das recepções na construção dos sentidos dos textos (e da realidade), vista a partir de algumas obras organizadas ou escritas por Roger Chartier. Por último, a partir da teoria de Patrick Charaudeau sobre os sujeitos da linguagem, as distinções entre o espaço do fazer social e o espaço do dizer, tecidas mediante as diferentes situações, regras, estatutos e relações contratuais assumidos ou estabelecidos pelos sujeitos em suas interações sociais.

O conceito de *habitus* não é unânime e vem sendo (re)elaborado em diferentes momentos da história ocidental. Utilizado por Aristóteles e apropriado pela tradição escolástica através da noção grega *hexis*, o seu sentido designava as “características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem”. Émile Durkheim, no limiar do século XX, também fez uso desse termo para designar “um estado geral dos indivíduos, estado interior e profundo, que orienta suas ações de forma durável” (Setton, 2002). Posteriormente, Erwin Panofsky ampliou o espaço semântico do conceito de *habitus* ao ultrapassar a noção de cultura como um código comum ou “um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados”. Panofsky

(...) não se limitou a observar a correspondência entre imagem e idéias de um período, mas afirmou que tal semelhança derivaria, teria seu princípio,

em uma educação (socialização) sistemática apropriada de maneira inconsciente e difusa (Setton, 2002).

Assim, não bastaria identificar correspondências ou as diferenças entre os comportamentos nas distintas esferas sociais, mas “definir as condições, os princípios que tornam essa comparação possível”. Segundo Pierre Bourdieu, em Panofsky cultura

(...) é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares (...) (Bourdieu apud. Setton, 2002).

Tributário da noção de Panofsky sobre o *habitus*, Pierre Bourdieu percebeu na Argélia, durante as décadas de 1950 e 1960, as dificuldades, os limites conceituais e os desajustes nas experiências de adaptação dos sujeitos retirados de um universo rural e colocados num ambiente urbano e capitalista. A necessidade dos argelinos de apropriarem-se de instrumentos e categorias de percepção, a fim de interpretarem as novas situações, demonstrou um vínculo estreito entre as práticas, as formações sociais e os meios culturais onde elas são produzidas. A comparação entre os *habitus* dos camponeses da Argélia e da região de Béarn, terra natal de Bourdieu, lhe permitiu perceber o *habitus* como um princípio mediador de formação e transformação das regras, princípios e relações que interligam as práticas individuais e as condições sociais de existência (Bourdieu apud. Ortiz, 1983).

Para Certeau a comparação estabelecida por Bourdieu entre os sistemas de arranjos familiares em Béarn (França) e Kabília (Argélia) é uma espécie de “cavalo de tróia” para a criação de uma teoria sobre as correlações entre as práticas e as estruturas (Bourdieu apud. Ortiz, 1983; Certeau, 1994). Entre os “princípios implícitos” e as “regras explícitas” que orquestram o cotidiano da casa kabilina, Bourdieu observa nas práticas dos moradores alguns procedimentos norteadores, como a politética em que “a

mesma coisa tem usos e propriedades que variam segundo as combinações em que entra”; a substitubilidade, onde “uma coisa é sempre substituível por outra, pelo fato da afinidade de cada uma com as outras na totalidade que representa”; e a eufemização, “é preciso esconder o fato de que as ações transgridem as dicotomias e antinomias representadas pelo sistema dos símbolos. As ações e rituais forneceriam o modelo dessa ‘eufemização’, reunindo os contrários”. Por fim, a analogia fundiria todos esses procedimentos “que constituem transgressões da ordem simbólica e dos limites que estabelece” (Certeau, 1994).

Segundo Jurandir Malerba (2000), a obra de Bourdieu apresenta uma “permanente inquietação e renovação” que inicia-se em oposição aos paradigmas estruturalistas (o homem como vítima das estruturas) e se destaca pela indicação das capacidades ativas e criadoras do *habitus*, atrelando a “legitimidade e o reconhecimento dos sistemas simbólicos” a esse conceito. O *habitus* em Bourdieu:

(...) talvez melhor se defina como os limites de ação das soluções ao alcance do indivíduo em uma determinada situação concreta. (...) produz práticas individuais e coletivas que estabelece os limites dentro dos quais os indivíduos são ‘livres’ para optar entre diferentes estratégias de ação. Práticas que, intuitivas como tais, orientam mais que determinam as condutas (...) (Malerba, 2000).

Nesse sentido, o *habitus* torna-se o ponto de partida para a observação dos campos (de forças) onde estruturam-se os espaços, as posições dos sujeitos e desenvolvem-se os conflitos e as lutas. Os *habitus* funcionam como disposições estruturadas e estruturantes de noções e comportamentos sociais, como os valores, as crenças, os juízos, ativando percepções e representações. Nele está presente tanto a expectativa da conduta esperada (interiorizada) quanto a potencialidade da transgressão, demonstrando, assim, as habilidades dos sujeitos no uso das estratégias, no jogo das escolhas, conforme as possibilidades concretas de ação num dado meio sócio-cultural (Certeau, 1994;

Malerba, 2000; Bourdieu apud. Ortiz, 1983). O estudo das práticas em Bourdieu é uma porta de entrada para a tentativa de identificação das estruturas, de como funcionam e influenciam o *habitus*, de visualizar as interligações entre o particular e o geral.

Dependências recíprocas que limitam as ações dos sujeitos, os influenciam, mas que não os determinam em absoluto. Quando observados a partir do tempo, as transformações dos componentes simbólicos que constituem as formações sociais e as redes de dependências registram a potencialidade para o ingresso da renovação das escolhas, dos repertórios estratégicos e das modalidades variáveis dentro das práticas individuais e coletivas (Malerba, 2000; Chartier, 1988).

Essas referenciais conceituais - que escapam ao superficial idealismo criado em torno do sujeito (as idéias sobre as inteligências desencarnadas) e inserem as práticas, as escolhas, as estratégias e as formações sociais (ou campos) em meio aos equilíbrios de tensões e as cadeias de interdependências que interligam a sociedade e os homens - direcionam as nossas observações sobre as práticas missivistas. Práticas perceptíveis não apenas na maneira de registrar os textos, mas também nas escolhas dos suportes, formas de tratamento, criação das redes de sociabilidade e estabelecimento de rituais. O que nos leva a pensar sobre as especificidades presentes na produção da escrita e leitura dos textos e, em especial, o epistolar.

Na área da História os pesquisadores sobre as práticas de escrita e leitura têm aprendido e contribuído para a percepção sobre os diferentes elementos intra e extratextuais que envolvem a produção dos textos. Sem dúvida, em meio às mudanças teóricas e metodológicas vivenciadas na historiografia nessas últimas décadas, os investigadores

que trabalham a partir dessa corrente estão sendo responsáveis pela emergência de novas fontes documentais, a iluminação de antigas e a inserção de novas perguntas e problemas. Segundo Roger Chartier, um dos seus principais teóricos, essa renovação em França é resultante dos impactos sofridos pelo discurso histórico no final da década de 1960, quando o crescimento acadêmico de outras áreas do conhecimento (como a lingüística, a sociologia e a psicologia) colocou em causa os objetos e as certezas metodológicas da História (Chartier, 1988).

Nesse debate, além da batalha pelas projeções no espaço acadêmico, entraram na mira do ataque crítico à História: 1) o excessivo apego dos profissionais dessa área à dimensão macro da economia e das estruturas sociais, procedimento que obscurecia as redes de relações que interligavam os acontecimentos específicos aos gerais e emudecia a importância das práticas culturais cotidianas; 2) as discussões relacionadas à linguagem, que dissolveram a aura criada em torno da objetividade científica, ao evidenciar a impossibilidade da observação isenta e de equivalência simétrica entre texto, discurso e realidade. Os problemas relacionados à linguagem (o referente e o real) ajudaram a abalar importantes preceitos do discurso científico, como a impessoalidade, e provocaram, na área da História, uma incômoda aproximação entre a sua narrativa e a narrativa literária (Stengers, 2002; Chartier, 1994; Burke, 1992, Carvalho, 1997).

Pensar a erupção dessas questões, a sua própria escrita, aceitar a relação metafórica entre a narrativa e o acontecido, a possibilidade de múltiplas interpretações relacionadas aos eventos, posicionar e estruturar melhor o nível de controle nos procedimentos das investigações ao apresentar fontes, metodologias e resultados (alcances e limites), diferenciar os horizontes de expectativas dos pesquisadores e do público consumidor

desse tipo de trabalho em relação aos autores e leitores das obras literárias, entre outros, direcionou parte dos historiadores a repensar a importância de conceitos como narrativa, representações, imaginário e ficções. O envolvimento com essas questões incentivou a abertura de picadas no campo das pesquisas relacionadas às práticas de escrita e leitura na área da História. Como afirma Pesavento (2004) a partir da intimidade criada com os elementos que envolvem a produção textual passou-se

(...) a entender que escrita e leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, este plano intermediário entre produção e recepção que articula, permite a comunicação e veicula representações. Há, pois, uma tríade a considerar na análise, composta por escrita, texto e leitura.

É na esteira dessas transformações ocorridas na área da História que Chartier (1988) inscreve a sua concepção sobre os desafios a serem enfrentados:

Conceder (...) atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação da leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

Tomando como referências obras escritas ou organizadas por esse pesquisador, como “A história Cultural: entre práticas e representações” (1988), “Práticas da Leitura” (1996) e “Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação” (2003), é possível identificar alguns avanços alçados pelas pesquisas enfiadas nessa corrente historiográfica. Mesmo que boa parte dos artigos e capítulos esteja vinculada à produção dos livros (envolvendo o texto escrito pelo autor, as mudanças em sua estrutura através das revisões e das impressões gráficas, as anotações dos leitores) podemos apontar dois pontos sintéticos que interessam à nossa discussão sobre as práticas de escrever e ler cartas: a identificação dos protocolos de leitura e as participações ativas dos leitores.



Os protocolos de leitura podem ser definidos como dispositivos textuais operados tanto pelo autor com a “finalidade de levar o leitor a ler de certa forma”, evidenciando, portanto, uma “representação que (os autores) têm das competências de leitura” daqueles a quem destinam a obra, quanto pelas intervenções gráficas acionadas durante o processo de revisão, edição e impressão, que transformam o texto do autor e recriam os horizontes de expectativas dos autores, editores e leitores em relação à recepção da obra. Passa-se a perceber, a partir desses estudos, a eficiência e os limites dos dispositivos inseridos pelos autores, revisores e gráficos, e valorizar como “os suportes nos quais eles (os textos) se fazem ler, ouvir, ou ver tomam parte na construção do sentido” (Márcia Abreu apud. Chartier, 2003).

No entanto, entre as expectativas de recepção e as recepções dos leitores existe uma distinção, já que a significação de um texto varia conforme as apropriações, “as competências (de leitura), as convenções, os usos e os protocolos de leitura” disseminados no texto (Chartier, 2003). Essa introdução do leitor como instância ativa a ser estudada é tributária da Teoria da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss, responsável, desde o final da década de 1960, pela (re)oxigenação das maneiras de se pesquisar na área da Literatura. Apesar das críticas à Estética da Recepção quanto a sua desconsideração quer seja pela materialidade dos textos no processo de significação ou pelos diferentes leitores existentes dentro de uma mesma sociedade, Jauss produziu um novo paradigma ao indicar a existência de fatores internos e externos capazes de repercutir na recepção da obra - retirando o leitor de uma tradicional posição passiva e não autorizada a dizer sobre o texto (Zilberman, 1989).

Em sua teoria Hans Jauss diferencia dois importantes fatores: o “efeito” e a “recepção”. O primeiro seria “a resposta ou reação motivada pelo texto no leitor”, onde ele se alinha ou se estranha com os protocolos de leitura. O segundo, a recepção, seria a analogia criada a partir desse conjunto de efeitos no leitor numa certa circunstância e período histórico. Os conceitos de efeito e recepção abriram as picadas para a percepção das múltiplas possibilidades da leitura - pilar básico defendido pelos pesquisadores inseridos na História da Leitura. Segundo Márcia Abreu (apud. Chartier, 2003) propõe-se

(...) uma história da leitura que seja uma história dos diferentes modos de apropriação do escrito no tempo e no espaço – seja ele físico ou social – tornando-se por referência a idéia de que a leitura é uma prática criativa e inventiva (o sentido desejado pelo autor não se inscreve de maneira direta no leitor) resultante do encontro das maneiras de ler e dos protocolos de leitura inscritos no texto.

A percepção desses dois aspectos nos textos das cartas - inserção dos protocolos de leitura e intervenção ativa dos leitores - ajuda-nos a pensar as **estratégias do parecer** produzidas dentro da **vontade de transparecer**, discussão que permeia o debate sobre a linguagem, mas que apresenta-se de uma forma mais visível nos artefatos autobiográficos, devido ao desejo de realismo nele impresso e expresso.

Anno atrazado quando ahi estive no mes de junho de 1915 tinha ido a Mariana o amigo não estava tinha viajado não lhi encontrei tinha eu perdido uma filha moça feita quando foi no mes de Agosto perdi outra uma em Maio outra em Agosto esta q morreo em Agosto dexou 6 filhos da hi a dois mezes morreo o meu genro de formas q foi neçezario trazer os netos para minha companhia na mesma ocazião com diferença de quinze dias morreo meu cunhado e amigo J. Messias, o q a de fazer de tudo deos hé cervido conçolo com a vontade (de) deos.<sup>13</sup>

Ao registrar lugares, situações, emoções, os escritores de cartas desenham um roteiro de leitura que almeja uma performance convincente. No entanto, como vimos, esse registro não reina sobre a leitura e as interpretações do(s) leitor(es). Durante a varredura do

---

<sup>13</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. J.L.G. para Álvaro Felinto. Palmeiras, 10/jun./1917, 1f, s/env.

texto, ele é (re)significado a partir dos desvios dos sentidos insinuados pelos protocolos de leitura – o que faz a idéia clássica sobre o “autêntico” em Sêneca se desfazer como uma construção de areia.

Acreditamos que alguns componentes do quadro teórico de Patrick Charaudeau consigam ampliar a nossa percepção sobre essa interação entre produtores e leitores dos textos e, em especial, os missivistas. Segundo Charaudeau (2001), a lingüística, desde a década de 1960, vem tentando responder a questões alimentadas pelos interesses de outras áreas do conhecimento - como a antropologia, a sociologia e a psicologia social - sobre as condições de produção, a dimensão psicossocial e as expectativas produzidas no ato de linguagem.<sup>14</sup> A lingüística passou a ser estimulada (pressionada) a levar em consideração não apenas a “frase”, mas o texto e o contexto.

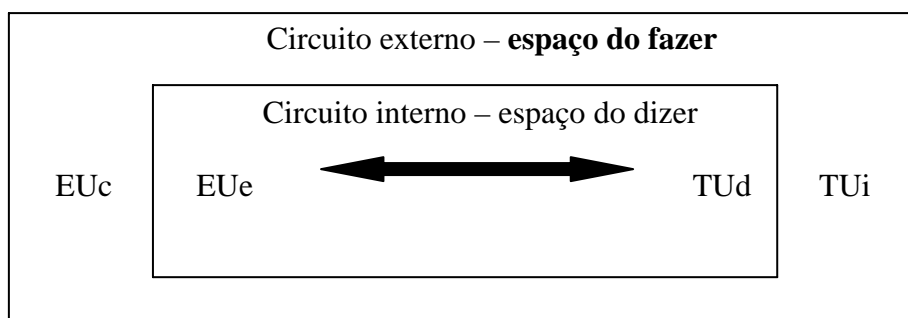
Em sua teoria sobre as interações tecidas pelos sujeitos da linguagem, Charaudeau (2001) indica que o fenômeno da **encenação** do ato de linguagem não se restringe ao espaço do dizer (materializado através do código verbal oral ou gráfico). Como vimos em Benjamin “os fenômenos não se incorporam nas idéias, não estão contidos nelas. As idéias são o seu ordenamento virtual” (Benjamin, 1984). Conforme Charaudeau, a amplitude da encenação do ato de linguagem deve ser observada a partir de dois circuitos: um externo (denominado como o espaço do fazer social) e o interno (designado como o espaço do dizer).<sup>15</sup> A divisão entre esses dois espaços - fazer e dizer

---

<sup>14</sup> O ato de linguagem é um produto de seres psicossociais “que são testemunhas, mais ou menos conscientes, das práticas sociais e das representações imaginárias da comunidade a qual pertencem”, é um fenômeno que combina o fazer e o dizer e corresponde a uma certa expectativa de significação (Charaudeau, 2001).

<sup>15</sup> Como à lingüística e à análise do discurso interessa o texto, o estudo de Charaudeau, apesar de reconhecer outras manifestações languageiras formadas a partir de outros códigos semiológicos, como o gestual (linguagem do gesto) e o icônico (linguagem da imagem), concentra-se no código semiológico verbal oral ou gráfico.

- serve para que Charaudeau localize uma outra divisão: a dos sujeitos da linguagem. Nesse caso, o EU e o TU são encarados não apenas como realidades gramaticais, mas também como complexas realidades participantes de interações em um dado contexto sócio-cultural.



Assim, conforme o quadro exposto acima, de um lado (nos espaços do fazer e do dizer) o sujeito que inicia uma conversação (o EU) é dividido, respectivamente, em comunicante (EUC) e enunciador (EUE); do outro, nesses mesmos circuitos, o sujeito que recebe essa primeira iniciativa (o TU) é dividido, respectivamente, em interpretante (TUI) e destinatário (TUD). Charaudeau nomeia os sujeitos comunicante (EUC) e interpretante (TUI) como **parceiros** e os sujeitos enunciador (EUE) e destinatário (TUD) como **protagonistas**.

Essa distinção (parceiros e protagonistas) serve para pontuar as diferentes formas de participação dos sujeitos no ato da linguagem, já que numa situação específica pode ou não existir simetria entre o pensado pelo parceiro (EUC) e o falado pelo protagonista (EUE). Por exemplo, um funcionário pode concordar com a opinião de seu chefe apenas por conviência (não criar atritos, não colocar o emprego em risco), sem que isso revele o que ele pense sobre o assunto abordado pelo seu superior. A um outro subordinado, o mesmo funcionário poderá revelar o que ficou recalcado na interlocução com o chefe. O objetivo da divisão desses dois circuitos e dos sujeitos é simples:

evidenciar que o espaço do dizer (da enunciação) é uma instância contida dentro da encenação do ato de linguagem, portanto, delinea apenas uma parte do conjunto.

O espaço do fazer desenha o campo situacional da conversação, sendo constituído pela percepção sobre o ritual, pelos estatutos e as regras de comportamento que os sujeitos projetam um sobre o outro (E<sub>Uc</sub> - T<sub>Ui</sub>) e pelas escolhas das estratégias que serão acionadas sobre o assunto (falado ou escrito) em questão. O espaço do dizer é formado pela fala (texto oral ou escrito), onde são lançadas as expectativas sobre a possibilidade de realização de algo (de um tipo de leitura) e de convencimento do outro. Assim, por exemplo, quando nos deparamos com uma carta escrita por um filho a um pai, ao mesmo tempo em que devemos considerar o conjunto de aspectos possíveis (estatutos, regras, escolhas, estratégias) relacionados a esses dois circuitos (fazer e dizer) devemos ter a clareza de que o texto não o traz em sua totalidade. Nele identificamos apenas parte dos aspectos presentes no conjunto da encenação do ato de linguagem. Por isso, segundo Charaudeau, não podemos confundir texto e discurso, isolar o texto do contexto. No fragmento da carta pessoal disposta abaixo, por exemplo, não podemos definir a priori se as intenções do filho em relação ao pai são reais ou não.

Peço-vos pois scientificar-me se recebeo (a última carta) nem só que é a maior tranqüilidade que tenho [é] em receber noticias nossas, como tambem assim saber se o meo Papae conforma-se com os meos diseres, e nada resolvo sem a opinião vossa e da maae, pois não quero faser aquillo que vos não se conformar, quero sempre entrar em acordo com os meos Paes apesar de estar pelos lados estranhos mas isto quando pode-se obter qualquer resultado.<sup>16</sup>

No espaço do fazer os estatutos, as regras e as escolhas construídos (projetados) entre os sujeitos da linguagem desenharam uma relação contratual que é flexível conforme a situação e as circunstâncias. Conforme Charaudeau (2001):

---

<sup>16</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Demóstenes Felinto para Álvaro M. Felinto. Belo Horizonte, 20/nov./1911, 2f, com envelope.

É o caso de encontros entre parceiros em lugares como, por exemplo, bares ou restaurantes; nessas situações, os estatutos dos parceiros não vão depender tanto de categorias profissionais hierarquizadas (patrão/empregado; intelectual/artista/comerciante, etc.), vão depender mais de um estatuto de competência atribuído no momento dos ditos encontros sobre os temas em torno dos quais vai girar a conversação (futebol, política, moda, etc.) (Charaudeau, 2001).

Segundo esse autor, a relação contratual é composta por três componentes: a **psicossocial**, “concebida em termos dos estatutos que os parceiros são suscetíveis de reconhecer um no outro: idade, sexo, categoria sócio-profissional, posição hierárquica, relação de parentesco etc”; **comunicacional**, que configura o “quadro físico da situação interacional: os parceiros estão presentes? Eles se vêem? São únicos ou múltiplos? Que canal – oral ou gráfico – é por eles utilizado? etc”; e **intencional**, conhecimento a priori que cada um dos parceiros possui (ou constrói para si mesmo) sobre o outro, de forma imaginária, fazendo apelo a saberes supostamente partilhados (intertextualidade)”.

A interação entre os sujeitos pressupõe duas questões contidas no componente intencional acima definido: “o que está sendo colocado em questão, com qual intenção de informação?” e “De que maneira isso está sendo veiculado, ou, qual será a intenção estratégica de manipulação (de convencimento)?”. Conforme Charaudeau (2001):

O ato de linguagem pode ser considerado como uma interação de intencionalidades cujo motor seria o princípio do jogo: ‘jogar um lance na expectativa de ganhar’ (realizar, convencer). O que nos leva a afirmar que a encenação do dizer depende de uma atividade estratégica (conjunto de estratégias discursivas) que considera as determinações do quadro situacional.

A utilização das estratégias discursivas demonstra que a performatividade “não é um fenômeno da língua, mas, sim, um fenômeno que diz respeito à encenação do ato de linguagem”. Uma mensagem emitida pelo sujeito enunciador (EUE), por exemplo, pode ser admitida pelo destinatário (TUD) como coerente, convincente. Mas essa admissão pode estar apenas no espaço do dizer, não refletindo uma opinião consciente do sujeito

interpretante (TUi) - como vimos no caso anteriormente exemplificado envolvendo um funcionário e o seu chefe. Assim, a performatividade depende da situação comunicacional e a sua apreensão pode ser ilusória se for tomado como referência apenas o texto (oral, escrito) - o que assinala a importância dos estatutos, regras e estratégias na construção do discurso.

(...) não há simetria entre as atividades do EUc e do TUi. Se o resultado do **processo de produção** (grifo nosso) pode ser estudado através das características da encenação do dizer, configurada no texto (oral ou escrito), o resultado do **processo de interpretação** (grifo nosso) só pode ser captado de duas formas: seja através do texto da interação (e tal captação, por mais interessante que seja, só pode ser parcial), seja de forma psico-experimental, isto é, testando-se os sujeitos interpretantes (...) (Charaudeau, 2001).

Como estamos distantes no tempo dos escritores e destinatários identificados em nossa pesquisa, resta-nos pensar o processo de produção e aventurar pelo processo de interpretação a partir da aproximação entre os textos das missivas, outras fontes documentais e o aporte conceitual selecionado para essa tarefa. A assimetria entre as ações conscientes ou inconscientes dos sujeitos nos espaços do fazer e do dizer, indicada por Charaudeau, é o que nos permite pensar os diferentes papéis, estatutos e relações contratuais assumidos ou produzidos pelos sujeitos da linguagem em suas interações durante a encenação da significação.

Nas diferentes situações que compõem esses espaços (fazer e dizer) o sujeito pode ser (dependendo do ambiente e do papel desempenhado) filho, biólogo, pai, amante, cidadão, músico, investidor da bolsa, surfista, e responder com estratégias e significações diferentes a uma mesma questão abordada nesses distintos ambientes. Por exemplo, a questão sobre o uso de drogas. Portanto, o desafio do sujeito é o de sustentar uma coerente linha de princípios ao atravessar os diferentes espaços sociais por onde circula. O que mais uma vez demonstra a fragilidade de alguns conceitos clássicos

criados em torno do sujeito, como “indivisível”, “autêntico” e “verdadeiro”. A teoria sobre os espaços do fazer e do dizer nos apresenta um mecanismo eficiente para a observarmos os funcionamentos dos princípios implícitos, das regras explícitas, das interdependências entre o sujeito e o meio social, do equilíbrio de tensões e das formações sociais observados por Pierre Bourdier em seus estudos sobre o *habitus*.

Assim, até o momento, evidenciamos duas questões relacionadas aos limites técnicos relacionados às observações das situações e condições de produção das cartas aqui pesquisadas: a impossibilidade de equivalência simétrica entre linguagem e realidade; e o fato do texto (oral ou gráfico) não apresentar todos os aspectos presentes no conjunto da encenação da significação. Somadas, elas geram uma terceira questão: as noções sobre os contextos dentro de uma investigação - as condições de produção - sempre serão parciais, pois passam por processos de seleção, montagem e exposição.

### **3. Capítulos.**

Explícito o aporte teórico passaremos a evidenciar os assuntos trabalhados nos capítulos da dissertação. O primeiro capítulo centra as suas atenções iniciais sobre a ampliação do número dos serviços, linhas e agências dos correios na segunda metade do século XIX e início do XX, a fim de demonstrar o estímulo para a construção do mercado epistolar mineiro. Acreditamos que esse estímulo é importante para pensarmos os suportes (folhas, envelopes) e as redes de sociabilidade (próximas e distantes) formadas pelos missivistas. A estruturação dos correios mineiros é um tema pouco visitado pelos pesquisadores, por isso baseamos as nossas apreensões nas seguintes fontes: Relatórios dos Presidentes Provinciais; os Anuários de Minas Gerais publicados nas duas primeiras décadas do XX; o artigo de Mário Barata, “Aspectos Históricos dos Correios do Brasil”;



a dissertação de Mário Marcos Sampaio Rodarte, “O caso das minas que não se esgotaram (...)”, que analisa o papel dos correios Oitocentistas na trama urbana mineira; e as anotações do professor Marcos Antônio Pinheiro, responsável pela agência dos correios no Distrito de Furquim, cidade de Mariana, no final do século XIX.

Em seguida buscaremos focalizar o descompasso entre os desejos e as possibilidades do enquadramento do município de Mariana no perfil de modernização típico do limiar do século XX. As apropriações de alguns símbolos de modernização recorrentes nessa época (ferrovia, eletricidade, embelezamento, estrutura fabril), visíveis nas atas da Câmara Municipal e nos jornais locais, esbarravam nas dificuldades vivenciadas em Mariana para transformar essas expectativas em realidade. Esse descompasso é responsável, por exemplo, pela busca de novas oportunidades em outras cidades, situação visível em uma série de correspondências. Essa busca dispõe amigos e parentes em lugares distintos e provoca uma substituição da dimensão física pela mediação da linguagem escrita, canal por onde as projeções da memória e das novas realidades transitavam de ponta a ponta entre os interlocutores.

A ausência de pesquisas sobre Mariana no limiar do século XX direcionou essa investigação rumo às atas da Câmara Municipal de Mariana (1892-1915); livros dos Impostos sobre indústrias e profissões (datas-limites 1895-1936); jornais sacros e leigos publicados em Mariana (datas-limite 1901-1933); Anuários de Minas Gerais publicados nas duas primeiras décadas do XX; e registros fotográficos clicados no início do século XX. A carta íntima enquanto um espaço de representação e de apropriação de hábitos e valores, além de um símbolo de “civilidade” e “progresso” nesse período, é o ponto de ligação entre esse e o capítulo seguinte.

No capítulo 2 centraremos as atenções sobre o conjunto de cartas do acervo para que possamos identificar a extensão, a diversidade de interlocutores e a frequência das práticas missivistas relacionadas a certos remetentes; os tipos de suportes utilizados nessa época (folhas, envelopes); os assuntos, formas de tratamentos, rituais, apropriações de valores e as situações de produção. Como estratégia de apresentação evidenciaremos os temas recorrentes através de conjuntos de excertos ou de reproduções totais das cartas, quando acharmos necessário, a fim de pontuar os usos e as finalidades evidenciadas nas práticas epistolares e, em consequência, as diferentes finalidades que as correspondências cumpriam nessa época para os seus autores. Entrelaçaremos os textos das cartas com outros materiais do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, como jornais, revistas e material didático.

No capítulo 3 aproveitaremos a concentração de correspondências e outros artefatos em torno de Armando Lemos e estabeleceremos um procedimento semelhante ao capítulo 2, a fim de destacar as singularidades desse autor em meio a esse acervo. Finalizando, as considerações finais sintetizarão o conjunto das questões e repostas levantadas na investigação.

Os correspondentes aqui presentes desfilam suas impressões de um modo singular, cultivam uma importante forma de comunicação que contribuiu não apenas para o crescimento dos intercâmbios entre os negócios e os capitais, mas também para os exercícios de construção de imagens que percorreram (e percorrem) um ambiente pouco captado pelas esferas oficiais: os espaços das ligações íntimas.

Capítulo I  
Correios mineiros e expectativas de  
modernização em Mariana

## **1.1. Serviços postais em Minas – interiorização / estriamentos.**

Desde a antiguidade, movidos pelas intenções dos seus autores em promover interações, diminuir distâncias, informar, suprimir e dissimular, os textos missivistas cumprem uma importante função na formação das relações sociais, e contribuem para os processos de (re)significação das culturas sobre o espaço, tempo, memória e o outro. Na região mediterrânea os suportes, os meios de transporte e as extensões territoriais percorridas pelas correspondências modificaram-se no tempo, passando pelas “lâminas ou tabletes de cera” - utilizados pelos gregos e romanos -, o “papiro ou charta”- conhecidos desde Alexandre Magno (356 a.c.- 323 a.c.) -, o papel - que teve crescente difusão na Europa a partir do século XIV -, até a contemporânea revolução digital que vem provocando uma rápida alteração tanto na forma de registro do inscrito quanto nas formas de acessibilidade e práticas de leitura (Vasconcelos, disponível em [www.rbleditora.com](http://www.rbleditora.com). Acesso:10/08/2005; Chartier, 2003).<sup>17</sup>

Elaborada em 1500, a emblemática carta de Pero Vaz de Caminha expressa como as crônicas das viagens oceânicas haviam ampliado os marcos, os caminhos e os intercâmbios percorridos pela escrita desde a Antigüidade; ressalta a importância que as missivas representavam para os crescimentos dos mercados comerciais marítimos, auxiliando na circulação das notícias e nas extensões dos tráficos de produtos, seres, objetos e informações (Ferronha, 1992); e registra parte dos impactos causados pelos encontros e choques entre os valores e hábitos de culturas diferentes. Três pontos que atravessaram o olhar do escrivão durante os desembarques dos portugueses no sul da Bahia:

Entre todos estes que hoje vieram (à celebração da primeira missa) não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa e a quem

---

<sup>17</sup> Vide endereços como: <http://1001cartasdeamor.terra.com.br/> e <http://www.jurisway.org.br/v2/modelos.asp>.

deram um pano para que se cobrisse; e o puseram em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior, com respeito ao pudor.

Ora veja, Vossa Alteza, quem em tal inocência vive, se se converterá, ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação (Caminha, 1985).

As imagens sobre esse “novo mundo” abriram as picadas para a inclusão de novos roteiros às redes do comércio imperial português. Nesse sentido, as investigações sobre a produção de cartas (oficiais, comerciais e pessoais) e as tentativas de estruturação dos serviços postais na América Portuguesa e Brasil Império poderão contribuir para a análise das formas de interações, das composições das redes de sociabilidade e da presença do Estado (fraca ou forte) em diferentes regiões do Brasil nesses períodos (Priore, 1997; Furtado, 1999). Nesse texto o foco é mais curto. Desejamos evidenciar a interiorização e os estriamentos (rotas) dos serviços postais em Minas no século XIX e início do XX, a fim de visualizarmos os investimentos oficiais e privados na formação das linhas e agências dos correios, os estímulos à produção missivista e a sua significação social como “elemento do progresso” no limiar dos Novecentos.

O crescimento e a interiorização dos serviços, linhas e agências postais brasileiros encontraram no século XIX um divisor de águas. Nessa centúria, os investimentos na estruturação de um mercado epistolar dinamizaram e estimularam os intercâmbios nas esferas oficiais, comerciais e íntimas. Em Minas Gerais, por exemplo, entre 1830 e 1912, o número de agências saltou de 18 para 871 unidades, expressando, sem dúvida, o valor que esse meio de comunicação adquiriu na fase imperial e no início da República. A observação desses incentivos é importante em nossa reflexão sobre os tipos de suportes, finalidades e redes de sociabilidade formadas pelos missivistas detectados no acervo estudado, sobretudo quando adicionamos a essas práticas informações sobre a alfabetização em Minas nas primeiras décadas do século XX.

Quais eram os interesses estatais e privados envolvidos na organização dos postos e linhas dos correios mineiros nos Oitocentos e no início da centúria posterior? Quais os usos que a sociedade fazia desses serviços? Como interligavam o território mineiro? Como os estudos sobre os correios podem ampliar a nossa visão sobre as práticas e os intercâmbios epistolares oficiais, institucionais, comerciais e íntimos? Esse conjunto de questões ainda encontra-se pouco respondido, pois, aparentemente, ainda existe uma pequena curiosidade sobre os correios enquanto meio de comunicação, quer seja na fase colonial, imperial ou republicana.

Nesse terreno encontramos duas exceções: um artigo de Mário Barata, publicado em 1963; e a dissertação de Mário Rodarte, defendida em 1999. Barata retrocede ao século XVII para fixar dois importantes marcos na história dos serviços postais na América Portuguesa: a criação do Correio do Mar do Brasil (1663) e o Correio-Mor de terra do Brasil (1666). Ambos, segundo o autor, apresentavam resultados ineficientes enquanto sistemas de comunicação. O serviço de transporte feito por terra, além de deter o pior desempenho, enfrentava a “concorrência” das tropas de muares e condutores de gados, responsáveis pelos circuitos (longos ou curtos) dos intercâmbios de mercadorias. Além, é claro, de particulares, comerciantes ou viajantes que também transitavam entre a faixa litorânea e o interior.

A estruturação dos correios (ou de transportes regulares não oficiais entre lugares) está intimamente ligada aos aquecimentos dos termômetros econômicos, já que esses fenômenos produzem concentrações populacionais, aumentam as redes comercial e produtiva e ampliam os intercâmbios de objetos e informações. No princípio dos setecentos, por exemplo, após a fase inicial da mineração aurífera em Minas,

negociantes do Rio de Janeiro reclamavam sobre a ausência de um correio regular ligando o litoral carioca aos arraiais, freguesias e às primeiras vilas mineiras. A noção dos reclamantes sobre a utilidade e a amplitude dos serviços postais pode ser captada nesse texto:

[Em 1711,] 72 homens de negócios do Rio representavam ao Senado da Câmara do Rio a pedir que haja casa do correio-mor naquela cidade por ser muito **conveniente ao bem comum e boa arrecadação** das cartas (grifo nosso), para por este caminho assegurar-nos as nossas correspondências, assim para o **Reino**, como para as **Minas** (grifo nosso)... (Godofredo Ferreira apud. Barata, 1963).

No entanto, a expectativa de um correio organizado e eficiente perdurou durante os setecentos, como pode ser percebido na Exposição de 1780 do Governador D. Rodrigo José de Menezes:

(...) seria (importante) estabelecer tanto no centro da Capitania, como para todas as que circundam, um Correio regular (...) Este estabelecimento, que logo à primeira vista deixa perceber a utilidade que dele resultaria à Fazenda Real, é tão necessário, que muitas vezes sucede **perderem-se negócios importantes** (grifo nosso) por não haver quem leve uma Carta, ou são obrigados os interessados neles a sacrificar-se à considerável **despesa de um expresso, que vai com vagar**, (grifo nosso) e risco de ser atacado por malévolos, a quem convenha a demora ou perda total de negócio (Menezes, 1897 apud. Rodarte, 1999).

Quase duas décadas depois, em 1797/1798, foi instituído o novo processo de organização interna e externa dos correios terrestre e marítimo na América Portuguesa. Serviços que foram melhor regulados em 1805 e, após o processo da independência, em 1828, 1829, 1830 e 1831 (Raimundo José da Cunha Matos, 1979 apud. Rodarte, 1999). Em 1817, o comerciante inglês John Luccock, em sua viagem entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, descreveu a chegada de um condutor de malas postais ao Registro de Matias Barbosa:

Enquanto estávamos almoçando, chegou a mala postal do Rio de Janeiro. Vinha num saco de algodão, carregado no lombo de um preto que **viajava a pé, maneira de viajar que se reputava a mais rápida** (grifo nosso). Não trazia arma de espécie alguma e, embora assinalasse por **um vasto tricórnio e jaqueta azul de gola vermelha** (grifo nosso), viajava confiante e não parecia ter idéia alguma de desonestidade (Luccock, 1975).

Luccock analisava, assim, o correio do Rio:

(...) mantém comunicações com todos os pontos dos domínios portugueses, mas **a remessa é tardia e a entrega incerta** (grifo nosso). A fim de obviar a tais inconvenientes, a parte remetente tem a faculdade de **dar um valor à sua carta, pondo-a no seguro a troco de determinado prêmio** (grifo nosso), mas mesmo isso resulta inútil por causa do espírito tacanho do povo e seu estreito formalismo.

Mário Rodarte (1999), tomando como referência os “fluxos de comunicação” promovidos pelos correios, estudou a conformação e as inter-relações comerciais entre as cidades (vilas) mineiras oitocentistas. Esses fluxos, segundo o autor, seriam importantes indícios sobre as trocas existentes na rede urbana mineira do XIX. Entre outras fontes, Rodarte utilizou os recenseamentos de 1830 e 1872 e a documentação sobre os correios existente no Arquivo Público Mineiro.<sup>18</sup> No período pesquisado pelo autor, o número de postos passou de 18 para 123 unidades. Um *click* sobre essa temporalidade pode ser percebido na Ata da Câmara de Mariana de 11 de julho de 1831:

O Snr. Figueiredo indicou q se extendesse tambem ás duas povoaçoens de **Cattas Altas e Inficcionado** (grifo nosso) a requizição feita pelo Juiz de Paz do **Furquim** (grifo nosso) sobre o giro do Correio, e posta a discussão, resolveo se offciar também aos Juizes de Paz destes Districtos p<sup>a</sup> q **gratuitamente** (grifo nosso) se encarregue a administração do mesmo Correio nesses lugares (e) possa a Camara contemplar mais esses Arraiaes.<sup>19</sup>

As aberturas e as conexões entre as agências dependiam da criação das linhas postais que, em boa parte, eram arrematadas por particulares em leilões públicos. No “Termo de Arrematação dos Correios” eram indicados o valor da arrematação, as condições de pagamento e a aplicação de multas, “sendo perdoadas as demoras ocorridas por ‘falta de Pontes em rios caudalosos, innundações, etc’” (Rodarte, 1999). Os condutores eram denominados como “pedestres”, quando fazia o transporte a pé, ou “estafetas”, quando

---

<sup>18</sup> No pré-projeto dessa pesquisa encaminhado à banca de seleção, o Fundo Secretaria do Governo-Província, Sub-Série Correios foi relacionado como área potencial de estudos sobre os correios oitocentistas em Minas. O contato posterior com a dissertação de Mário Rodarte, que focaliza os serviços dos correios entre as décadas de 1830 e 1870, contribuiu para a visualização das formas de organização e conexão das linhas e agências mineiras no XIX.

<sup>19</sup> AHCM. Câmara Municipal, Atas das sessões da Câmara Municipal de Mariana: códice 641 (1831-1834).



utilizavam cavalo. Dependendo do movimento da linha também eram utilizadas mulas, denominadas como “cargueiros”. No século XIX, existiam ainda os caminheiros, “que eram contratados pelas agências e câmaras municipais para o envio de ofícios, quando estes eram urgentes”.

Para Rodarte as linhas e agências estruturadas na primeira metade do XIX foram criadas para diminuir a “carência de comunicação regular e institucionalizada entre a Capital do Império com Minas Gerais, e principalmente, com o seu maior centro político e econômico, Ouro Preto”; os “trajetos dos Correios não cumpriam a tarefa de comunicar as várias regiões de Minas entre si, mas sim de comunicar cada lugar dessa Província com Ouro Preto e a Corte”; e refletiam “baixa integração das localidades ao norte da Província, *vis a vis* ao sul”; “os Correios favoreciam a comunicação sul-sul e norte-sul, mas não norte-norte, do tipo Paracatu-Januária”. Na segunda metade dos Oitocentos são “criadas ramificações sobre os percursos mais antigos que complexificaram a circulação de informações dentro da província mineira” e “reforçaram as principais características já apontadas no início dos Oitocentos”; os melhoramentos dos Correios concentravam-se na “porção meridional”, devido à sua expressão econômica e proximidade com a Corte e São Paulo; no âmbito da “circulação interprovincial” destacam-se o acréscimo da linha que ligava Minas ao Espírito Santo e a ausência de comunicação oficial, via correios, entre o norte de Minas e a Bahia. A pesquisa de Rodarte encerra o seu recorte temporal (e conclusões) tomando como referência o ano de 1872.

A utilização dos Relatos dos Presidentes das Províncias e dos Anuários de Minas Gerais publicados nas duas primeiras décadas do XX nos permite visualizar os novos crescimentos das agências mineiras. A tabela 1, disposta na página seguinte, indica um

salto no número de postos dos correios entre 1870 e 1888, passando de 123 para 557 unidades. Esse expressivo aumento está conectado ao avanço das instalações dos trilhos ferroviários, à implantação de fábricas de diferentes ramos e à emergência dos setores médios - mudanças que caracterizaram, além de outras províncias, o último quartel do XIX mineiro (Diniz, 1981).

Tabela 1  
Aspectos sobre os correios em Minas entre 1830 e 1918.<sup>20</sup>

Ano	População (Minas Gerais)	Agências	Movimentos		Despesa	Receita
			Malas	correspondências		
1830	900.000	18		-	-	-
1861	-	72		-	48.879#402	18.985#039
1865	1.620.190	-		-	-	-
1870	-	123		-	-	-
1882	2.647.845	-		-	265:258#000	157:021#990
1888	3.018.807	557			229:114#210	228:750#458
1896	3.424.330	632	662.123	7.126.784	-	-
1900	4.277.400	-		-	-	-
1906	4.178.579	733		-	-	-
1907	4.284.770	831	1.801.595	37.197.330	-	-
1912	4.857.604	871		-	3.999:246\$413	4.304:207\$356
1914	5.107.637	-		-	8.621:808\$971	12.538:177\$646
1918	5.646.973	880		-	-	-
1920	5.888.174	-		-	-	-

Em 05 de agosto de 1874, a carta de Álvaro Felinto, jovem negociante da Freguesia de São Caetano, demonstra como a presença dos correios, além de encurtar as distâncias e facilitar a comunicação, trazia a necessidade de adaptação a novas práticas e costumes.

Amanha vou me embarcar para Corte se Deos quizer e levo o compadre João Gunnes somentes para sua tranquilidade, porque tenho companheiros conhecidos que embarcam tambem amanha (...). Vosmice me mande suas notiçias, e quando escrever que seja [em nome] de Amorozo e Cirqueira, nº56, [Rua de São] Pedro.(...) vosmicê **não mande ellas (as cartas) por**

<sup>20</sup> Esses dados se baseiam nas informações de Mário Rodarte (1999), nos Annuarios de Minas Gerais de 1906, 1907, 1911 e 1918, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, no Anuario Estatistico de Minas Gerais de 1921, Anno I, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1925 e nos Relatórios dos Presidentes da Província de Minas Gerais. Disponíveis no endereço: <http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil/index.html>. Acesso em: 06/2003. Os campos vazios na tabela referem-se à não localização de informações sobre os devidos campos nos respectivos anos.

**correio sem estar selladas porque não sendo assim eles recebem a carta e não envião** (grifo nosso).<sup>21</sup>

A obviedade em relação aos selos, nesse caso, expressa também um cuidado, pois, conforme o aviso publicado no Almanach Sul-Mineiro de 1874, “As cartas com porte insuficiente ou sem ele, serão expedidas pelo correio; cobrar-se-á, porém, do destinatário o dobro da taxa que for devida”.<sup>22</sup> Nessa missiva expedida de Juiz de Fora, Álvaro Felinto avisa sobre o local (uma loja comercial) onde ele receberia as correspondências durante a sua estadia no Rio de Janeiro.

Na década de 1880, entre os 557 postos citados anteriormente, encontrava-se a agência da Freguesia de Furquim, situada próximo a São Caetano, em Mariana, que funcionava sob a responsabilidade do Professor Marcos Antônio Pinheiro. Em suas esparsas anotações em dois livros de crônicas, 1878-1884 e 1884-1901, é possível colher algumas informações sobre o movimento dos correios nessa localidade.<sup>23</sup>

No exercício de 1881 a 1882, a Agência do correio deste lugar vendeu **1032 sellos** (grifo nosso) na importancia de 103#200 reis; e no exercício de 82 a 83 vendeu a mesma agencia **1210 sellos** (grifo nosso) na importancia de 121#000 reis.

A Agencia do correio d’esta freguesia expediu durante o 2º trimestre do exercicio de 1883 a 1884 a correspondencia seguinte: 24 officios, 1 bilhete postal; **38 cartas** (grifo nosso) , 7 objectos registrados e 7 ditos com valor.

A tabela 1, anteriormente exposta, demonstra entre 1896 e 1912 um novo impulso no crescimento do número de agências, passando de 632 para 871 unidades; bem como, uma tendência de estabilização que prossegue até 1918. Percebe-se, ainda, a partir de 1912, um saldo positivo no balanço dos correios, revertendo o constante cenário desfavorável desses serviços nos Oitocentos. Os investimentos na estruturação e

---

<sup>21</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Álvaro Felinto para sua mãe (não identificada). Juiz de Fora, 05/agost/1874, 1f, s/env.

<sup>22</sup> Almanach Sul-Mineiro. Organizado, redigido e editado por Bernardo Saturnino da Veiga. 1874.

<sup>23</sup> AEAM. Livros de Tombo nº 25 (1878-1884) e 26 (1884-1901), Chronicas do professor Marcos Antônio Pinheiro.

ampliação dos correios sincronizava-se com a invenção de novas tecnologias de comunicação como o telégrafo, presente no Brasil desde 1852, e o telefone, que passou a incrementar a sua rede a partir do início do século XX.

Nas primeiras décadas dos novecentos, os correios haviam consolidado a sua imagem como um importante signo dentro das novas representações de “civilidade” e do viver urbano. Importância assinada pelo Anuário de Minas Gerais de 1906:

E não só a escola, mas também o **correio**, o telégrafo, o fórum, o caminho de ferro, são **elementos de progresso** (grifo nosso) que a maioria das cidades, vilas e povoações do Estado de Minas já possuem, principalmente nas zonas sul, oeste, triângulo, centro e norte do Estado.<sup>24</sup>

Os correios ingressaram no século XX mais amplos, conectados e lucrativos. Porém, nessa época, qual era o perfil do público que consumia os serviços postais em Minas Gerais? Qual era a sua dimensão? Essa é uma questão difícil de ser respondida. Até o momento, apenas podemos inferir o seu tamanho a partir dos números da alfabetização em Minas no início do XX.

Em 1900, conforme a tabela 1, a população de Minas chegou a 4.277.400 habitantes. A taxa de alfabetização no Brasil e em Minas, conforme Sônia Gomes (1983) girava em torno de **25%** da população. Se levarmos em consideração apenas a população acima de 15 anos, essa taxa em Minas sobe para 34,1%. Quer dizer, na virada para o século XX, 7 entre 10 pessoas não sabiam ler ou escrever. Segundo Nelson de Senna, que dirigiu algumas edições do Anuário de Minas Gerais, o investimento em políticas públicas na área de Educação passou de 1.062:935\$000 para 3.559:590\$531, entre 1889 e 1909. Portanto, triplicando na primeira década republicana. Em 1910 os investimentos na Educação chegaram a 101.605 alunos, no entanto, a demanda, conforme o diretor do

---

<sup>24</sup> Anuários de Minas Gerais de 1906, Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1906.

anuário, era de 800.000 crianças: “(...) segue-se que muita coisa ainda há a fazer, neste particular”, assinalava Nelson de Senna, diante dessa defasagem.

O Recenseamento de 1920 nos permite verificar a situação da alfabetização em Mariana, incluindo a Freguesia de São Caetano. Em primeiro lugar, entre 1890 e 1920, nota-se uma queda significativa (**28%**) no número de habitantes em Mariana, diminuindo de 56.404 para **40.563**.<sup>25</sup> O município perdeu quase 1/3 de sua população, devido à emancipação das freguesias de Paulo Moreira e N. Sra. Da Saúde e à migração de parte dos moradores para novas praças.<sup>26</sup> O Distrito de São Caetano, conforme esses mesmos recenseamentos (1890-1920), diminuiu de 6.107 para 1.854 habitantes, portanto, tomando como referência esses dois censos, praticamente 2/3 dos moradores migraram em três décadas. Ainda não foi possível estabelecer uma relação sobre o impacto dessa migração nas áreas urbana e rural de São Caetano, no entanto, essa busca de novas oportunidades - que acabou estimulando a necessidade do contato à distância e a utilização da correspondência pessoal - é um dos principais aspectos do acervo de cartas aqui pesquisado. Esse ponto será trabalhado no próximo capítulo. Em relação à alfabetização em Mariana, o domínio da escrita e da leitura atingia 14.761 (**36,3%**) dos **40.563** habitantes, sendo **8.824** homens (59%) e **5.937** mulheres (40%). Em Minas, nesse mesmo período, esse número continuava em torno de 25,5%, semelhante à taxa nacional (Gomes, 1983).

Em 1920, segundo os dados acima expostos, 1/3 da população de Mariana era letrada, existindo uma certa proximidade entre os números para os públicos masculino e feminino. Na Freguesia de São Caetano, entre os 1.854 habitantes 821 (**44,2%**) eram alfabetizados, quase metade da população local. Sendo 453 homens (55,1%) e 368

---

<sup>25</sup> Anuario Estatístico de Minas Gerais de 1921, Anno I, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1925.

<sup>26</sup> Em 1890 as freguesias de Paulo Moreira e Nossa Senhora da Saúde tinham, respectivamente, 9.715 e 3.201 habitantes. Totalizando **12.916** moradores. Anuario Estatístico de Minas Gerais de 1921, Anno I, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1925.

mulheres (44,8%), e a maioria acima dos 15 anos de idade. Esses **44,2%** de alfabetizados apresentam-se acima do índice municipal (**36,3%**) e estadual, que girava em torno de **25,5%**. Esses números demonstram que as 60 cartas pessoais pertencentes ao Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, escritas nas duas primeiras décadas do século XX, configuram-se num raro e significativo grupo de amostras sobre a produção epistolar na região de Mariana nessa época. O que justifica o nosso interesse pelos suportes, itinerários, assuntos, finalidades e redes de sociabilidade criados pelos autores dessas missivas.

O próximo ponto pretende reunir algumas informações sobre a vida social e econômica em Mariana durante as primeiras décadas do século XX, a fim de construir um quadro contextual panorâmico, limitado, mas eficiente para pensarmos o período de produção dessas missivas.

## **1.2. Mariana: circulação de expectativas.**

A ausência de estudos sobre a sociedade de Mariana no limiar do século XX direcionou essa investigação rumo a fontes que proporcionassem uma visão sobre formas de representar a cidade (fotos, textos em jornais, poemas), os tipos de negócios ativos no município e as apropriações de certos signos de modernização no imaginário social local (ferrovia, eletricidade, estrutura fabril e as novas configurações da estética urbana presentes na *belle époque*).<sup>27</sup> Focalizando preferencialmente a Sede Mariana e o Distrito de São Caetano. Aliada a essa visualização, buscamos perceber como as possibilidades e as dificuldades concretas de verter em realidade os chamados “elementos do

---

<sup>27</sup> Conforme Fransérgio Follis (2004) a *belle époque* “(...) se caracteriza pela expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas.”

progresso” poderiam nos falar um pouco mais sobre o cotidiano na cidade, nos aproximando das situações e circunstâncias registradas nas correspondências.

### 1.2.1. A cidade como um texto: representações na e sobre a cidade.

No Anuario de Minas Gerais de 1918, o professor marianense José Cypriano Soares Ferreira, que residia na cidade de Barbacena, publicou um pequeno estudo sintético sobre a história da bicentenária Mariana. O seu texto evidencia figurações recorrentes sobre o município nessa época.

Embora **pequenina e pobre, decahida** (grifo nosso) que seja de sua antiga opulência e do seu passado glorioso, humilde e modesta hoje, **sem poder ostentar o fausto ruidoso dos grandes empórios de commercio e industria** (grifo nosso), a terra que nos servio de berço, assim mesmo sem o movimento e as riquezas de outr’ora, tem sempre para nós, seus filhos dilectos, encantos especiaes e sítios aprasiveis, que ainda de longe nos enlevam a vista, que se alonga saudosa através dos horizontes.<sup>28</sup>

A imagem construída no texto do professor José Cypriano assemelha-se, em parte, a um contraponto presente até a algumas décadas nos estudos sobre o urbanismo: a separação das cidades entre as que estavam imersas ou à margem das ações de modernização no limiar do século XX. Dualismo perceptível, por exemplo, no livro “As cidades e as idéias”, escrito por José Luís Romero (2004):

O típico das cidades **estagnadas ou adormecidas** (grifo nosso) não foi tanto a intacta permanência de seu traçado urbano e da sua arquitetura quanto a permanência de suas sociedades. De fato, nelas conservavam-se as velhas linhagens e os grupos populares tal como se haviam constituído nos distantes tempos coloniais ou na época patricia. Pouco ou nada mudara e, por certo, nada estimulava a transformação da estrutura das classes dominantes, a formação de novas classes médias, nem a diversificação das classes populares.

Romero (2004) elege como foco de estudo o crescimento das cidades latino-americanas a partir da década de 1880, sobretudo as capitais e as urbes portuárias. O autor evidencia como o êxodo rural, a imigração e os investimentos nos campos da produção, do

---

<sup>28</sup> Anuarios de Minas Gerais de 1906, 1907, 1911 e 1918, Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

comércio e da especulação reinventaram os espaços das cidades, construindo novas maneiras de promover encontros, resistências e misturas dentro das culturas urbanas latinas. O autor demonstra que a vida nessas “metrópoles modernas” possibilitaram novas ligações, relações e mobilidades dentro dos setores sociais. Nesse sentido, ele divide as cidades latinas em dois campos: o primeiro é formado pelas capitais e portos, focos centrais dessas dinâmicas de mudanças; e o segundo, pelas "cidades estagnadas".

Houve regiões que não puderam atender ao chamado, e as suas cidades ficaram fora dos novos circuitos econômicos que se formavam. Essas cidades estagnaram e apareceram ainda mais estagnadas em comparação com aquelas que começaram a prosperar aceleradamente (Romero, 2004).

O foco dos estudos sobre as culturas urbanas que passaram por um impactante processo de industrialização e concentração populacional acabou deslocando para um segundo plano as apropriações dos processos de modernização nas urbes que desejaram, mas que encontraram dificuldades para se inserirem nesse novo modelo de urbanização. Essa figuração dual entre “cidades modernizadas” e “cidades estagnadas”, utilizada por Romero, esbarra no risco de anular as vias de assimilação dos "símbolos de modernização" nesse segundo grupo de cidades. Tornando estático algo que tem uma dinâmica própria. Risco que a historiografia contemporânea parece ter compreendido ao lançar novos olhares sobre as experiências vivenciadas nas urbes.

Sandra Pesavento (2004) evidencia três tipos de perspectivas relacionadas às pesquisas sobre a cidade: a quantitativa e evolutiva, a marxista e, a mais recente, a noção de uma história cultural urbana. Segundo essa autora, a ausência de “reflexões maiores sobre o fenômeno da urbanização”, explícita na primeira, e a limitação da cidade enquanto o “*locus* da acumulação de capital”, perseguida pela segunda, vêm sendo revistas pela



terceira perspectiva.<sup>29</sup> A história cultural urbana tem acrescentado novos elementos às abordagens econômicas e sociais ao considerar as distintas formas de percepção, identificação e atribuição de significados dentro do ambiente urbano.

Maria Matos (2002), ainda no campo historiográfico, agrupa as pesquisas sobre as cidades em três temas: a cidade-questão; a cidade-documento; e a cidade-memória. A primeira configura-se pelos estudos que reproduzem ou analisam as constituições dos discursos funcionalistas de racionalização, embelezamento e higienização, empreendidos nos séculos XIX e início do XX. Discursos que encontraram na reforma parisiense hausmanniana, em meados dos oitocentos, uma referência para as suas traduções e apropriações. O foco da cidade-questão, segundo a autora, ora “reproduz, sem muita crítica, o discurso característico das fontes oficiais”, ora deseja “recuperar a historicidade desse processo” pensando “a noção de urbano e os adjetivos sobre a cidade como categorias instáveis”. Essa instabilidade e ambivalência é o que permite emergir o tema da cidade-documento. Conforme Matos (2002):

A paisagem urbana vai-se impondo como um documento a ser lido, como um texto a ser decifrado. Cabe ao investigador entender esse emaranhado de tempos-espacos e memórias, recuperar as várias camadas e as relações entre elas decifrando seus enigmas, como uma arqueologia social da cidade.

A cidade-documento e a cidade-memória alimentam-se mutuamente, fazem emergir experiências sociais até então silenciadas, elencam novos tipos de registros documentais e expandem as noções sobre as eleições dos espaços de memória. A cidade como um texto, ou de uma forma mais ampla, como um conjunto de experiências e discursos (textos e contextos) produzidos dentro dos ambientes de trocas, encontros, resistências, superposições e misturas constituídos pelos atores e grupos sociais. A cidade, os seus

---

<sup>29</sup> É necessário ressaltar que a perspectiva marxista ortodoxa tem o crédito de destacar a urbe como um espaço onde embatem-se diferentes interesses.

signos e as múltiplas redes de significações que aplicam e renovam leituras, que se envolvem e, cotidianamente, reconstróem a urbe, física e simbolicamente. Em meio a essas perspectivas a cidade é desabrigada de seu centro, de sua artificial estabilidade, passa a ser criada a partir de vários pontos, a ser conjugada no plural. Diante desse quadro é necessário perguntar: a partir de quantas entradas (acessos) podemos experimentar a cidade? Como pensar (objetivar) os seus fenômenos e as suas práticas culturais? Como mergulhar em sua complexidade?

As diferentes formas de representar e ler “a” ou “na” cidade e as seqüências de mudanças perceptíveis no tempo indicam que a urbe transforma-se concreta e semanticamente. Essa atualização não se processa mecanicamente, ela perpassa as recepções e os embates que emergem entre os discursos de permanências e transformações dos valores, hábitos e costumes. Por isso, em Walter Benjamin, as idéias sobre o que seja moderno, modernizador ou modernidade não se prendem a um modelo ou a um tempo, elas sempre são passíveis de serem reinventadas e de renovarem noções (Gagnebin, 1999).

Em “Paris, capital do século XIX”, por exemplo, esse autor divide o texto em pequenos temas que fazem alusão à fragmentação dos espaços e do viver urbano nessa cidade e, ao mesmo tempo, busca emergir dessa diluição uma idéia-síntese. Em Benjamin, a Paris em pedaços costura-se a partir de pequenas mônadas, sínteses, que desejam provocar no leitor uma dupla sensação de deslocamento temporal e espacial: a observação do objeto no tempo e do tempo no objeto (Gagnebin, 1999). Sensações assumidamente incompletas e não fechadas, como reitera o autor, já que as perguntas e respostas do presente sempre auxiliam no redesenho do passado (Benjamin, 1985). A cidade, as

galerias, os interiores das casas, os panoramas, as ruas e os seus atores sociais são elementos dispersos que funcionam entrelaçados, movimentam-se pelas tramas da cidade (e do pesquisador), tramas que estão longe de lembrar as engrenagens mecânicas das máquinas dos ambientes fabris. Pois não são apenas físicas, mas também simbólicas, psicossociais.

É nesse sentido que Benjamin reitera a idéia de que para o pesquisador do materialismo histórico nada pode estar perdido, já que nem o silêncio escapa às práticas de seleção, montagem e exibição (Pollak, 1989). Por isso é necessário perguntar: qual cidade se mostra? Quem mostra a cidade? As respostas a essas perguntas é o ponto de partida para a percepção da dispersão e do entrelaçamento urbano, já que a cidade é permanentemente construída e reconstruída dentro do imaginário social e a sua (re)significação está ligada ao *locus* social e aos horizontes culturais dos agentes que a exprimem.

### **1.2.2. Mariana no limiar do século XX:**

#### **rede produtiva e discursos de modernização.**

As localidades mineiras constituídas a partir do *boom* inicial da mineração setecentista transformaram-se em importantes palcos para a observação de diversos temas relacionados à complexidade da formação social em Minas, como a administração colonial, a diversidade produtiva e econômica, a extensão das redes comerciais, o mundo do trabalho e a materialidade cotidiana (Furtado, 1999; Meneses, 2003).

O Termo de Mariana, devido ao diversificado conjunto documental disponível nos espaços de memória localizados na Sede e ao seu significativo papel enquanto centro

político, religioso e educacional nos Setecentos e Oitocentos, tornou-se uma referência recorrente na historiografia mineira. No entanto, em meio a essa profusão de investigações é perceptível uma tendência de concentração das lentes acadêmicas sobre as experiências vivenciadas no século XVIII, estendendo-se, em alguns casos, até meados do XIX. Realidade que deságua na impossibilidade de contarmos com análises sobre o município no período destacado nesse trabalho. Em relação aos estudos específicos sobre a cidade de Mariana podemos citar, por exemplo, os trabalhos de Francisco Eduardo Andrade (1994), “A enxada complexa: roceiros e fazendeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX”, Sônia Maria de Magalhães (2004), “A Mesa de Mariana: Produção e Consumo de Alimentos em Minas Gerais (1750-1850)”, e as duas edições do “Termo de Mariana”, publicados em 1998 e 2004.

No XIX Mariana expandiu as suas fronteiras agropecuárias e articulou-se às novas dinâmicas da economia mineira, contribuindo para a alimentação dos mercados local, regional e intraprovincial, a partir do aumento da demanda por matéria-prima e bens manufaturados (como os tecidos grossos e as peças de ferro) no centro-sul brasileiro. Demanda que acarretou, por exemplo, a necessidade de ampliação dos plantéis de mão-de-obra escrava (Andrade, 1994, Magalhães, 2004).

Na última década do XIX, o número de habitantes na Sede de Mariana era menor que em algumas de suas freguesias. Enquanto a Sede somava junto à freguesia de Passagem cerca de **4.751** habitantes, a Freguesia de Furquim apresentava **8.410**; a Freguesia de Paulo Moreira, **9.715**; a Freguesia de Barra Longa, **8.760**; a Freguesia do Sumidouro,

7.808; e a região da Freguesia de São Caetano, 6.107.<sup>30</sup> Nessas freguesias, não por acaso, concentravam-se os principais produtores de açúcar, rapadura e aguardente do município nesse período. Em 1894, Furquim e Barra Longa, por exemplo, tinham, respectivamente, 36 e 32 fazendas com engenhos movidos a boi ou a água - o que demonstra um traço de continuidade no perfil da economia marianense, bem como a importância dessa atividade no desenho produtivo da cidade na virada para o século XX.<sup>31</sup>

A leitura dos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões produzidas nessa época, presentes no Arquivo da Câmara Municipal de Mariana, nos permite visualizar a inserção de novos ramos de negócios no conjunto das tradicionais atividades da rede econômica da cidade (extração aurífera subterrânea, agropecuária, beneficiamentos da cana-de-açúcar e do milho, tropas, casas de negócios, ranchos e pastos de aluguel).<sup>32</sup> Entre 1889 e 1919 são arroladas atividades como fábricas de massas, bebidas, sabão, fumo, vassouras e gás acetileno - essa última situada na Freguesia de São Caetano -, fotógrafos, tipografia, livraria, cinematographos e agências de jornais. No Distrito de

---

<sup>30</sup> Em 1877 os trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina chegaram ao povoado de N. Sr.<sup>a</sup> da Saúde, que divisava com a Freguesia de Paulo Moreira, ambos pertencentes ao perímetro de Mariana. Um grupo de fazendeiros da região conseguiu levantar o capital necessário para a construção de uma fábrica de tecidos nessa freguesia. Articulado o montante foi adquirida a Fazenda do Engenho, cujos terrenos e benfeitorias passaram a constituir o patrimônio da construtora da **Fábrica de Tecidos Rio do Peixe**. Essa fábrica pertenceu por pouco tempo ao município de Mariana, já que a freguesia foi elevada à categoria de Vila (município) em 1891, passando a ser denominada como Alvinópolis. Lembramos que O Distrito de São Caetano, conforme os recenseamentos de 1890 e 1920, diminuiu de 6.107 para 1.854 habitantes, portanto, praticamente 2/3 dos moradores migraram em três décadas.

<sup>31</sup> AHCMM. Câmara Municipal, Coletoria Estadual, Impostos sobre Indústrias e Profissões, códice 612 (1889-1948). Das 36 unidades de Furquim, 23 eram movidas por bois e 13 pela força hidráulica. Das 32 unidades de Barra Longa, 11 eram movidas por bois e 21 pela força hidráulica. Utilizando, portanto, antigas tecnologias no processo de produção do açúcar, aguardente e rapadura.

<sup>32</sup> AHCMM. Câmara Municipal, Coletoria Estadual, Impostos sobre Indústrias e Profissões: códices 612 (1889-1948), 119 (1895-1900), 05 (1919), 511 (1926-1928) e 794 (1928-1936). Rancho para tropas e aluguel para pasto eram espaços (estruturas) utilizadas desde o período colonial para o descanso dos viajantes, abrigo para as mercadorias transportadas e alimentação dos animais.

São Caetano, entre 1894 e 1919, o número de casas de negócios (vendas de secos, molhados e fazendas) passou de 11 para 15 unidades, indicando uma leve tendência de crescimento da rede produtiva e comercial.<sup>33</sup>

Entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade de Mariana demonstrava um desenho comercial em ritmo de crescimento e maior diversificação, mas insuficiente para representar uma grande modificação em sua vida econômica e social. No entanto, as novidades experimentadas na região central mineira nessa época, como o crescimento da mentalidade fabril, a emergência dos setores médios urbanos, a primeira fase republicana, a inauguração de Belo Horizonte (a nova capital), a chegada da ferrovia à região de Ouro Preto e o desembarque de novos artigos e souvenirs, ajudaram a alimentar no município as expectativas de “modernização” típicas desse período.

Nas atas das sessões da Câmara Municipal de Mariana produzidas no limiar do século XX podem ser detectadas propostas de projetos para construção de linhas de bonde a vapor, teatro, jardim, sistema de abastecimento e escoamento de água e esgoto, eletrificação urbana e a extensão do sistema ferroviário, que desde 1888 já havia chegado a Ouro Preto. Em 15 de dezembro de 1892 foi apresentado à Câmara:

(...) um requerimento do Engenheiro João Baptista [Bambi], pedindo concessão de privilégio por 25 anos de linha de bonde de vapor desta cidade à Capital (Ouro Preto) com garantia de juros de 4% sobre a quantia de 70.000#000 réis.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Em relação ao aumento do número de negócios arrolados, essa noção deve ser relativizada, pois não podemos aferir a eficiência do sistema de tributação em Mariana nesse período. Os registros dos tributos eram feitos semestralmente. Comparando as informações dispostas nos “livros de impostos sobre indústria e profissões” e as publicidades de alguns jornais locais nota-se, por exemplo, a ausência de registro de algumas atividades. Fato que colabora para a nossa desconfiança quanto à metodologia e o alcance dos registros tributários.

<sup>34</sup> AHCM. Câmara Municipal, Atas das sessões da Câmara Municipal de Mariana: códice 329 (1892-1900).

No dia seguinte, 16/12/1892, um novo requerimento foi apresentado pelo mesmo engenheiro:

Foi lido um requerimento de João Baptista [Bambi] propondo a construção de um Fórum, um teatro, um jardim, um mercado, calçamento das principais ruas e paralelepípedos, abastecimento de água potável e esgotos, pela quantia de 800:000#000.<sup>35</sup>

Em 03 de janeiro de 1895 registrou-se a apresentação de um novo projeto:

Em seguida o senhor Presidente apresenta as informações que exigiu do Fiscal sobre a iluminação, sendo pelo Sr. Augusto Freire apresentado um projeto autorizando o Agente executivo contratar com a Companhia da Passagem (The Ouro Preto Gold Mines Ltd) a iluminação para a cidade a luz elétrica e a restaurar o material da antiga iluminação (a gás ou óleo), ficando este serviço feito por enquanto sob sua administração.<sup>36</sup>

No final desse mesmo mês foi lido mais um requerimento:

Durante o expediente foi lido um requerimento do cidadão Tito de Souza Novaes pedindo privilégio por 25 anos para estabelecer a iluminação a luz elétrica na cidade e no município, foi mandado aguardar a 2ª sessão ordinária.<sup>37</sup>

Esses anseios, que visavam sintonizar o espaço urbano de Mariana ao novo modelo de modernização estruturado em outros município, só começaram a ser realizados décadas depois. Os trilhos ferroviários chegaram em Mariana em 1914, vinte e seis anos após serem instalados em Ouro Preto. A possibilidade de trazer os trilhos ferroviários arrastou os debates na Câmara por um longo tempo e rendeu discursos irônicos e futuristas na cidade, como pode ser detectado no contraponto entre o poema “Ela vem ou não vem?”, produzido por Alphonsus de Guimaraens, e a tira de um jornal local que anunciava a aproximação da ferrovia.

Três horas, quatro, cinco, seis e sete,  
Batem na Sé, enquanto, em voz sumida,  
‘Se ela vier, isto muda!’ ele repete.  
(Guimaraens Filho, 1995)

---

<sup>35</sup> AHCMM. Câmara Municipal, Atas das sessões da Câmara Municipal de Mariana: código 329 (1892-1900).

<sup>36</sup> *idem.*

<sup>37</sup> *ibidem.*

Chega hoje a Passagem o trem de lastro da linha em construção de Ouro Preto a Ponte Nova e pela primeira vez vai-se ouvir em terras deste município o silvo da locomotiva, que para além se destina em demanda das cabeceiras do grande Rio Doce, a levar a animação e a vida a toda uma zona opulentíssima.<sup>38</sup>

A “zona opulentíssima” é, sem dúvida, uma figuração imprópria se compararmos, por exemplo, a rede de negócios de Mariana a outros centros urbanos contemporâneos em Minas Gerais.<sup>39</sup> Essa designação evidenciava uma necessidade de permanecer pontuando um papel significativo na antiga história mineira e, ao mesmo tempo, de afinar-se com a época e os ambientes de “modernização” expressos pela vida urbana da *belle époque* (Sevcenko, 1998; Fabris, 2000). “Se ela vier, isto muda!”, ironizava o poema.

No início dos Novecentos, a única usina hidrelétrica de Mariana pertencia à empresa The Ouro Preto Gold Mines Ltd, sediada no Distrito de Passagem, e servia para alimentar os trabalhos da extração aurífera subterrânea. A Sede passou a contar com a iluminação pública elétrica somente em 1918, após o contrato firmado entre a Câmara e essa empresa.



FIG. 5 – Igrejas de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo.  
Fonte: Acervo particular de Márcio Marezza.

<sup>38</sup> AEAM. Jornal O Germinal. Mariana, 13/01/1914, ano X, nº373, pág.1).

<sup>39</sup> Annuários de Minas Gerais de 1906, 1907, 1911 e 1918, Belo Horizonte: Imprensa Oficial.





FIG. 6 – Rede elétrica - detalhe da FIG.5.  
Fonte: Acervo particular de Márcio Marezza.

A FIG.5 traz uma imagem atribuída ao fotógrafo Windelino Bethonico, que trabalhou em Mariana nas primeiras décadas do século XX, e registrou importantes mudanças ocorridas na cidade nesse período. Esse registro pertencia a Amador de Souza, que passou a atuar como fotógrafo a partir de 1925.<sup>40</sup> Um dos motivos para a execução desse registro parece estar revelado no anverso da fotografia, onde lê-se a seguinte anotação de Amador de Souza: “S. Francisco e (Nossa Senhora do) Carmo. Nota a falta da cruz da Igreja de S. Francisco que foi decapitada por um raio. vê-se em baixo o empregado da cadeia levando a comida aos presos em baldes. 3/ 3/(19)25. Abraços.” No segundo plano dessa imagem, observamos dois tradicionais ícones da paisagem marianense: a Igreja de São Francisco de Assis (situada à esquerda) e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (situada à esquerda). No primeiro plano observa-se um homem carregando dois vasilhames e duas crianças próximas a um poste que ajudava a estender a recente **rede elétrica**.

A Windelino Bethonico também é atribuído o click de uma outra significativa intervenção no cenário urbano de Mariana nessa época: a remodelação da Igreja de São

---

<sup>40</sup> Márcio Marezza, filho de Amador de Souza, seguiu a profissão do pai. Em sua loja de revelação fotográfica, situada no Centro de Mariana, Márcio comercializa alguns registros produzidos ou colecionados por Amador, além de fotografar registros diversos que evidenciem antigas cenas do cotidiano da cidade. Segundo Márcio, o seu pai cortava cabelos e aprendeu a profissão de fotógrafo em Juiz de Fora, trocando com um amigo os conhecimentos de sua profissão pelas aulas sobre fotografia e revelação. No início dos Novecentos atuavam em Mariana os fotógrafos Windelino Bethonico e Chaves X. Marques, tributados no Livro de Indústrias e Profissões de 1919 -Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana. Câmara Municipal, Coletoria Estadual, Impostos sobre Indústrias e Profissões: códice 05 (1919).

Pedro. As obras primitivas desse templo remontam a meados do século XVIII, no entanto, elas permaneceram paralizadas por mais de um século. O seu aspecto inacabado, devido à posição estratégica da construção, passou a emblematizar a “decadência” da Sede após os abalos sentidos pela rede econômica da região central mineira no final do século XVIII (Trindade, 1945).

O austro-húngaro Johann Emanuel Pohl, médico, mineralogista, botânico e integrante da missão austríaca que acompanhou a Princesa Leopoldina no início do século XIX, esteve em Mariana entre 1817 e 1821 (Pohl, 1976). Pohl produziu um esboço que focaliza a Sede, e Thomas Ender, que também fazia parte da missão austríaca, elaborou uma aquarela a partir desse desenho (FIG.5). Esse trabalho foi publicado na edição austríaca do livro de Johann Pohl “Viagem no interior do Brasil”, entre 1832 e 1837. Apesar de alguns equívocos, como a excessiva suavização do inclínio da Rua Nova, que liga a parte baixa da Sede à Igreja de São Pedro, esse é um registro importante e raro sobre essa localidade. A pequena inclinação pode ser observada na FIG.7 pela demarcação elíptica na cor verde.



FIG.7. Vista da Sede de Mariana entre 1817-1821.  
Fonte: Projeto Trem da Vale.

Na FIG.8 extraímos o detalhe demarcado pelo círculo vermelho que foca a Igreja de São Pedro. Auguste Saint-Hilaire, que viajou pela Capitania de Minas Gerais nessa mesma época escreveu o seguinte relato:

Imediatamente antes de se chegar a Mariana passa-se por perto de uma igreja construída isoladamente no alto de um morro que domina quase toda a cidade, e que, por sua vez, é dominada por outros morros mais elevados. Essa igreja não está acabada; mas, exatamente por isso, produz na paisagem um efeito mais pitoresco (Saint-Hilaire, 1976).



FIG.8. Detalhe - Vista de Mariana entre 1817-1821.  
Fonte: Projeto Trem da Vale.

O aspecto desse templo, no início do século XX, pode ser observado na imagem abaixo, também atribuída a Windelino Bethonico.<sup>41</sup>



FIG.9 - Igreja de São Pedro. 1900.  
Fonte: Acervo particular de Márcio Marezza.

---

<sup>41</sup> Na coleção de Márcio Marezza encontramos um registro de Windelino Bethonico realizado no final do século XIX, o que aproxima a sua atuação do período em que essa imagem da Igreja de São Pedro foi clicada.

Esse registro (FIG. 9) fazia parte da coleção do fotógrafo Amador de Souza. No anverso dessa imagem lê-se: “S. Pedro em 1900. Esta igreja bicentenaria foi reconstruída em 1915 sendo bispo de Mariana o celebre D. Silvério. Mariana, 3/3/(19)25”. As datas apresentadas por Amador e pelo Cônego Trindade (1945) chocam-se. Enquanto o primeiro aponta o ano de 1915, o segundo indica que esses

(...) serviços tiveram começo em junho de 1920 e estavam concluídos em 22 de janeiro de 1922, dia em que se benzeu na catedral a imagem do Sagrado Coração de Jesus, título a que a igreja ia ser consagrada como basílica, o que o velho arcebispo (Dom Silvério) não teve tempo de realizar.



FIG. 10 - Igreja de São Pedro.  
Fonte: Acervo particular de Márcio Marezza.

No anverso da FIG.10, também pertencente ao acervo de Amador de Souza e atribuída ao fotógrafo Windelino, lê-se: “S. Pedro – actual, remodelada em 1915. Mariana. 3/3/(19)25”. Como os textos escritos nessas duas últimas imagens foram realizados no mesmo dia o erro de datação de Amador de Souza parece patente. A informação do Cônego Trindade, portanto, demonstra ser a correta. A reconfiguração do templo em 1922 passou a simbolizar o novo momento vivenciado na cidade, após a instalação da ferrovia (1914) e da rede elétrica urbana (1918). Imprimia no cenário da Sede uma expectativa de renovação.

A FIG.7 ainda nos serve como referência para pensarmos outras impressões de permanências (alguns chamaram de estagnação) no tecido urbano de Mariana. Na página seguinte comparamos um detalhe que focaliza um setor da parte central da Sede, presente no esboço de Johann Pohl, aquarelado por Thomas Ender, e um registro fotográfico realizado no início do século XX (FIG.11 e 12). O autor dessa fotografia é desconhecido. Sem dúvida, as semelhanças impressionam, o que revela um certo cuidado durante o processo de produção da imagem por Pohl e Ender. Tanto o traçado das ruas como parte das edificações representadas nessas duas figuras ainda compõem esse espaço urbano da Sede de Mariana.



FIG.11. Detalhe - Vista de Mariana entre 1817-1821.  
Fonte: Projeto Trem da Vale.



FIG.12. Mariana – início do século XX.  
Fonte: Márcio Marezza.

No limiar do século XX, essa permanência servia como referência para os discursos que evocavam uma “tradição”, um passado mimetizado nessas construções, mas também representava um incômodo, já que o traçado colonial tornou-se alvo das novas noções

de urbanização (Oliveira, 1982; Sevcenko, 1998; Fabris, 2000). O texto do professor José Cypriano Soares Ferreira, utilizado no início desse capítulo, “Embora pequenina e pobre, decahida que seja de sua antiga opulência e do seu passado glorioso, humilde e modesta hoje, sem poder ostentar o fausto ruidoso dos grandes empórios de commercio e industria (grifo nosso) (...)” exemplifica essa contradição.

A matéria “Industrializa-se a velha terra – força e luz, pequenas indústrias”, editada no Jornal Agulha, em 20/02/1924, em Mariana, explicita a continuação das expectativas de modernização da Sede municipal:

Há um consta que, apesar de seu caráter duvidoso de simples constar, merece todo marianense a mais viva e entusiástica simpatia.

**E nós, moços, que desejamos ver a velha Mariana remoçada, surgindo de seu passado, mais cheia de vida e de progresso** (grifo nosso), batemos palmas calorosas e fazemos os votos mais ardentes e sinceros para que, dentro em breve, se tornem em realidade gloriosa os planos que andam pela cidade, de boca em boca, como um boato animador.

Assim, corre com certo cunho de veracidade que elementos progressistas do nosso comércio estão se reunindo para a constituição de uma empresa de Força e Luz.

Também corre, à boca pequena, que se instalará dentro em pouco, aqui, uma fábrica de tintas e um curtume.<sup>42</sup>

A partir de 1928, os serviços de produção e distribuição elétrica passaram a ser abastecidos pela Companhia Força e Luz Marianense, criada através de um *pool* de empresários locais. Essa estrutura permitiu a composição de um novo grupo empresarial para a montagem da Fábrica de Tecidos São José, instalada na década de 1930 (FIG.13). Quer dizer, somente nessa época edificou-se uma nova estrutura fabril de vulto na Sede de Mariana, somando-se, assim, à antiga mina de extração aurífera subterrânea no Distrito de Passagem, situada próxima.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> AEAM. “Industrializa-se a velha terra – Força e Luz”, Jornal Agulha, Anno 2, nº9, 20/02/1924.

<sup>43</sup> Apenas como ponto comparativo, durante as primeiras décadas do século XX a Sede do município de Itabirito, antigo Distrito de Ouro Preto, contava com 2 fábricas de tecidos, uma importante usina siderúrgica (Queiroz Júnior Ltda) e estabelecimentos de curtume. Estrutura incentivada (possibilitada) pela instalação dos trilhos ferroviários em 1887, pela sua localização entre a antiga e a nova capital do



Igreja de São Pedro

fábrica de tecidos

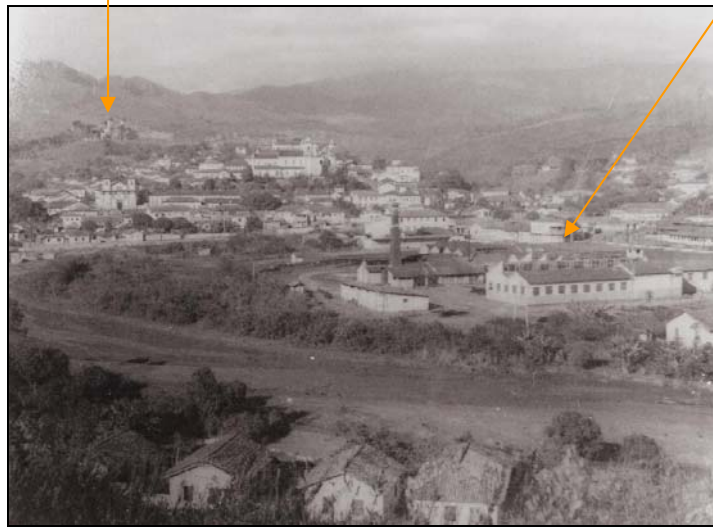


FIG.13. Mariana – [Década de 1930].

Autor: Amador de Souza

Fonte: Márcio Marezza.

Nesse mesmo período também foi construído o jardim municipal no espaço vago representado nas FIG. 11 e 12, praça ainda presente na área central da cidade. Na FIG.14, registrada na década de 1930, observa-se a superposição calculada pelo fotógrafo (não identificado), que enfeixou em planos diferentes o recém-construído jardim municipal e a Igreja de São Pedro dos Clérigos.

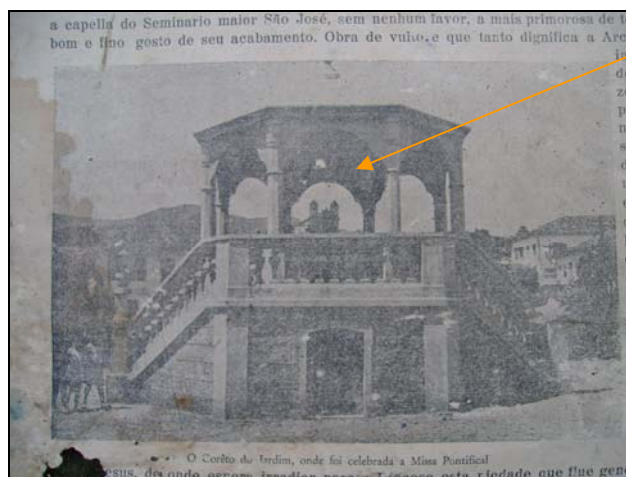


FIG.14. Coreto do Jardim Municipal da Sede de Mariana – Década de 1930.

Fonte: Márcio Marezza

---

Estado (Ouro Preto e Belo Horizonte) e a reserva mineral situada na Serra do Pico de Itabirito (Itabirito em Revista, 1992).

O templo, disposto no segundo plano, é cuidadosamente inserido dentro de um dos arcos do coreto, desenhando, assim, uma moldura em torno da igreja, parecendo indicar a importância do espaço religioso tanto na tradição quanto na renovação do novo espaço civil.

Essa imagem foi estrategicamente elaborada para uma matéria que divulgava a realização de um futuro congresso em Mariana, editada numa revista produzida pela Arquidiocese.<sup>44</sup> Nessa matéria foram impressos a imagem da FIG.14 e uma fotografia contemporânea da Igreja de São Pedro dos Clérigos. Na legenda disposta abaixo da imagem desse templo lê-se “A Igreja de São Pedro, hoje Museu de Arte Sacra”, portanto, uma situação diametralmente oposta às condições desse espaço no início do século XX. A (re)significação física e semântica do espaço urbano da Sede em Mariana - se considerarmos apenas as obras de maior vulto e expressão coletiva, como a ferrovia, a iluminação elétrica, a reforma da Igreja de São Pedro, o jardim municipal e a fábrica de tecidos - foi inscrita num ritmo específico, lento, atravessado pela realidade econômica, política e cultural do município. Como tentamos demonstrar, essas dificuldades não anularam as vias de assimilação dos signos de modernização nas primeiras décadas do século XX, era mesmo inevitável, pois as notícias dos jornais, revistas e catálogos de mercadorias (FIG.15) passaram a viajar pelos trilhos ferroviários, e a rapidez dos seus desembarques disseminava mais agilmente as projeções dos novos modelos urbanos, como demonstram os exemplares das revistas “Malho”, “Vida Moderna”, “Jornal das Moças”, “Revista da Semana”, entre outras, encontradas no conjunto documental que forma o Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

---

<sup>44</sup> O estado mutilado dessa revista, que pertence ao acervo do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, reflete a realidade de outros documentos encontrados no sobrado, por isso não foi possível identificar o nome e a referência dessa publicação.





FIG. 15 - Catalogo provisorio dos Clubs Express  
 Fonte - Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

O ambiente cultural estava se modificando em Mariana, as ofertas de novos serviços e produtos cresciam, abriam-se pequenas fábricas, no entanto, o porte e a velocidade dessas transformações eram bem mais lentos que as experiências vivenciadas em outros municípios. Nem estagnada, como diz José Luiz Romero, nem decaída, como expressa a ótica do professor José Cypriano Ferreira, Mariana se renovava dentro dos seus limites, de sua realidade. Particularidade que também incentiva a necessidade de novas análises sobre as diferentes traduções das diretrizes de modernização, entre o final do século XIX e início do XX, nas cidades surgidas no período colonial (Oliveira, 1982; Fernandes, 2005; Mantovani, 2005). Renovação constituída também pelos pequenos gestos, como o ato de escrever correspondências ou de registrar fotografias.

Escrevo esta diante do teu retrato para ver se assim posso relatar-te tudo que sinto. (...) Olho p<sup>a</sup> teu retrato, que lindo! Com que ingenuidade olhas p<sup>a</sup> uma flor ou ramo que se balançava no momento em que o photographo expos a chapa! Que olhar sympathico!? Não podia em lugar d'aquella ditosa flor que olhastes ser eu que estivesse alli?<sup>45</sup>

É necessário frisar que as missivas do acervo aqui pesquisado não trazem a cidade como objeto central de reflexão, o leitor não encontrará nessas páginas considerações sobre as mudanças ocorridas no tecido urbano ou nos segmentos sociais de Mariana. Essas cartas trazem a cidade em suas situações mínimas, em seus elementos recorrentes que tecem o dia-a-dia; o que revela tanto o limite quanto a importância desse acervo epistolar.

<sup>45</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Amália Góia. s/l, 26/abr./1908, 4f, com envelope.

Assim, a existência desse conjunto de correspondências cria uma interessante oportunidade para percebermos essa noção na prática: trânsitos, atualização de informações, intercâmbio de valores, formação de rede de sociabilidade, circunstâncias de produção, finalidades, diversidade temática e formas de tratamentos.

Sintetizando as informações anteriores percebemos que as cartas pesquisadas nesse trabalho, produzidas entre as duas primeiras décadas do século XX, foram escritas numa época de consolidação dos serviços dos correios e de incremento do mercado epistolar em Minas Gerais; que a cidade de Mariana apropriava-se de alguns símbolos de modernização típicos da *belle époque* brasileira, mas encontrava dificuldades em verter esses desejos em realidade; e que a Freguesia de São Caetano apresentava uma perda de sua população, tomando como referência os recenseamentos de 1890 e 1920, uma significativa taxa de alfabetização para a época e experimentava um leve crescimento em sua rede produtiva e comercial.

## Capítulo II

Cartas: suportes, textos e cotidiano.

## **2.1. Duas famílias.**

Transitando por essa época de transformações encontramos a família Lemos, presente em grande parte do acervo de missivas e, em menor quantidade, um outro grupo familiar, os Felintos. Duas famílias que vivenciavam situações financeiras distintas em São Caetano no início do século XX.

O núcleo familiar de Álvaro Felinto e Anita da Silva Felinto era composto por 9 filhos. Desses, apenas 3 aparecem como remetentes ou destinatários nos trânsitos das correspondências pessoais pertencentes ao Arquivo Histórico de Monsenhor Horta: Demóstenes Felinto, Avelino Felinto e Vicêncio Felinto. O segundo núcleo familiar responde por 86 unidades (72.8%) do corpus epistolar total aqui pesquisado. Portanto, a maior parte das impressões colhidas nesse trabalho tende a se focalizar nas tessituras dos textos relacionados à família de Félix Lemos e Marina Lemos. Dos 13 filhos, 11 aparecem como remetentes ou destinatários, os dois restantes (João Lemos e Marisa Lemos) foram identificados através das citações nos textos.

## **2.2. Vestígios de leituras.**

Os vestígios manuscritos e impressos encontrados no Arquivo Histórico de Monsenhor Horta nos proporcionam uma superficial noção sobre os objetos de leitura dos missivistas pertencentes às famílias Lemos e felintos. Nesse arquivo encontramos inteiros ou em fragmentos (estado mais recorrente) exemplares de revistas, jornais, peças teatrais, dicionários, pequenos livros, manuais, gramáticas etc. Concordamos com Maria Matos (2002) quando refere-se aos desafios dos estudos que focalizam o cotidiano:

(...) a dificuldade do historiador está mais na fragmentação do que na ausência da documentação, o que requer uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada, para esmiuçar o implícito e o oculto, para descortinar as estruturas do cotidiano.

Apesar da possibilidade de certificar e atribuir apenas uma parte desses objetos a um ou outro proprietário, a sua existência nos indica sobre as conexões do Distrito de São Caetano com os acontecimentos em outros lugares. Sem dúvida, rastrear os diferentes documentos pertencentes a esse arquivo requer, além de paciência, uma forte dose de intuição, já que nos resta vincular uma parcela dos vestígios a partir das referências profissionais, religiosas e pessoais que conseguimos detectar sobre os membros dessas famílias. Esses vestígios manuscritos e impressos foram produzidos e colecionados ao longo da primeira metade do século XX.

Na tabela 2 listamos as revistas (inteiras ou em fragmentos) identificadas no Arquivo. Entre as 22 unidades, 16 (72,7%) foram publicadas entre 1904-1919, o que nos aproxima do recorte temporal estabelecido nessa pesquisa. Predominam nesses exemplares as publicações realizadas na então capital da República, o Rio de Janeiro, importante centro irradiador de novos hábitos.

Tabela 2  
Revistas leigas (1904 -1938)

	<u>Local de publicação</u>	<u>Período</u>	<u>Ano</u>	<u>Número</u>	
1	Revista da Semana	Rio de Janeiro	Semanal	1904	241
2	Revista Careta	Rio de Janeiro	Não identif	1912	208
3	A vida moderna	São Paulo	Não identif	1912	126
4	Rio Chic	Rio de Janeiro	Não identif	1906	Não identif
5	Rio Chic	Rio de Janeiro	Não identif	1929	Não identif
6	O Malho	Rio de Janeiro	Não identif	1914	Não identif
7	O Malho	Rio de Janeiro	Não identif	Não identif	Não identif
8	Revista Souza Cruz	Rio de Janeiro	Não identif	Não identif	Não identif
9	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif
10	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif
11	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif
12	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif
13	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif
14	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif
15	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif

16	Jornal das Moças	Rio de Janeiro	Semanal	1919	Não identif
17	Progreddor	São Paulo	Semanal	1922	81
18	Progreddor	São Paulo	Semanal	1923	84
19	Ypiranga	São Paulo	Não identif	1924	54
20	Revista de Ensino	Não identif	Não identif	1928	25
21	Nossa Terra	Não identif	Não identif	1928	4
22	Boa Nova	Não identif	Não identif	1938	1

Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Os títulos das revistas, como “Rio Chic” e “A vida moderna”, publicada em São Paulo, trazem notícias diversas sobre a moda, a vida política, o cotidiano e os comportamentos dos setores sociais que transformavam-se em notícia e referência no país. É interessante notar que nessas publicações, o texto epistolar era utilizado tanto nas colunas das “cartas dos leitores”, provocando, portanto, um espaço de interação com os leitores/receptores dessas revistas, quanto na produção dos textos dos seus redatores: o que evidencia a tendência de vulgarização do hábito de escrever missivas nessa época. Assinado por Ambrozo da Conceição, inicia-se assim o texto “Carta de um caipira”, publicado na Revista “A vida moderna”:

Meu cumpade e bão amigo, seu Juvená, Deus lôvado, já tou mio da doença que me tinha derriado. Eu já tava cum bem medo de fica descadêrado, c'o mardito rumatismo que me trouxe tropelado. Si não passa este frio que nos fais adoce e inté fica morrinhento, eu não sei cumo á de sê. Inda quando a gente é moço póde o ta frio soffrê, mais porém eu que tou veio nem mêmô posso mexe.<sup>46</sup>

O texto da carta, que narra as mudanças de ares de uma fazendeiro que mudou-se para uma cidade grande, superpõe no mesmo espaço o mito da esperteza caipira e o modo coloquial da fala rural (em geral visto como um atraso) registrado pela prática missivista (vista como um dos “elementos do progresso” nessa época). Criando um texto com traços das falas rurais, o homem da urbe produzia uma forma de dizer sobre si, sobre as suas necessidades de adaptações; criava uma personagem, mas ao mesmo tempo dela se diferenciava, pois quem assinou o texto não foi o redator, mas um tal de “Ambrozo da Conceição”. É interessante notar que a competência de escrita demonstrada pela

<sup>46</sup> AHMH. Série Impressos. Sub-série Revistas leigas. Revista A Vida Moderna - revista ilustrada, popular e de atualidades. Ano VII, nº26, São Paulo, 18/07/1912.

personagem não se diferencia da apresentada por boa parte dos missivistas presentes no acervo aqui pesquisado. Em certos exemplares das correspondências do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta encontramos a mensagem “não arepare os erros e as faltas de letras”, o que demonstra como o código verbal gráfico promove ações diferenciadas no cuidado com a própria imagem. Um exemplo desse tipo de competência de escrita encontra-se na carta escrita por José Lino, em 02 de junho de 1916, quando cobrava ao amigo Lindolfo Lemos a demora na produção de um poema que visava impressionar uma pretendente:

Hoje o meio dia depois de ter tomado 2 copos de reconstituinte quinado truvejei a mão na penna e fiz uma bruta decalração na menina e se incobi a voce de tratar desta poizia namorial e nada respondeu-me e não foi este o nosso trato.<sup>47</sup>

Além das revistas, encontramos também jornais leigos (inteiros ou em fragmentos) produzidos em Mariana, Belo Horizonte ou Rio de Janeiro, que auxiliavam os leitores na construção dos fatos ocorridos próximos ou distantes de São Caetano.

Tabela 3  
Jornais leigos (1906-1952)

	<u>Local de Publicação</u>	<u>Período</u>	<u>Ano</u>	<u>Número</u>	
1	Jornal do Comércio	Rio de Janeiro	Não identif	1906	Não identif
2	Diário de Notícias	Não identif	Não identif	1910	Não identif
3	Minas Gerais	Belo Horizonte	Não identif	1913	Não identif
4	Minas Gerais	Belo Horizonte	Não identif	1914	Não identif
5	O Alfinete	Mariana	Não identif	1915	12
6	Jornal da Mulher	Não identif	Não identif	1930	Não identif
7	O Germinal	Mariana	Não identif	1933	751
8	O Germinal	Mariana	Não identif	1933	754
9	O Diário	Não identif	Não identif	1952	Não identif

Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Um exemplo local é o Jornal Alfinete, impresso em Mariana, que se intitulava um “Periódico crítico e humorístico”. Em sua coluna “Beliscões”, esse jornal noticiava em março de 1915:

<sup>47</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. José Lino para Lindolfo Lemos. Passagem, 02/jun./1916, 2f, 1 env.

O Pereira agora deu para esbirro. Vejam só o que está em vias de fazer: mandar uma denuncia ao S. F. Corrêa, fabricante do afamado “Simila”, contra alguns empregados da *pedreira*, pois que elles se utilisam dos seus maços privilegiados, vasios enchen’-os com um *mata-ratos* qualquer e o exhibem por ahi como se fosse puro “Simila”. Ó Pereira, não repare: **a crise perdôa tudo** (grifo nosso).<sup>48</sup>

Os jornais e boletins sacros, listados na tabela 4, apresentam o contato com periódicos impressos, até o final da década de 1920, em Mariana, São Paulo, Congonhas do Campo e Bahia.

Tabela 4  
Jornais sacros (1899-1951)

	<u>Local de Publicação</u>	<u>Período</u>	<u>Ano</u>	<u>Número</u>
1 Dom Viçoso Boletim Eclesiástico da	Mariana	Não identif	1899	39
2 Arquidiocese de Mariana Boletim Eclesiástico da	Mariana	Não identif	[1907]	Não identif
3 Arquidiocese de Mariana	Mariana	Não identif	1917	2
4 Boletim de devoção de São José	São Paulo	Não identif	1920	Não identif
5 Boletim de devoção de São José	São Paulo	Não identif	1920	Não identif
6 Santuário de Aparecida	São Paulo	Não identif	1926	9
7 Senhor Bom Jesus	Congonhas	Não identif	1926	34
8 Mensageiro da Fé	Bahia	Não identif	1926	6
9 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1928	7
10 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1930	5
11 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1937	10
12 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1938	7
13 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1948	1
14 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1951	7
15 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1953	12
16 Santuário de S. Geraldo	Curvelo	Mensal	1954	1
17 O Domingo	São Paulo	Não identif	1938	50
17 Estrela das Missões	Juiz de Fora	Não identif	1951	7

Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

A crença e a vivência religiosa podem ser captadas em boa parte das cartas pessoais e nos documentos que atestam a participação efetiva de Álvaro Felinto como tesoureiro na Sociedade de São Vicente de Paula (1917-1925), de Félix Lemos como procurador da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento (1916) e de Marina Lemos como tesoureira da Associação das Filhas de Maria. Em relação à Sociedade São Vicente de

<sup>48</sup> Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. Série Impressos. Sub-série jornais leigos.



Paula, por exemplo, existem recibos da tesouraria autorizando os “preparos necessarios” para caixões mortuários e gastos com a compra de “generos que foram distribuidos com os pobres”, escritos durante a gestão de Álvaro Felinto. Uma análise das autorizações da S.S.V.P. demonstra que a compra de alimentos era a principal despesa entre esses dois gastos. Atividade atestada pela carta enviada por J.C.B a essa instituição em 05/03/1916.

Ha dias encontrei uma pobre senhora e duas crianças, ambas muito doentes, quase mortas de fome e nus e achando-os muito dignos de ter do (mesmo pela queicha que a mae fez-me) tratei logo de providenciar para o tratamento destes pobres, e agora venho umildemente pedir-lhe um auxilio para a compra de umas roupas para tapar as carnes d'aquelles coitadinhos. Peço transmitir estas rudes palavras a todos os confrades presentes.<sup>49</sup>

A vivência religiosa também pode ser captada nas práticas dramatúrgicas no distrito. No Arquivo Histórico de Monsenhor Horta encontramos impresso o texto teatral “A ceia dos cardeaes”, de Júlio Dantas, pertencente a Armando Lemos e datado por esse proprietário em 1904, e a peça “Escrava pagan”, dividida em 1 ato e 7 cenas, que tematiza o cotidiano de escravos cristãos na Roma Antiga. Identificamos também mais dois textos dramatúrgicos, porém, leigos e escritos dentro do gênero da comédia. Ambos foram escritos (ou copiados) em típicas encadernações utilizadas no final do século XIX e início do XX (tomando como referência o próprio Arquivo Histórico de Monsenhor Horta) que apresentam folhas com pautas mistas (verticais e horizontais). Destacamos entre elas a peça “Um marido que é vítima das modas”, de A. de Souza, comédia em 1 ato e dividida em 8 cenas. Esse texto narra os incômodos de um marido em relação à sua mulher “viciada” nas tendências da última moda. Como diz o marido em sua conversa com um padre:

(...) isso assim não é vida. Preciso (...) conseguir que minha mulher deteste as modas e as modistas. Ah! Moda... moda! E dizem as expacidades de hoje que o progresso e a civilização caminham consideravelmente a illustrarem o nosso Paiz? [ ] [ ] votos authorisados a minha incredulidade;

---

<sup>49</sup> AHMH. Série Sociedade São Vicente de Paulo. Sub-série Correspondências. J.C. B. à Sociedade São Vicente de Paulo, 05/03/1916, 1f, s/env.

mas o que eu entendo é que em vez de progresso tem o ridículo – em vez da civilização a immoralidade.<sup>50</sup>

Conforme a entrevista de Caetana Ribeiro Macedo (Dona Neném), que era uma pré-adolescente na década de 1950, a música, através da banda “Sociedade Musical de São Caetano”, e as apresentações teatrais eram recorrentes nesse distrito, sobretudo nos rituais religiosos.<sup>51</sup> O que parece explicar a existência desses vestígios sacros e leigos no arquivo.

Encontramos outros impressos relacionados à dimensão religiosa, como a “Conferência do Reverendíssimo Padre Carlos Peretto” de 1902, o folheto “Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã para uso das Dioceses das Províncias Eclesiásticas meridionais do Brasil, editado em 1914, as “Missões na África”, de 1916, e pequenos folhetos do “Apostolado da oração” de 1932, 1935, 1941 e 1942. Freqüente também é a presença de impressos sobre a saúde, como o “Tratado das molestias” do Dr. Kaufmann, uma pequena encadernação publicitária do remédio “A Saude da Mulher”, editado em 1916, um pequeno livro do “Depurativo Brazil”, que contém cartas de usuários escritas em 1901 e 1902 e um pequeno manual do remédio “Específico”. É possível que esses medicamentos fossem vendidos na casa de secos, molhados e fazendas de Álvaro Felinto ou a ela chegassem através da emissão de material publicitário e pequenos catálogos.

Entre os impressos existem ainda fragmentos de textos em francês, de uma “Grammatica Franceza”, de duas gramáticas, “Curso systematico da lingua materna” e

---

<sup>50</sup> AHMH. Série Manuscritos. Sub-série peças teatrais leigas. Peça teatral “Um marido que é vítima das modas”. Comédia em 1 ato e 8 cenas.

<sup>51</sup> CAETANA RIBEIRO MACEDO (Dona Neném). Entrevista concedida ao autor na Casa Paroquial de São Caetano, em 08 de agosto de 2003.

“Grammatica Portugueza”, e de três dicionários: Língua Portuguesa, Latim-português e musical. A ligação dos Lemos com as atividades musicais em São Caetano nessa época, atestada por algumas cartas e partituras musicais identificadas no Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, possivelmente justifique a existência desse último dicionário no conjunto documental. Registramos ainda fragmentos das Constituições do Estado de Minas Gerais e da “Republica dos Estados Unidos do Brazil”, publicações sobre “legislação, jurisprudencia e direito pátrio”, manuais e almanaques que traziam os nomes das estações ferroviárias, os horários dos trens e temas diversos, 3 livros de “Arithmetica” e 3 romances intitulados “Um drama d’amor”, “Sepultada em vida” e “A escola dos Robsons”. As publicações relacionadas à jurisprudência podem ser atribuídas a Álvaro Felinto que entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX exerceu também a função de Juiz de Paz do Distrito de São Caetano.

Finalizando esse ponto, localizamos na série de materiais didáticos um caderno pertencente à Divina Lemos, escrito em 1911, que traz conteúdos das disciplinas Língua Portuguesa (exercício orthographico, dictados, analyse grammatical) e matemática. Esse caderno evidencia como a prática de escrever cartas se incorporava às lições de leitura e produção de textos nos institutos educacionais nessa época. No dia 11 de março, Divina produziu uma carta (que talvez tenha sido) endereçada a seu pai, Félix Lemos. Motivada pela vontade de demonstrar sua nova habilidade e de atualizar as suas notícias, ela construiu a sua missiva obedecendo a estrutura básica desse gênero textual (saudações iniciais, assunto(s) e despedida) e registrou também uma definição sobre o ato de escrever cartas - definição que parece oscilar entre a certeza e a dúvida. Um elemento aparentemente simples, mas importante em nossa pesquisa se considerarmos as distintas concepções que buscamos apresentar nessa dissertação sobre essa prática.

Diz a carta:

Papae

**Escrever uma carta é conversar com quem está ausente; não é verdade?** (grifo nosso) Felizmente já sei escrever e posso d'aqui tão longe conversar com V.mcê e com a minha querida mamãezinha.

Como tem passado? Tem tido muitas saudades minhas?

Tenho tido muitas, muitas e estudo bem para poder ir no fim do anno abraçal-os em nossa casinha.

Habituei-me com a vida do collegio, estou forte, gorda e corada. Todos me tratam bem e procuro ser estimado por meus mestres e camaradas.

Muitos beijinhos na Bianca.

V.Mcê e mamãe (abeçoem) abençoem esta sua

Filha amiga e obediente

Divina Lemos.

11 - março - 1911<sup>52</sup>

No colégio interno em que Divina Lemos estudava, não identificado, a prática missivista também era utilizada para divulgar as virtudes que os coordenadores do instituto desejavam para as suas alunas. Entre os ditados há um texto intitulado a “Carta de uma velha mãe”, copiado no dia 25 de abril de 1911. Abaixo segue um fragmento:

Na tua cartinha te queixas que as collegas caçoam de ti e te apoquentam por causa da tua feiura. Consolat-te e sê humilde, ó filha de meu coração, que para mim és tão formosa! Não te magoes e continua a ser boa, que hás de triumphar das más. Das más? Sim: são más devéras aquellas que atormentam alguma creatura por causa de suas imperfeições phisicas, das quaes ninguem é absolutamente culpado.<sup>53</sup>

Esse texto finaliza esse rastreamento sobre os objetos de leituras das famílias Lemos e Felintos e nos lembra que as práticas (missivistas) não podem ser investigadas desconectadas das formações sociais, do meio cultural e da época em que elas foram constituídas, formações que as influenciaram, mas não as determinaram em absoluto, abrindo a possibilidade para as (re)significações e mudanças.

### **2.3. Lugares, envelopes, papéis e tintas.**

A observação dos artefatos presentes nesse acervo de missivas (folhas, tintas, envelopes) nos aproxima da produção e circulação dos souvenirs criados para atender o

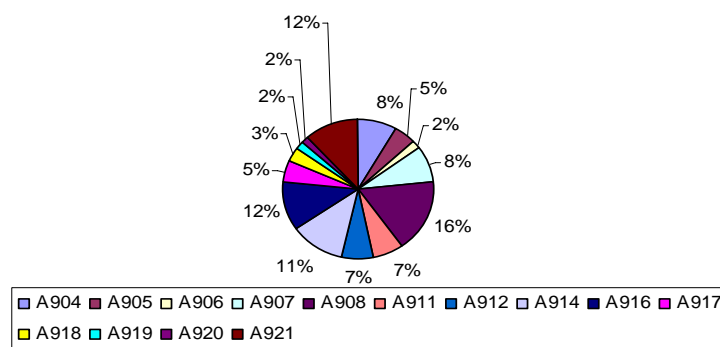
---

<sup>52</sup> AHMH. Série Materiais escolares. Caderno de Divina Lemos, contendo pautas mistas (verticais e horizontais). 1911.

<sup>53</sup> Idem.

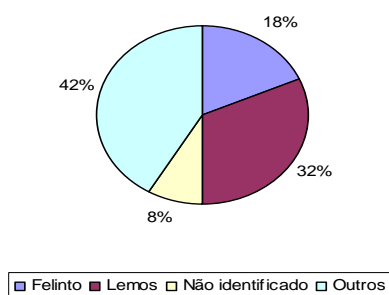
mercado epistolar no início do século XX, sobretudo, em Mariana. O crescimento do número de agências em Minas Gerais, relatado no capítulo anterior, trouxe uma diversificação de objetos para o uso dos correspondentes, revelando como as diferenças na produção e consumo nos permitem perceber as distinções de gostos, poder aquisitivo e os desejos de distinção e personalização. As informações dispostas a seguir nos aproximam dos tipos de artefatos que transitavam em São Caetano e em algumas localidades nessa época.

Gráfico 2  
Cartas/ano (1901-1921)  
60 cartas



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Gráfico 3  
Remetentes / concentrações (1901-1921)  
60 cartas

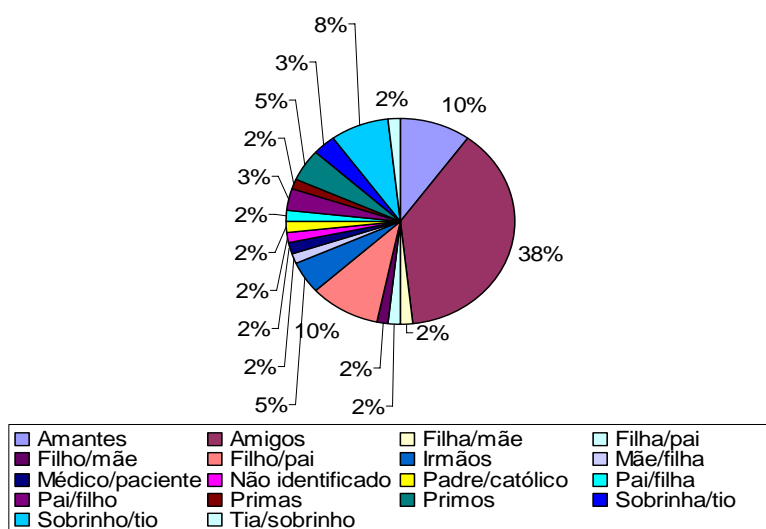


Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Nesse recorte do acervo de missivas (1901-1921), conforme o gráfico 2, as maiores concentrações entre as 60 correspondências pessoais encontram-se nos **anos** de 1904 e

1907 (5 unidades cada ou 8%), 1908 (10 unidades ou 16%) e 1914, 1916 e 1921 (7 unidades cada ou 12%). Entre os **remetentes** observa-se a partir do gráfico 3 que os parentes e membros da família Lemos respondem por 32% (19 unidades) do acervo, os parentes e membros dos Felintos por 18% (11 unidades), não identificados por 8% (5 unidades) e amigos e conhecidos ligados às duas famílias 42% (25 unidades). Assim, tomadas isoladamente, encontramos um número maior de notícias remetidas por pessoas não pertencentes às duas famílias.

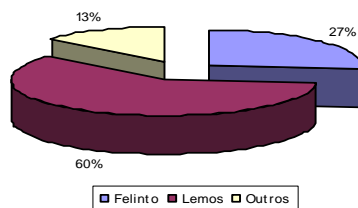
Gráfico 4  
Remetentes / vínculos (1901-1921)  
60 cartas



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

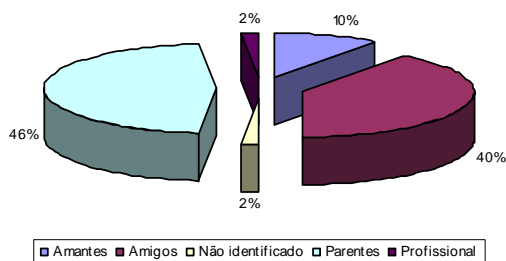
O gráfico 4 aclara melhor os **vínculos** e os estatutos dos remetentes, onde destacam-se as concentrações em torno dos amigos (23 unidades ou 38%), das cartas enviadas dos filhos para os pais (6 unidades ou 10%), entre amantes (6 unidades ou 10%) e remetidas dos sobrinhos para os tios (5 unidades ou 8%). Em relação aos destinatários, seguindo o gráfico 5, os parentes e membros dos Lemos representam 60% (36 unidades) do acervo recortado entre 1901 e 1921, os parentes e membros dos Felintos 27% (16 unidades) e 13% (8 unidades) não foram identificados. Portanto, grande parte das cartas encaminha novas notícias para a família Lemos.

Gráfico 5  
Destinatários / concentrações (1901-1921)  
60 cartas



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

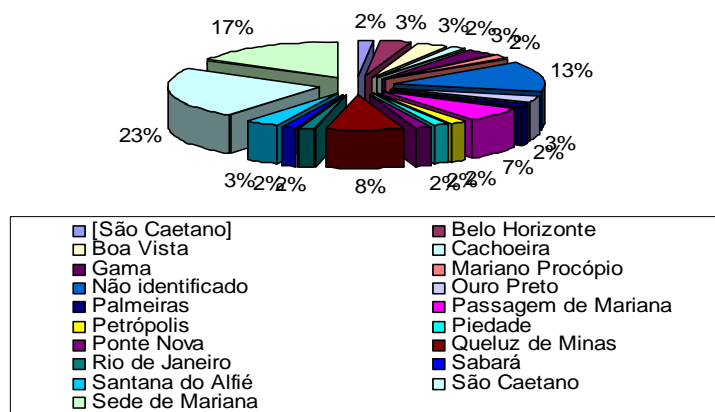
Gráfico 6  
Destinatários / vínculos (1901-1921)  
60 cartas



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

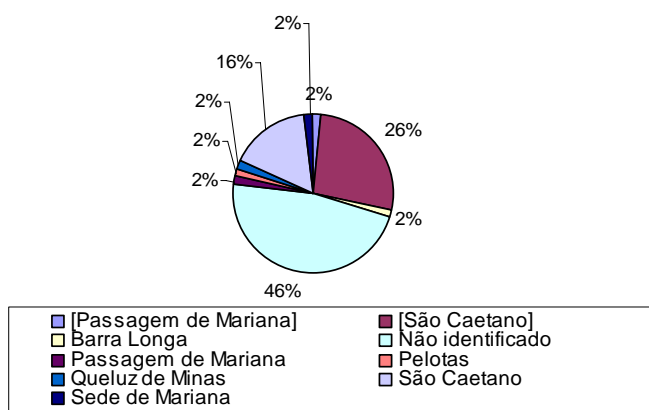
Quanto às relações dos **destinatários** com os remetentes encontramos no gráfico 6 a seguinte proporção: as relações de parentesco (incluindo os membros) das duas famílias representam 46% desse acervo (28 unidades), as relações de amizade 40% (24 unidades), amantes 10% (6 unidades) e profissional e não identificados 2% (1 unidade cada). Em relação às **localidades** onde as cartas foram expedidas observa-se, a partir do gráfico 7, que 23% (14 unidades) foram escritas em São Caetano, 17% na Sede de Mariana (10 unidades), 8% em Queluz de Minas, atual Conselheiro Lafaiete (5 unidades), 7% no Distrito de Passagem de Mariana (4 unidades) e 13% (8 unidades) não foram identificadas.

Gráfico 7  
Remetentes / localidades (1901-1921)  
60 cartas



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Gráfico 8  
Destinatários / localidades (1901-1921)  
60 cartas

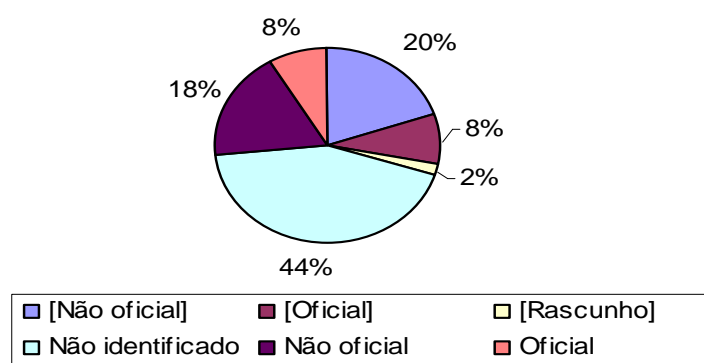


Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Quanto aos **destinos** das cartas presentes nesse recorte do acervo percebe-se no gráfico 8 que não foi possível identificar 46% do acervo (28 unidades), e que São Caetano também responde pela maior parte das cartas identificadas 16% (10 unidades). Atribuimos mais 16 unidades (26%) à parcela dessa localidade, a partir da observação dos assuntos e da localização dos remetentes encontrados no período em que as missivas foram produzidas. Totalizando, portanto, 26 unidades (42%).

Gráfico 9  
Trâmites (1901-1921)  
60 cartas





Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Em relação ao **trâmite** das cartas dividimos essa área em duas categorias: oficial e não oficial - a primeira realizada pelas agências dos correios e a segunda pelo transporte efetuado por algum parente, amigo ou conhecido. Conforme demonstra o gráfico 9, não foi possível identificar a oficialidade ou não do trâmite de 44% (28 unidades), devido à ausência dos envelopes, onde são impressos os carimbos das agências. Quando pensamos a situação em que essa documentação foi encontrada em 1993 é razoável inferir que parte dos envelopes tenha se perdido do montante, ou mesmo que eles já não existissem antes do início de depredação do imóvel. Entre as 60 correspondências foi possível identificar o trâmite oficial de 5 unidades (8%), perceptíveis nos carimbos, e atribuir a essa parcela mais 5 unidades (8%), devido às pistas encontradas nos textos. Sobre o trâmite não oficial foi possível registrar 11 unidades (18%) e atribuir mais 11 unidades (18%), pelos mesmos motivos. Com as atribuições teríamos, portanto, 44% (28 unidades) não identificadas, 36% (22 unidades) emitidas pelo trâmite não oficial e 16% (10 unidades) pelo oficial.

Em relação aos souvenirs, as folhas utilizadas para a produção das cartas apresentam-se em tamanhos diferentes: pequenos (aproximadamente 10,2X21,9cm), quase na

medida de um bilhete; médios (variando entre 23X17,3cm e 18X11,3cm); e grandes (aproximadamente 27,8X21cm e 26,2X19cm). Prevalendo o segundo tipo, que responde por 65% (39 unidades) do acervo recortado entre 1901-1921. As suas formas variam entre as tradicionais verso/anverso (73% ou 44 unidades) e dobradas (27% ou 16 unidades) que compõem 4 páginas para o ato da escrita. A cor branca é predominante em 92% (56 unidades) dos papéis-cartas, portanto, apresenta-se uma baixa variação na área das tonalidades. Além do branco encontramos papéis bege claro, verde, salmão e rosa (1 unidade de cada). No acervo total de cartas (1874-1954) encontramos dois registros que apresentam molduras pretas, correspondências geralmente atribuídas às situações de oferecimento dos pêsames - apesar de não serem esses os motivos encontrados em seus textos. Registramos 3 exemplares no acervo (1879, 1907 e 1921) que trazem na parte superior do papel-carta a personalização do nome do remetente em timbre gráfico ou moldado em alto relevo - o que indica parte das práticas (e dos desejos) de distinção e individualização nessa época.

No percurso informal, promovido por portadores comuns, os papéis de cartas sofrem uma série de dobraduras até a configuração de um pequeno retângulo, onde, às vezes, é grafado o nome do destinatário ou remetente. Denominamos esse artefato de papel/envelope. No percurso oficial, além da separação entre o papel-carta e o envelope para o carimbo da postagem, encontramos também dois registros de carta-bilhete. Na FIG.16 observa-se a aparência externa da correspondência enviada por Franco Lemos a Lindolfo Lemos, em 14/07/1916, em que área disponível para a escrita dobra sobre si, ocultando o texto e revelando o nome e o endereço do destinatário por detrás de uma tira de plástico transparente.



FIG.16. Carta-bilhete. 14/07/1916.  
Fonte. Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

As pautas que delimitam o espaço para o exercício da escrita apresentam-se em formas mistas (séries de linhas verticais e horizontais conjugadas, quadriculadas, que facilitam o desenho cursivo e a disposição do texto na pauta) e horizontais; além, é claro, das folhas sem pautas. As pautas horizontais apresentam-se de ponta a ponta (cruzando inteiramente a folha); centralizadas (compostas por linhas demarcadas por margens à esquerda e à direita); e delimitadas a partir da margem esquerda. As formas mistas respondem por 28% (17 unidades) do acervo recortado entre 1901 e 1921, as horizontais por 64% (38 unidades) e sem pautas por 8% (5 unidades). A significativa presença das pautas mistas demonstra um importante cuidado relacionado à construção do hábito de compor cartas, já que essa forma buscava educar o olhar e as mãos do missivista quanto ao curso da caligrafia e a diagramação epistolar. Mercado e pedagogia se misturavam para que a construção dos textos das correspondências seguisse uma trilha organizada e legível. Entre as 43 cartas escritas entre 1923 e 1954, portanto fora do nosso foco principal, esse tipo de pauta não é mais identificado. Aparentemente, esse fato indica que, aos poucos, a forma mista foi descartada a partir do diferenciado alcance da alfabetização - conforme o município - e da crescente vulgarização do hábito de escrever cartas. Prevalecendo nessa fase posterior à década de 1920 a utilização das formas horizontais centralizadas ou delimitadas a partir da margem esquerda.



FIG.17 – Amostras de papéis de cartas.  
 Fonte – Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

Nesses papéis de cartas emitidos entre 1901-1921 encontramos a predominância das inscrições a bico de pena das tintas marrom (58% ou 35 unidades), preto (22% ou 13 unidades) e em menor incidência, o azul (13% ou 8 unidades) e o cinza grafite (7% ou 4 unidades). Apesar dos textos de boa parte das cartas demonstrarem uma obediência aos limites demarcados nas margens, observa-se, conforme o prolongamento dos assuntos ou o adendo de um adereço, o aproveitamento dos espaços para a inserção de inscrições complementares. Essas inscrições são dispostas em forma de textos ou desenhos, nos sentidos diagonal, paralelo ou transversal à grafia central. Na FIG.18, por exemplo, lê-se, transversal ao texto: “a pena está péssima”. No canto inferior esquerdo é possível observar as letras iniciais dos verdadeiros nomes dos amantes Armando Lemos e Amália Góia: AGR. Os exemplos de envelopes encontradas (40% ou 24 unidades) revelam os seguintes formatos: pequeno, variação entre 14X11,1cm e 12X9,4cm, 27% (16 unidades); carta-bilhete 3% (2 unidades) e o que denominamos papel/envelope 10% (5 unidades)<sup>54</sup>. A FIG.16 nos traz uma amostra de uma carta-bilhete.

<sup>54</sup> Denominamos papel/envelope os papéis de cartas que sofriam uma série de dobraduras até configurarem um pequeno retângulo, que cabia na palma da mão ou dentro do bolso do portador ou destinatário.

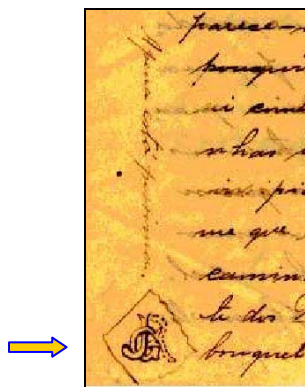


FIG. 18 – Detalhe da carta de Armando Lemos para Amália Góia. 28/03/1908

Fonte – Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

Entre os envelopes identificados (30% ou 18 unidades do acervo entre 1901-1921) também predomina a tonalidade branca (17% ou 10 unidades). Identificamos 3 unidades (5%) na cor bege claro, 3 unidades (5%) na cor verde e 2 unidades (3%) na cor Rosa. Ratificando, portanto, a pequena diversificação observada em relação ao papel-carta. Os exemplares registrados nas agências dos correios permitem verificar o trânsito percorrido através das autenticações dos carimbos, chegando a um deslocamento que, em alguns casos, imprimem 4 postos diferentes até à estação de destino.

#### **2.4. Cartas, cotidiano e espaços da intimidade.**

O Distrito de São Caetano, assim como outras localidades em Minas, começou a ser formado a partir das ocupações promovidas na primeira fase dos serviços de mineração e agropecuária no início do século XVIII. Elevada à condição de freguesia em 1752, São Caetano participou ativamente como área mineradora, sobretudo nos Setecentos, e setor de produção e abastecimento agrícola das demandas das Sedes de Mariana e Ouro Preto no XVIII e XIX (Barbosa, 1979; Andrade, 1998; Pires, 2005). Conforme informado, os recenseamentos de 1890 e 1920 indicam uma queda de 2/3 na população de São Caetano, diminuindo em três décadas de 6.107 para 1.854 habitantes.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Anuario Estatístico de Minas Gerais de 1921, Anno I, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1925.



FIG.19 – Sem título. Autor desconhecido

Fonte – Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

A imagem fotográfica disposta na FIG.19, encontrada em meio aos vestígios que fazem parte do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, nos apresenta um fragmento de um cenário urbano típico de grande parte dos distritos existentes em Minas Gerais entre o final do século XIX e início do XX. Cenários marcados pelos modelos arquitetônicos utilizados nos períodos colonial e imperial, que traziam aspectos construtivos como a cobertura realizada com telhas de capa e bica e o embasamento das casas e muros constituídos de pedras (Vasconcellos, 1979).

Certamente, São Caetano se aproximava desses aspectos, já que traços urbanísticos e arquitetônicos dos séculos XVIII e XIX ainda podem ser visualizados em seu tecido urbano. Nos livros de impostos de indústrias e profissões de Mariana, registrados nos dois semestres de 1899, encontram-se arroladas em São Caetano 4 unidades rurais que continham engenhos de produção de rapadura, outra que produzia açúcar, um pasto de aluguel e três ranchos que serviam para o descanso das tropas e viajantes. Além dessa paisagem rural, que apresenta aspectos sobre a permanência do perfil produtivo desenvolvido nos períodos colonial e imperial, incluindo 11 negócios nas áreas de secos, molhados e fazendas, São Caetano passou a conviver com a inserção de novas

atividades em seu cotidiano. Nos registros dos impostos em 1899 foi identificada uma fábrica de bebidas nessa localidade, e na edição do Jornal Rio do Carmo, publicado em Mariana em 1902, encontramos a publicidade de uma fábrica de gás acetileno.<sup>56</sup>

“Fabrica de aparelhos de gaz acetyleno

Julio Bertholdo

Mechanico

Encarrega-se de qualquer serviço concernente a sua arte: machinas a vapor, campainhas eletricas, quaisquer armas de fogo, etc.

São Caetano de Mariana – Minas.”<sup>57</sup>

Assim como a Sede de Mariana, o Distrito de São Caetano, em sua tênue divisão entre os meios urbano e rural, sintonizava-se à sua maneira com os novos símbolos de progresso e modernização. Portanto, é nesse cenário com vínculos no passado, na reprodução dos gestos, comportamentos e noções, mas ao mesmo tempo permeado por uma época de novidades e expectativas, que devemos pensar o espaço de circulação e referência dos missivistas presentes nesse acervo.

O núcleo familiar de Álvaro Felinto e Anita da Silva Felinto era composto por 9 filhos. Álvaro Felinto tinha investimentos que englobavam uma casa de negócios (secos, molhados e fazendas), uma pensão, um rancho para tropas e um pasto de aluguel. Apesar do acervo da Câmara Municipal de Mariana dispor de registros tributários de indústrias e profissões apenas a partir de 1889, a atividade de Álvaro Felinto como comerciante (incluindo parte dos seus contatos em outras praças) pode ser detectada na

---

<sup>56</sup> O não arrolamento dessa atividade nos livros de impostos consultados não faz inferir sobre as deficiências do sistema de tributação em Mariana nesse período. O gás acetileno é formado pela ação da água sobre o carboneto de cálcio, empregado na iluminação, no corte ou na solda de metal. Um útil produto tanto para uma região de extração aurífera subterrânea quanto para uma época que experimentava um grande crescimento na utilização de materiais metálicos na produção de equipamentos, máquinas, armas e construções.

<sup>57</sup> AEAM. Série Periódicos. Jornal Rio do Carmo. Mariana, 21 de setembro de 1902, nº 23, ano II.

correspondência enviada à sua mãe em 1874, anteriormente citada: “Amanhã vou me embarcar para a corte, se Deus quiser, e levo o compadre J. Gunnes (...)”. O que explica a concentração (e as séries) de notas de recebimentos de mercadorias, cartas comerciais e livros contábeis encontrada no sobrado de São Caetano em 1993.

Comparando os lançamentos contábeis de Álvaro Felinto, realizados em 1902, 1912 e 1922, observa-se pouca variação das mercadorias oferecidas em seu estabelecimento. Essa pequena inovação nos parece um interessante indício sobre os limites financeiros dos consumidores de São Caetano, já que Álvaro era considerado um dos principais negociantes do distrito - condição certificada pelos livros de impostos de Mariana. O lançamento desses produtos nos livros contábeis de Álvaro Felinto nos permite simular um passeio virtual por sua venda, um passeio entre coisas e cheiros: ferradura, cretone, chita encassa, chita larga, pente fino, farinha de milho, chinellos, cortes de calça, carreteis de linha, brim, chapeo pardo, cazimira, pregos, tachas, forno de ferro, breolim, setineta, morim, renda, novelo, flanella, morim, calça de algodão, botões, enchada, chapeo de sol, fechadura de broca portuguesa, lenços chitados, fumo, sal, **cadernos**, alfinetes, barbante, óleo, banha, **penas de aço**, cravos, açúcar, cera em velas, bacia com argola, caixa de fosforo, toucinho, farinha, rapadura, querosene, feijão, fuba, camisa, herva doce, lenha, arroz, restilo, bordanete, sabão, cobertor, estraquinina, milho, **papel e envelope**, pimenta, chapeo de palha fino, esqueiro, fuzile, milho, escova, biscoitos, cravos, vidro, rapadura, bolacha, canivete, ferro, **tinta**, agulha, lenço, alho, chapa de cobre, bacia de ferro batido, cerveja, formicida, vinho, caldeirão, garfos, colher de ferro, bacalhau, carretel de corda vegetal, queijo, urinol, abotuaduras, escova de animal, bananas, sacos, tamancos para homens e barriqueira. Nesses balancetes encontramos também lançamentos sobre os rendimentos com os ranchos e pastos desse negociante.



Destacados entre as mercadorias aparecem nesta lista os cadernos, penas de aço, papel e envelope e tintas, disponíveis para os consumos dos missivistas locais desde 1902.

O segundo núcleo familiar responde por 86 unidades (72.8%) do *corpus* epistolar total aqui pesquisado. Portanto, a maior parte das impressões colhidas nesse trabalho tende a se focalizar nas tessituras dos textos relacionados à família de Félix Lemos e Marina Lemos. Dos 13 filhos, 11 aparecem como remetentes ou destinatários, os dois restantes (João Lemos e Marisa Lemos) foram identificados através das citações nos textos. O foco sobre a família Lemos apresenta uma situação financeira diferente dos Felintos. Félix Lemos tinha como atividade principal a profissão de fogueteiro e vivenciava uma condição econômica mais fragilizada. Sintomático dessa apreensão, além dos textos das cartas, é o fato de que entre os livros de tributos consultados no Arquivo da Câmara de Mariana o patriarca dos Lemos aparece citado apenas uma vez.<sup>58</sup>

Se as festas leigas e religiosas formavam um nicho importante para a vida financeira dos Lemos, e podemos deduzir a quantidade desses eventos numa região estreitamente ligada às comemorações da Igreja Católica, é possível concluir que os rendimentos com essas atividades não eram suficientes para agregar os filhos em torno de um mesmo ramo de negócios, como acontecia com os investimentos dos Felintos em sua casa de secos, molhados e fazendas. A concorrência na atividade de fogueteiro não parece muito clara nos livros de tributos de Mariana, já que os dados sobre esse município no limiar do século XX apontam, além de Félix Lemos, apenas mais duas oficinas de fogueteiros. A partir de 1890, essa atividade desaparece dos livros de impostos, deixa de ser arrolada, no entanto, insistimos na relativização dessas informações, devido a

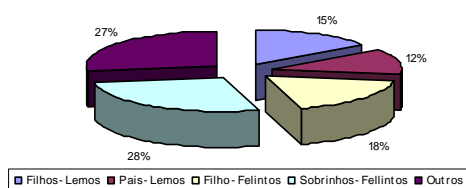
---

<sup>58</sup> AHCMM. Câmara Municipal, Coletoria Estadual, Impostos sobre Indústrias e Profissões: códices 612 (1889-1948), 119 (1895-1900), 05 (1919), 511 (1926-1928) e 794 (1928-1936).

impossibilidade de aferir o nível de eficácia do sistema de tributação em Mariana nessa época. Segundo o depoimento de Caetana Ribeiro Macedo, residente nesse distrito e conhecida como Dona Neném, Félix Lemos também fez experiências nos campos da mineração e da ourivesaria.<sup>59</sup>

Como optamos trabalhar a concentração em torno de Armando Lemos no capítulo 3 (48,3% das 60 missivas escritas entre 1901-1921 referem-se a esse missivista), nessa parte focalizaremos alguns aspectos das cartas restantes, incluindo de Armando Lemos apenas duas correspondências enviadas pelo seu pai, Félix Lemos.

Gráfico 10  
Remetentes (1901-1921) 1ª parte  
33 unidades.

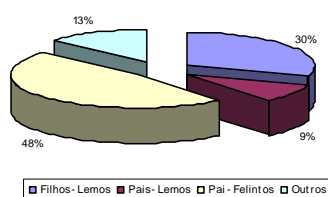


Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Assim, trabalharemos com 33 das 60 cartas desse período. Conforme o gráfico 10, as missivas escritas por amigos das famílias Lemos ou Felintos representam 27% (9 entre as 33 unidades), escritas por filhos e pais da família Lemos também representam 27% (9 unidades) e pelo filho e sobrinhos dos Felintos 46%.

Gráfico 11  
Destinatários (1901-1921) 1ª parte  
33 unidades

<sup>59</sup> CAETANA RIBEIRO MACEDO (Dona Neném). Entrevista concedida ao autor na Casa Paroquial de São Caetano, em 08 de agosto de 2003.



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Essa proporção diminui na área dos **destinatários**, pois, conforme o gráfico 11, as cartas enviadas para Álvaro Felinto representam 48% (ou 16 das 33 unidades focalizadas); as enviadas para os filhos e pais dos Lemos representam 39% (13 unidades); e para outros 13% (ou 4 unidades). A tabela 5 evidencia melhor essas concentrações:

Tabela 5  
Concentrações (1901-1921) 1ª parte.  
33 unidades

	<u>Remetidas</u>	<u>Recebidas</u>
1 Álvaro Felinto	0	16
2 Félix Lemos	3	1
3 Marina Lemos	1	2
4 Lindolfo Lemos	1	2
5 Efigênia Lemos	0	3
6 Filinha Lemos	0	2
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>24</b>

Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

A nossa aproximação em relação aos textos das missivas seguirá essas concentrações, o que permitirá entrar em contato com alguns aspectos das situações de produção dessas cartas pessoais e criar uma idéia sobre os trânsitos, as redes de sociabilidade e os assuntos tecidos a partir de um ou outro missivista. Entrelaçaremos essas observações a partir de dois circuitos: curto, que ligava São Caetano à Sede e Passagem de Mariana, e longo, que ligava esse distrito a outras localidades.

Nesse acervo é possível identificar diferentes formas de tratamento (e reconhecimento) entre os missivistas. A maneira do remetente se dirigir ao destinatário é uma pista importante sobre o desenho do campo situacional da conversação, da percepção sobre o ritual, os estatutos e as regras de comportamento que os sujeitos projetavam um sobre o outro. A forma “servo, criado e obrigado”, por exemplo, é recorrente em alguns exemplares e reflete a permanência de antigas mentalidades na constituição dos relacionamentos. Esse é um interessante indício sobre a reprodução de velhos hábitos em meio a essa época de transformações “modernizantes”, o que demonstra que as idéias sobre o “moderno” são construídas tanto em meio ao choque, quanto em meio às superposições e às misturas com os conceitos sobre o “tradicional” (Burke, 2003). Ultrapassando os marcos do nosso recorte, esse antigo tipo de tratamento pode ser identificado desde 1883 até a meados da década de 1940, como demonstram as citações abaixo:

Aqui veio pessoalmente tio [ ] L. C. pedindo me p<sup>a</sup> participar lhe que hontem vindo de S. Caetano encontrou na rua das Forgimas o seo escravo Abel, e não o tendo por forma alguma ofendido [desfeitou]-lhe com palavras injuriosas, e ameaças de querer agredir com hum pirai que tinha em mão, e como julgo que este acto não seja de seo agrado e a elle enjuriizo participo-lhe para dar as providências que julgar raozoavel. (...) como sempre **compadre obrigado servo e criado** (grifo nosso).<sup>60</sup>

A demora em responder-vos foi causada por doença e morte de um irmão de meu patrão; com a qual foi esgotada toda a sciencia medica e também o nosso tempo e repouso.(...) o vosso **sobrinho, obrigado e criado** (grifo nosso).<sup>61</sup>

(...)apresentei-a seu pedido ao banco, este ficou de prolongar o prazo para mais 60 (sessenta) dias e o fazer com urgência a comunicação, com urgência à agência de Mariana (...) **amigo, criado e obrigado** (grifo nosso).<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. V.M.R. para J. S.S. São Caetano, 22/jan./1883. 1f, s/env.

<sup>61</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Getúlio de Souza para Álvaro Felinto. Rio de Janeiro, 22/set./1908. 1f, com envelope.

<sup>62</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências comerciais.M.B. para Vicêncio Felinto. Divinópolis, 01/jul./1944, 1f, s/env.

O tom de maior intimidade, conforme o tipo de reconhecimento entre os missivistas, permitia outros resultados, como as áreas de despedidas encontradas na carta enviada por Arcelino Barroso à amiga Amália Góia, em 2 de outubro de 1912, e na carta enviada por um amigo à Marina Lemos, em 15 de novembro de 1912:

No mais lembrança a M. R., e para insulto a C. diga a ella q eu mandei lembranças, sim? e você aceite uma dentada e um abraço.<sup>63</sup>

A Rosinha está boa gorda etc e manda lhes lembranças e abraços beijos e bicotas e mais coisas gostosas.<sup>64</sup>

Começaremos pela concentração em torno do comerciante Álvaro Felinto. Ela apresenta 6 missivas escritas pelo seu filho Demóstenes Felinto, 5 escritas pelo sobrinho Getúlio Souza, 3 escritas por amigos e 2 pela sobrinha Alenice de Souza, irmã de Getúlio. Entre as 6 cartas de Demóstentes, 4 foram produzidas na Sede de Mariana, 1 em Belo Horizonte e o local de emissão de uma não foi identificado. Entre as 5 cartas de Getúlio foram expedidas de Sabará, Rio de Janeiro e Boa Vista 1 unidade cada e 2 de Santana do Alfie. As 3 cartas dos amigos foram enviadas da Sede de Mariana, Boa Vista e 1 não foi possível identificar o local. Entre as cartas de Alenice de Souza 1 foi enviada de Boa Vista e a outra não possível identificar o local de emissão. Portanto, entre as 16 recebidas por Álvaro Felinto, 13 foram produzidas por 2 sobrinhos (que não residiam mais em São Caetano) e 1 filho, sendo que as cartas de Demóstenes Felinto falam sobre negócios do pai, por isso, revelam uma quantidade restrita de assuntos, além de serem repetitivas.

---

<sup>63</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Arcelino Barroso para Amália Góia, Belo Horizonte, 02/out./1912, 2 f, s/env.

<sup>64</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Não identificado para Marina Lemos, [São Caetano], 15/nov./1912, 1f, s/env.

Em 15 de maio de 1907, Demóstenes Felinto escreveu da Sede de Mariana para o seu pai, que estava em São Caetano, informando-lhe sobre o encaminhamento de um conflito relacionado à posse de terras.

Querido Papae  
Desejo que estejas passando bem. Tenho a comunicar que os negocios do Snr está muito bom, porque já foi dito pelo Snr R. N. [e mesmo] o Diego já disse que está [perdido] da parte delle.  
Estejas tranqüilo papae.  
A pressa e muito, pesso abençoar o vosso filho que é  
Demóstenes Felinto.  
Marianna, 15 de maio de 1907.<sup>65</sup>

Durante as duas primeiras décadas do XX, Demóstenes se deslocava entre São Caetano e a Sede de Mariana, além de outras localidades, a fim de acompanhar de perto os andamentos dos negócios do pai. Em Belo Horizonte, em 18 de março de 1907, Demóstenes escreveu:

Peço-vos pois scientificar-me se recebeo (a última carta) nem só que é a maior tranqüilidade que tenho [é] em receber noticias nossas, como tambem assim saber se o meo Papae conforma-se com os meos diseres, e nada resolvo sem a opinião vossa e da mamae, pois não quero faser aquillo que vos não se conformar, quero sempre entrar em acordo com os meos Paes apesar de estar pelos lados estranhos mas isto quando pode-se obter qualquer resultado. Pois é como vos disse as dispesas aqui é colloçal junto com todas economias. Eu aqui tenho dado-me bem com os ares mais em compensação tem as agoas que é como se diz o cumulo, é apropriada para doente. Pois o que digo-vos é que trabalhei muito e estou cansado são 9 horas então para finalizar esta peço-vos como Mamae e A. lançar a vossa benção no vosso filhio que é  
Demóstenes.<sup>66</sup>

As circulações perceptíveis nas redes formadas pelos correspondentes (próximas ou distantes de São Caetano) incentivavam o contato com novas realidades, colocavam os amigos e parentes em pontos separados do olhar do outro e ajudavam a atualizar notícias. Em 28 de maio de 1916, Demóstenes novamente escrevia:

Cheio de contentamento [ ] em meu poder a vossa presada carta com a data de hoje, a qual respondo; e pela carta sua fiquei sabendo que todos d'ahi gozam saude. Felizmente eu estou bom.

---

<sup>65</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Demóstenes Felinto para Álvaro Felinto. Sede de Mariana, 15/maio/1907, 1f, s/env.

<sup>66</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Demóstenes Felinto para Álvaro Felinto. Belo Horizonte, 20/nov./1911, 2f, 1 env.

Quanto ao vosso pedido, porei em execução amanhã sem falta. Rogo-lhe o obsequio dizer ao A. que o B. mandar pedir para mandar-lhe os couros para Castro, Fortes e Xavier aqui que lhe pagará o que lhe for o preço.<sup>67</sup>

Em busca de novas possibilidades parte dos missivistas promoveu um deslocamento na consistência presente em suas relações familiares e sociais. Nessas cartas percebe-se nuances sobre essa fase de migração em São Caetano (sentimentos, expectativas, desconfortos) que não são captadas por outras fontes documentais, como, por exemplo, o texto epistolar ajudava a exportar impressões. Em 10 de julho de 1907, Getúlio de Souza, sobrinho de Álvaro Felinto, lhe encaminhava uma carta relatando sobre a sua rotina de trabalho em uma farmácia da cidade de Sabará. Abaixo segue um fragmento da missiva:

Meu respeitavel tio  
Peço-vo vossa benção e visito á todos de nossa casa.  
Tenho sido muito incorrecto para com V.mce, reconheço isto, e, ao mesmo tempo peço-vos perdoar-me por esta falta involluntaria; involluntaria sim, porque não tenho tempo sufficiente para escrever ás pessoas que me são caras; o motivo passo a explicar-vos:  
Ás 6 horas da manhã levanto-me arrumo a Pharmacia e começo a trabalhar, e assim vou até ás 10 da noite, hora esta que vou me deitar; isto desde que aqui cheguei tem sido assim porque a Pharmacia fornece medicamentos para 700 pessoas da Estrada de Ferro de Sabará á Santa Barbara, não falando no serviço da Santa Casa de Misericórdia que é diario, e da freguesia da cidade.<sup>68</sup>

Após, Getúlio confidenciou-lhe um descontentamento: “O ordenado que tenho aqui é pequeno (visto o meu trabalho) ; - que é de 50#000 mil reis mensaes. O patrão propos-me gratificacção, mas eu acompaño o proverbio que diz: promessas só de Christo.” Em 22 de setembro de 1908, do Rio de Janeiro, Getúlio remeteu uma nova missiva ao tio:

Tenho em minhas mãos há dias vossa carta, a qual foi portadora de vossas noticias o que muito me allegrou, sabendo que todos passam bem.  
(...) Pretendo ir ahi em Dezembro se não houver algum transtorno em meus negócios e levarei em minha companhia um medico que pretende fazer uma excursão no Estado de Minas Gerais a fim de colocar-se.  
A variola que faz aqui grande progresso; victimando centenas de pessoas, graças ao omnipotente está quase extincta havendo raramente um ou outro

<sup>67</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Demóstenes Felinto para Álvaro Felinto, Sede de Mariana, 28/maio/1916, 1f. com envelope.

<sup>68</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Getúlio de Souza para Álvaro Felinto, Sabará, 10/jul./1907, 1f, s/env.

caso. Não tive medo algum de tal epidemia porque me vacineei diversas vezes e tive sempre cuidado em desinfetar-me.<sup>69</sup>

Getúlio de Souza, em 26 de junho de 1916, endereçou uma nova carta de Alfê de Santana a Álvaro Felinto, apresentando-lhe novas perspectivas:

Peço vossa benção e de Sinhá e cumprimento aos caros primos aos quaes visito-os.

Devido a insistências do Padre S., vigário desta freguesia, por cartas, para vir até aqui a fim de abrir para mim uma pharmacia nesta localidade fui obrigado a vir com urgência, não tendo tempo de ir ahi receber a vossa benção e de minha idolatrada mãe a quem no dia que sai de Boa Vista escrevi neste sentido, pedindo abençoar-me e desculpar-me por tamanha falta. (...) Vou amanhã ao São Domingos do Prata a fim de comprar toda a parte da pharmacia do J. C. que retira-se para Bicudos, tendo comprado naquella localidade a pharmacia do E. C.<sup>70</sup>

Álvaro Felinto, enquanto comerciante, juiz de paz e tesoureiro da Sociedade São Vicente de Paula era uma importante referência nesse distrito no início do século XX. Portanto, possuía relações com figuras de destaque das esferas da política representativa municipal, como atesta a carta de A.M.F., de 18 de março de 1907, e da Arquidiocese de Mariana. Um episódio envolvendo Álvaro, um médico gaúcho e Monsenhor Horta, nome forte da Arquidiocese nessa época, demonstra como a construção do texto epistolar mediava diferentes tipos de consultas, quer sejam laicas ou religiosas. Respondendo à pretensão de Álvaro em remediar o filho através de uma consulta realizada via carta, Monsenhor J. Horta, desconfiado da eficácia dos remédios e da idoneidade de tal tipo de análise, escreveu ao amigo em 23 de outubro de 1914:

Aconselho amigo que não mande a carta ao medico de Pelotas, no Rio Grande (do Sul), nem applique ou dê ao J., seu filho, os remedios que lhe forem receitados, porque hai haverá intervenção do demonio, ou haverá especulação humana manifesta. Não se comprehende, com effeito, uma consulta, que apenas consiste na declaração do nome, idade e residencia de um doente qualquer. Portanto toda receita em semelhantes casos é dada pelo demônio [é] dada e accertada por acaso pela perspicacia humana, o que não é favorável.

Amanhan celebra-se a festa do Archanjo São Raphael, o Archanjo da medicina, Protector e illuminador dos Medicos. Apegue-se antes com elle,

---

<sup>69</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Getúlio de Souza para Álvaro Felinto, Rio de Janeiro, 22/set./1908, 2f, s/env.

<sup>70</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Getúlio de Souza para Álvaro Felinto, Santana do Alfie, 26/jun./1916, 1f, s/env.



que seu filho será curado Em honra de S. Raphael envio um pouco desta agua benta para o seu J., e estou certo que será feliz, sarando de qualquer encommodo.

Recommendo-me a sua familia e sou com estima

De V.S<sup>a</sup>,

amigo, servo e obrigado.<sup>71</sup>

Um mês antes, Getúlio de Souza, havia remetido uma carta a esse médico, intermediando o contato para o tio.

Tomo a liberdade de dirigir a V.Sa., por indicação do [farmaceutico] S. R. enviando-lhe a nota para a consulta e 25#000 p<sup>a</sup> os medicamentos que rogo-lhe remetter pelo correio, registrado p<sup>a</sup> São Caetano de Marianna [ ] da Cidade de Marianna, Minas.  
Faltando, rogo-lhe avisar-me p<sup>a</sup> fazer-lhe a remessa.<sup>72</sup>

O texto epistolar, nesse caso, encurtava distâncias e afiançava sintomas, enfermidade, crenças e negócios. Se Divina Lemos definia o texto epistolar como uma forma de conversa, como citado anteriormente no ponto sobre os “vestígios de leitura”, a noção de visita também pode ser anexada a esse campo conceitual, como demonstra a carta que J.G.L.C., amigo de Álvaro Felinto, escreveu de Palmeiras, em 10 de junho de 1917, desejando os pêsames pelo falecimento da esposa de Álvaro:

Esta tem por fim saudar-lhe com a Exma familia e apresentar os meos pezames pella morte da Ilma. D. Antoninha q so soube no dia 2 deste mes aqui pello compadre Igidio e quera **asceitar uma vizita** (grifo nosso) minhas com minha filhas e mulher a V.Sa e a Exma. Familia. Eu com minha familia vamos vivendo sem novidades deos lovado é o sim com muitas dificuldades na vida anno atrazado quano ahi estive no mes de junho de 1915 tinha ido a Marianna o amigo não estava tinha viajado não lhi encontrei tinha eu perdido uma filha moça feita quando foi no mes de agosto perdi outra uma em maio outra em agosto esta q morreo em agosto dexou 6 filhos dahi a dois mezes morreo o meu genro de formas q foi neçeçario trazer os neto para minha companhia na mesma ocazião com diferença de quinze dias morreo meu cunhado e amigo J. M. o q a de fazer de tudo deos hé cervido conçolo com a vontade de deos

Sem mais queira a ceitar minhas recomendações com todos da Exma familia e todos os meos fazem o mesmo e sempre como amigo velho e velho amigo

J.G.L.C.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> AHMH. AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Monsenhor Horta para Álvaro Felinto. Mariana, 23/out./1914, 2f. com envelope.

<sup>72</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Getúlio de Souza para Álvaro Felinto, São Caetano, 18/set/1914, 1f, s/env.

<sup>73</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. J.G.L.C. para Álvaro Felinto, Palmeiras, 10/jun./1917, 1f, s/env.

A missiva escrita pelo outro amigo, A.U., em Cachoeira do Campo, em 11 de fevereiro de 1917, tematiza o mesmo assunto:

Vou por esta apresentar-lhe e toda exma família os meus sinceros pesames, pelo falecimento de sua sempre lembrada esposa. Poes eu compartilhando de suas dores sinto muito não poder ir pessoalmente nestes dias, em tão queira apresentar esta a toda exma família. Concluo pedindo a N. S. dos Passos p<sup>a</sup> vencer estes nossos ultimos dias de vida que temos, é o final de todos.<sup>74</sup>

As duas cartas da sobrinha de Álvaro Felinto, a Irmã Dominicana Alenice de Souza, iniciam com a saudação J.M.J., que significam “Jesus Maria José Valei-me”. Escritas em 25 de maio de 1921 e 08 de setembro de 1921, a irmã relata nessas missivas sobre a sua transferência para Belo Horizonte “é vontade de Deus conforme me disse o Revmo Padre Severino meu director extraordinario” e sobre a saúde de uma parente comum que estava sob os cuidados de Getúlio de Souza:

Logo q chegamos a Z. procurou saber da R. o q ella sofria e ela foi franca, portanto, tomou remedio acertado. Ella manda vos dizer q recebeu a vossa carta e muito vos agradece os vossos cuidados não escreve porque não tem costume de escrever.  
Acceitae com as meninas visitas nossas (...).<sup>75</sup>

As partes iniciais de suas correspondências são interessantes, abaixo as destacamos incluindo uma terceira carta escrita em 16 de agosto de 1923:

Envio minhas fracas supplicas ao throno de Maria Santissima em favor do Snr. e todos os nossos aos quaes visito com saudades.<sup>76</sup>

Nos corações de Jesus, Maria e José visito a vós e a todos os nossos.<sup>77</sup>

Supplico a Nossa Boa Mãe Maria Santissima Assumpta aos ceos, q de lá vele sobre seus filhos, q somos nós, neste valle de misérias, com ternura maternal.<sup>78</sup>

---

<sup>74</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. A.U. para Álvaro Felinto, Cachoeira, 11/Fev./1917, 2f, s/env.

<sup>75</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Alenice de Souza para Álvaro Felinto, Boa Vista, 08/set/1921, 1f, com envelope.

<sup>75</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Alenice de Souza para Álvaro Felinto, s/l, 25/maio/1921, 1f, s/env.

<sup>76</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Alenice de Souza para Álvaro Felinto, Boa Vista, 08/set/1921, 1f, com envelope.

<sup>77</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Alenice de Souza para Álvaro Felinto, Boa Vista, 16/ago./1923, 1f, com envelope.

<sup>78</sup>

Nesse acervo a carta da Irmã Alenice de Souza, escrita em 16 de agosto de 1923, é a última missiva pessoal que cita o comerciante Álvaro Felinto. As notícias sobre ele cessam numa carta comercial enviada por C.G. de Ouro Preto no dia 3 de janeiro de 1925.

Junto a esse segue o conhecimento de umas ferraduras que o A. B. mandou despachar para ahi não sabendo [ ] se elle ja conversou com o senhor mas caso não tenha conversado ainda elle não [deverá] a ir até ahi. São 28 duzias mas falta uma ferradura pelas minhas contas.<sup>79</sup>

A partir de meados da década de 1920 os filhos Vicêncio Felinto e Avelino assumem os negócios, como demonstram as cartas comerciais presentes no Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, indicando o falecimento de Álvaro Felinto nessa época.

A pequena concentração de cartas em torno de Félix Lemos apresenta 3 cartas escritas por ele em São Caetano e uma enviada pela filha Divina Lemos, produzida em Queluz de Minas, atual Conselheiro Lafaiete. Em 27 de fevereiro de 1908, escrevendo ao filho Armando Lemos, Félix Lemos alertava.

Armando Deus q ti abençõio e Proteija, Ricibi a sua carta, a qual fiqui saptisfeito de vc combinar com o Snr L.; só ti pesso q pegui com N. Snr e S. Geraldo para vc ser feliz e eu tambem estou [rezando] e sua may.

Armando Nenem [leva] a tua roupa que pedes, o travesseiro chegara la amanha, 29, vai junto com a roupa de João (Lemos), com o Neca Tropeiro do filhote, eu pedi para entregar ai, em caza do Sr. L. (...)

NS: Armando quando vc tiver de vir cá por cauza do cartoro nao venha sem concentimento do seu Patrão Olha o q te aconteceu com o Sr. M.<sup>80</sup>

Nas cartas pessoais, as notícias e a discussão dos valores transformam-se da presença direta e física para fluírem dentro de uma ação intermediada pelos textos. Na missiva acima exposta, Félix Lemos demonstra como a vigília podia se processar à distância via carta. À medida que os filhos mudavam-se de São Caetano em busca de novas

---

<sup>79</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências comerciais. C.G. para Álvaro Felinto, Ouro Preto, 03/jan/1905, 1f, s/env..

<sup>80</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Félix Lemos para Armando Lemos, São Caetano, 27/fev/1908, papel/envelope.

oportunidades de trabalho, Félix Lemos adaptava-se a essa situação e construía com o texto epistolar uma maneira de manter-se próximo, de visitar, conversar com os filhos ou adquirir objetos e mercadorias. A sua regular competência de escrita, quando comparamos os resultados dos seus textos a outros manuscritos ou impressos existentes no Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, indica que a necessidade de praticar a construção do texto epistolar ajudava a exercitar a sua habilidade em descrever as situações em seu entorno. Em 30 de setembro de 1912, Félix Ramos, em São Caetano, voltava a enviar mais uma missiva para Armando Lemos:

Aqui todos vão indo sem maior novidade, só Franco é q tem passado mal com reumatismo nos brasso, está em uso de remédio, minha mai esta melhor; Armando vc compra um brim conforme eu ti falei; escuro é q não seja caro, p<sup>a</sup> carça e coleite p<sup>a</sup> X. fazer esta semana sem falta, mande aconta p<sup>a</sup> mim mandar o dinheiro, pode comprar com o dinheiro q sua mai deu a vc q eu mando outro. Azeite recomendação de todos, e eu, e sua mai, uma benção.  
Seu pai q ti estima.  
Félix Ramos.<sup>81</sup>

Seguindo os caminhos dos irmãos, as filhas dos Lemos também começaram a deixar o distrito. Efigênia e Divina Lemos, a partir da segunda década do século XX, assim como alguns irmãos, estavam residindo em Queluz de Minas, atual Conselheiro Lafaiete. Em 22 de abril de 1918, Félix Lemos enviou uma correspondência para Efigênia:

Efigênia; Deus que vos abençoi e todos os meus filhos e nectos; e Deus permite q todos ai estejam bons, pois nos aqui vamos indo, uns bons, e outros q está doente, já está pouco melhor, sinhá felizmente já está melhor. porem, minha mai tem estado quaze morta, com umas bicharada(s) que ela apanhou no nariz, e se eu não fosse ativo que descobrir, ella ja tinha morrido, estava tomando remedio p<sup>a</sup> defluço, eu desconfiei mandei benzer logo começou acair cada um bicho de 2 a 3 centímetros; ja tem saido uns 60 a 70 ate onte, ela quaze não podia falar, agora ja esta falando melhor, creio que os bicho ja estragou a campainha d'ella por q tem saido mais p<sup>a</sup> boca.  
(...) cheguei a falar com Divina q ainda tinha q falar mas q não alembrava. O recado ficou de cafifa q já escrevi 2 cartas e tornei a esquecer. (...) Diga a Castilho q percizo de [ ] apertada p<sup>a</sup> fazer fogos p<sup>a</sup> Cachoeiro e [ ] Lindolfo

---

<sup>81</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Félix Lemos para Armando Lemos, São Caetano, 30/set/1912, papel/envelope.

si ja vendeu o relógio mandar os cobres p<sup>a</sup> mim comprar cabedaes q não tenho um vintem,<sup>82</sup>

Em 10 de setembro de 1921, Divina Lemos escreveu de Queluz de Minas para Félix

Lemos:

Queluz, 10 de setembro de 1921.

Pape peço-vos a vossa benção, desejando que todos ahi estejam bons. Nós vamos indo como Deus é servido, só muita saudade. Felizmente hontem consultei e o médico me achou muito fraca, receitou tres remedios e depois que acabar tenho que tomar injeções são 3 meses de tratamento, mas é aqui, ele disse que eu preciso mudar de ares: a dieta que ele me deu foi a seguinte posso comer de tudo menos azedo e salladas, levantar de manhã tomar café com pão, e, depois um ovo, começar com 1 até tomar 12 por dia e depois disso dar um passeio mas evitando de cançar. Agora eu espero que o Snr me auxilie com algum dinheiro para mim ter ao menos de comprar ovos. Terminando envio recomendações de todos. .

Vossa filha que vos abraça.

Divina Lemos.<sup>83</sup>

Além dessas missivas, Félix Lemos aparece em mais 4 unidades, escritas pelos filhos

Marcos Lemos, na localidade de Buriner (13/04/1923), e Castilho Lemos, em Ouro

Preto (09/07/1925, 23/12/1925 e 23/12/1933). Em 1933 escrevia Castilho:

Peço-vos a benção desejando que estejam todos sem novidades, enquanto aqui vae tudo sem novidades graças a Deus.

O fim desta é para dar as boas festas e feliz entrada de ano novo.

Papae é tudo que posso dar para passar o natal junto com os nossos, pois eu não posso ir ahi se não em janeiro.

Peço recomendar a todos e dar boas festas por mim.

Abenção a todos as duas meninas e abraço a todos.

C. e as meninas fazem o mesmo.

Do filho

Castilho Lemos.<sup>84</sup>

A expressão “sem novidades” é recorrente em algumas cartas desse acervo. Um contraponto interessante para uma época que aprendia a conviver com uma nova velocidade em relação às mudanças estéticas, urbanas e materiais. A palavra “novidade”, nesse caso, estava relacionada com as enfermidades, ter novidade era estar

---

<sup>82</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Félix Lemos para Efigênia Lemos. São Caetano, 22/abr./1918, 2f, com envelope.

<sup>83</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Divina Lemos para Félix Lemos, Queluz de Minas, 10/set/1921, 1f, com envelope.

<sup>84</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Castilho Lemos para Félix Lemos, Ouro Preto, 23/12/1933, 2f, s/env.

doente. Como essa é a última carta que traz referências sobre o patriarca dos Lemos, acreditamos que ele tenha falecido na década de 1930.

A concentração em torno de sua mulher, Marina Lemos, apresenta 3 missivas. Sendo 2 unidades recebidas de um amigo desconhecido, que parece ter escrito do próprio distrito de São Caetano, e do filho Armando Lemos, que escreveu de Queluz de Minas, e 1 remetida para a filha Mirinha Lemos, que estava na Sede de Mariana. Marina tinha uma vida ativa no distrito de São Caetano sobretudo na entidade “Filhas de Maria”, onde atuava como tesoureira. A carta escrita por um amigo não identificado, em 15 de novembro de 1912, revela a importância do trânsito das cartas na atualização das informações no distrito onde residiam :

Não fosse os contra-tempos que tem coberto de tristezas esse nosso arraial já ha mais tempo tinha te escripto, mas as minhas cartas são sempre cheia de bobices que não estão de accordo com os nossos aborrecimentos. Quanto o que dizes em sua carta, estou prompto e não era necessario a sua recommendação, pois bem sabes que sou por elle e outros, mas não tenho forças para tanto, enfim farei o que por possivel.<sup>85</sup>

Assim como Félix Lemos, Marina também acompanhava as experiências dos filhos em outros lugares. Em 18 de março de 1918, Marina Lemos aconselhava à filha que encontrava-se na Sede de Mariana:

Filinha vai a tua roupa e o dinheiro vai dentro para não ficar muito descommodo para o E., mas a tua roupa não está boa para você assistir Semana Santa ahi, mas alguma cousa de noite voce pode ir mas de dia não; se voce quizer a minha saia de casemira mande buscar e da um geito nella ahi. Sem mais acceite saudades de todos. Recomendações a Dona C. e Dito. Tua mãe que te abençoa.<sup>86</sup>

Nessa mesma carta Divina Lemos, aproveitou para comunicar-se com a irmã:

Se esta cartinha for te encontrar gosando saude é o que desejo. Eu vou indo bem graças a Deus, pensei de adoecer o dia que vim por causa da

---

<sup>85</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Não identificado para Marina Lemos, São Caetano, 15/nov/1912, 1f, s/env.

<sup>86</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Marina Lemos para Filinha Lemos, São Caetano, 18/março/1918, papel/envelope.

chuva que tomei mas felizmente não tive nada. Filinha Deus permita que voce gose bem na Semana Santa, não fique boba não, aproveita bem, eu só sinto não poder ir tambem que eu tenho tanta vontade de assistir ahi e nunca nessa ocasião posso ir. Filinha hontem recebi carta de Efigênia, ella esta queixando que te escreveu e voce não respondeu. O A. manda te dizer que o coração d'elle está Antonico, mas eu não sei o que vem a ser.

Em 16 de julho de 1921, de Queluz de Minas, Armando Lemos relatava à sua mãe sobre encomendas, contas e trânsitos dos irmãos:

Desejo que esta ja encontre a senhora restabelecida e todos os nossos sem novidade. Eu, felizmente cheguei sem novidade e encontrei todos bons. O Franco está em Sabará e o Marcos está aqui. As laranjas chegaram direitas e ja distribuimos todas. Se for possivel peço despachar umas 30 ou 40 para o Romeu, estes dias.

Sobre as contas ficaram todas decididas com o S. Eu interei o dinheiro que a senhora deu e com o do João paguei as duas contas que importaram em 139.900 inclusive a alpercata e 1 par de meias e dei por conta do meu pae 50#000, de modo que paguei do meu só 29.900. O Marcos ja fez conta com o J. M. e recebeu o dinheiro que não é grande couza. Ja disse a elle para vir todos os dias tomar explicação comigo para poder ir para a Passagem com a condição de esquecer do brinquedo que é o que faz elle não arranjar couza alguma.

Depois escreverei com tempo.

Recomendo a todos e peço a benção.

Do filho

Armando.

16-7-1921

Queluz<sup>87</sup>

As cartas em torno de Marina Lemos nos aproximam da escrita feminina e do cotidiano das mulheres dessa família nessa época. Em 13 de setembro de 1921, Mirinha escrevia à mãe:

Recebi a vossa carta a qual veio encher-me de prazer pois foi a primeira noticia que eu tive, estava muito afflita pois não tinham noticias se chegaram bem. Mamãe é só a senhora e Papae quem lembro de mim, pois eu escrevi para Filinha pelo Carino e ella não quiz responder, ella recebeu porque eu escrevi pedindo roupa e remedio e hontem Castilho veio de lá e trouxe por mim. Mamãe eu estou muito satisfeita não tenho tido nada de me aborrecer só muita dor no estomago isto não me incomoda, eu ja fiz meu vestido com Filinha tenho pasado dias lá e um dia na casa de R. no mais estou em casa. Mamãe o dia que a senhora vier manda avizar para mim ir a Estação para vir com Fina.<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Marina Lemos, Queluz de Minas, 16/jul/1921, 2f, s/env.

<sup>88</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Mirinha Lemos para Marina Lemos, Sede de Mariana, 13/set/1921, 2f, s/env.

A última carta que traz referências de Marina Lemos foi enviada pelo filho Franco Lemos, em Sabará, no dia 03 de dezembro de 1925:

Mamãe pesso-vos a benção e  
Papae. Desejando que ao receber esta estejam em goso de saúde pois é o que eu pesso sempre a Deus, reçibi hontem a voçe cartinha pois fiquei sastifeito em ter vossas noticias mas não é como a senhora esta dizendo eu o mez passado escrevi para papae e estou esperando a resposta até hoje a carta que Filinha me escreveu de Marianna eu respondi logo para la, o João e o Armando passaram aqui dia 27 e eu dei a elles 30.000 para levar porque o João me disse hia em casa até dia 30 pensei que elle foi. (...) Vou pegar com fé em Deus para ver se posso passar o dia 24 se poder eu escrevo antes se eu não puder vou mandar um requeijão do sertão para a senhora repartir uma ostia a cada um.<sup>89</sup>

A concentração em torno de Lindolfo Lemos apresenta 3 unidades, sendo que 2 foram remetidas, respectivamente, pelo amigo José Lino, de Passagem de Mariana, e pelo irmão Franco Lemos, de Queluz de Minas. A carta enviada por José Lino, em 02 de junho de 1916, demonstra como os exercícios de auto-representação apresentam outros nuances no estabelecimento das regras de envolvimento e reconhecimento. As inscrições íntimas se tornam peças importantes para a averiguação dessas divisões que o sujeito escolhe para se comportar, conforme o destinatário e a situação, dentro de um enquadramento social ou de liberação das válvulas de pressão e expressão moral.

Mudamos, agora vou sauber dos amigos. Como vai o nosso B. já cortou o bruto penachu que tem no cu e o J. o que tem feito, elle o nosso vizinho do Phillograma vai bem nao e? Já soube que são entireçado na firma Taqual, Tenebia isto é que é vida da não envejam da vida de um tocinheiro daqui a 2 dias eu meto os 968 no bouço e estou tombando o galego, ai vai o pampara. E.V.B arretirou os capitaes 18.705#06 e 6 ternos de gazimira englezas e vom ver quanto e neportante um pampara.  
(...) Aceite um copo de cerveja, não me faz esta desfeita logo que não quer cerveja vou abrir 1G de Monte Mario. Viva o golo isto dura pouco.<sup>90</sup>

Encontramos o rascunho da resposta de Lindolfo guardado dentro do mesmo envelope enviado por José Lino. Segue um trecho:

Amigo José Lino, passo-te essas epístolas linhas para sabêr as tuas boas noticias, que as minhas até me acanho em dar-te, pôrque sou um

<sup>89</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Franco Lemos para Marina Lemos, Sabará, 03/dez/1925, 1f, s/env.

<sup>90</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. José Lino para Lindolfo Lemos, Passagem de Mariana, 02/jun/1916, 2f, com envelope.



desordeiro rancador de cabaço como dizem estes filhos das puta, Lino se tocar nisto com você o safado do Caianna diga a elle que é verdade também que o V. pegou na vagina da irmã delle, e não méte a cára com migo que não dou pello, e Mudamos de assunto que este está pau. José recibi a sua cartinha a qual deu-me muito prazer, e então você pojando no reconstituinte o prazer e todo meu, assua pequena ainda não teve mas ocasião de comerça-mos sobe q' está muito satisfeita com a sua photografia, tenho a dizer que o B. fez um lindo par de rêdia com o tal penacho do cú, e fica para outra hora.<sup>91</sup>

Como trata-se de um rascunho não temos a parte final do texto de Lindolfo. Em 25 de fevereiro de 1917, Franco Lemos escreveu ao irmão Lindolfo Lemos, relatando sobre a sua nova situação no município de Queluz de Minas, atual Conselheiro Lafaiete. Os descontentamentos com os burburinhos locais poderiam encontrar uma solução na possibilidade de tentar a sorte em outro lugar. A carta de Franco Lemos demonstra como o texto missivista, além de proporcionar o contato entre os irmãos, ajudava a produzir novas expectativas para os parentes e conhecidos que residiam em São Caetano.

Com grande prazer pego na penna para dar-te minhas notícias, e o mesmo tempo, saber das tuas e de todos dahi, eu grassas a Deus vou vivendo bem, e aqui estão todos bons, desejo que aconteça o mesmo ahi, ser for assim eu ficarei muito contente, pois é a unica côza que me encomoda é não ter notícias dahi, eu se faltado com minha obrigação [é] por falta de tempo e não e por pouco caso pois estou trabalhando pois estou trabalhando uma legoa aretirado da sidade, saio todos os dias as horas de casa e chego as 6 ja [estou] bem acordado e de modos que não tenho tempo, pesso Efigênia ella não escreve, de modos que a razão e esta (...) estou bem ja sou feitor, e brevemente mandarei xamar você e o Sallles, o ordenado e de 3 pra cima e o servisso e leve o patrão muito bom (...).<sup>92</sup>

Além dessas correspondências existe mais uma, e última, escrita por Lindolfo Lemos em 17 de novembro de 1947, remetida de Sabará para sua irmã Bianca Lemos, que residia em São Caetano. Nessa carta podemos perceber a localização de alguns membros da família Lemos nessa década:

Presada irmã, é com prazer q faço estas mal traçadas linhas, com o fim de comunicar-lhe que recebi a tua carta, a qual reclama de não ter eu acusado o recebimento do despacho da forja, a falta foi grave mas vocês vão me

---

<sup>91</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Lindolfo Lemos para José Lino, São Caetano, 25/fev/1917, 1f, rascunho.

<sup>92</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Franco Lemos para Lindolfo Lemos, Queluz de Minas, 25/fev/1917, carta-bilhete.

perdoar, recibi, e tambem os doces, porque eu estou fedeno a chifre queimado, mas não a de ser nada, como [ ] de ser agora o Bentinho, Voces ahi estão sem novidade não é? e aqui vamos na forma dos costumes, o Franco não tem passado bem com o reumatismo, os outros, sem novidades, diga a G., muito agradeço pello cuidado de despachar a forma, depois pagarei a despesa, e quando ele vem não va deixar acabar as ferias, e a Filinha e Lalá, quando vem, pois hoje tive muita vontade de chegar ahi, mas não foi possível.

(...) Vô terminar. Recomendo a todos Lalá, Filinha, o [cunhado] Vicêncio as meninas e todos que nos concideram, M. e os meninos fazem o mesmo.

Abraço do irmão e compadre

Lindolfo Lemos.<sup>93</sup>

A concentração em torno de Efigênia Lemos apresenta 3 missivas compostas, respectivamente, por Antenor de Souza, em Queluz de Minas, Félix Lemos, em São Caetano e Av., em Queluz de Minas. A carta de Félix Lemos já foi citada, e relata sobre situações posteriores à mudança de Efigênia Lemos para o município de Queluz de Minas. Em 09 de setembro de 1914 escrevia-lhe Antenor de Souza:

Desejo que esta te encontre com saude, e todos d'ahi, eu vou indo bem grasas a Deus, só tive um dias assustado, porque era preciso ir em casa de B. 2 vezes por dia e Dona E. estava com a varicella toda de fora, mas fiz uma promessa a S. Geraldo e ate hoje estou sendo feliz, so tive um dia com febre, dor de cabessa e trimura de frio cheguei a arumar a ropa para ir embora mas João e D. não deixaram me disseram que esperasse até o outro dia (...). Efigênia pesso dizer a A. se ella recebeu uma carta minha porque hoje não tive resposta e estou aflito não sei se tem alguém doente, e tambem peço-te, se adoecer alguém ahi em casa não me esconder, me escreve.

(...) Não repare a letra nem os erros porque estou dessorientado.<sup>94</sup>

A carta de Av., também residente em Queluz, exemplifica como a carta permitia e estimulava a criação de redes de sociabilidade nas novas localidades em que os migrantes passam a residir. Em 06 de abril de 1919, AV. escrevia:

São Geraldo te guie

Inesquecível amiguinha Efigênia.

Recebi ontem sua cartinha, fiquei muito satisfeita.

Graças a Deus vamos indo bem de saude. Efigênia quero contar-te muitas coisas mas, hoje não tenho tempo. vae saber não é?

Nas suas orações não se esqueças de mim sim?.. Porque o A. está peor que demonio, e por causa d'elle estou quase sem esperança de realizarem os meus sonhos!.. Mas Deus é grande. (...)

<sup>93</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Lindolfo Lemos para Bianca Lemos, São Caetano, 17/nov/1947, 2f, s/env.

<sup>94</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Efigênia Lemos para Antenor de Souza, Queluz de Minas, 09/set/1914, 2f, s/env.

Não repare os erros sim?<sup>95</sup>

Entre 1925 e 1950 existem mais 11 cartas relacionadas a Efigênia, sendo 6 destinadas por parentes e amigos, como a correspondência enviada por C.C. em 01 de agosto de 1928, escrita na Sede de Mariana, em que podemos atestar a atividade de Félix Lemos como fogueteiro até essa época.

Efigênia

Peço combinar com o compadre o seguinte 1 dz de foguetes de lagrimas (e sabbado ja preciso de alguns); 1 salva de 21 tiros p<sup>a</sup> o dia 6 ao meio dia; 3 tacarias para a Missa de 7 e uma 5 dzs de fogos para a festa. Elle augmentará isso ou diminuirá segundo o costume, ou commeço. Vai 50#000 por conta e depois d'amanhã conversaremos melhor.<sup>96</sup>

Seguindo os rastros das correspondências de Efigênia percebe-se que entre 1928 e 1929 ela parece ter voltado a residir em São Caetano, mudando-se na década de 1940 para o Horto Florestal. A última carta em que Efigênia aparece nesse acervo data de 13 de junho de 1950, enviada do Horto Florestal, onde parece ter se fixado, para a sua sobrinha L. que morava em São Caetano.

A concentração em torno de Filinha Lemos, entre 1901 e 1921, apresenta 2 cartas. A primeira foi enviada por Marina Lemos, anteriormente citada, que relata como o texto epistolar auxiliava na realização da vigília familiar. A segunda foi encaminhada pela prima Am., de São Caetano, em 09 de outubro de 1920:

Como vai, hein! está boa? eu graças a Deus estou bôa, só a quarta é que está me amolando, estes dias estive com o rosto todo empipocado e [corado] [pois] é isto é saudades sua, só que está me [ ]. Fina Antenor está querendo [ ] [ ] nos ultimos extremos, hontem elle me contou que você estava com uma carta muito atrevida para mim mais elle não era correio, principalmente de umas cartas tão malcriadas assim, mesmo estava com medo de mim, eu ri até não poder mais, que você dicera que nunca pensou de ser tão falça assim mas tem razão (...).

Sem mais termino

Sua prima e amiga mui sincera

<sup>95</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Av. para Efigênia Lemos, Queluz de Minas, 06/abr/1919, 1f, s/env.

<sup>96</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. C.C. para Efigênia Lemos, Sede de Mariana, 01/ag/1928, 1f, s/env.

que é Am.<sup>97</sup>

A leitura dessa missiva está parcialmente comprometida pelos efeitos de distorção que a umidade causou em seu texto. Entre 1932 e 1954 existem nesse acervo mais 14 correspondências encaminhadas à Filinha Lemos, que nos permitem identificar notícias sobre parte dos Lemos, como a carta enviada por Franco em 20 de maio de 1945:

Tenho pedido todos os dias em minhas orações a Deus pelas suas melhoras, e tenho grande sentimento de não poder estar junto de vocês, mais tudo que Deus faz é bom, nos agora não somos mais o empregado que era, somos cativos da Estrada só temos o domingo para descanso, e nem o passe para viajar. Eu estou esperando minhas férias que estão marcadas para 1º de agosto, se for consedidas eu irei ahi, mesmo pagando passagem.

Aceite recomendações de S. Dona Z. estensivo a Bianca os meninos Vicêncio Lalá Tico e Abraço do irmão tio e cunhado.<sup>98</sup>  
Franco Lemos.<sup>99</sup>

Tomando como referências as suas cartas percebe-se que Filinha permaneceu em São Caetano, possivelmente residindo com a irmã Bianca Lemos. A última missiva que traz referências suas foi escrita por Bianca em 17 de março de 1954:

A causa do Vicêncio não ter ido até hoje é pelo motivo de ter adoecido. Rese muito por nós sim? Filinha, hontem a J. esteve aqui e trouxe uma encomenda de 2 asas que a N. do J. manda te fazer que é para as meninas sair de anjo para a semana santa. Eu disse que ia te escrever. (..) Hoje eu escrevi tambem para o meu J. dando os conselhos conforme voce me disse.

(...) Peço recomendar-me para a Lindolfo, Q. e aos caros sobrinhos, para o R. um abraço separadamente e minha benção.

Apesar de não aparecerem como remetentes ou destinatários entre 1901-1921, Vicêncio Felinto e Bianca Lemos, respectivamente, filhos de Álvaro Felinto e Félix Lemos, representam um papel central nessa pesquisa. A união entre Vicêncio e Bianca revela

---

<sup>97</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Am. para Filinha Lemos, São Caetano, 06/out/1920, 1f, s/env.

<sup>98</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Franco Lemos para Filinha Lemos, Belo Horizonte, 20/maio/1945, 1f, com envelope.

<sup>99</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Bianca Lemos para Filinha Lemos, São Caetano, 17/março/1954, 1f, s/env.

um ponto de intersecção entre essas duas famílias e de explicação para a existência desse acervo.

Conforme a entrevista concedida por Caetana Ribeiro Macedo, Vicêncio, Bianca e os filhos, em meados da década de 1950, mudaram-se do sobrado de São Caetano para o município de Sabará, próximo a Belo Horizonte.<sup>100</sup> Como não puderam levar todos os seus pertences para a nova residência em Sabará, devido à dimensão do novo imóvel, o casal realizou uma triagem, uma seleção. A mudança, a posterior utilização do sobrado por novos inquilinos, entre eles a Sociedade Musical de São Caetano, o seguinte abandono e o início de depredação do imóvel proporcionaram a caótica mistura documental resgatada nessa residência. Portanto, em boa parte, o Arquivo Histórico de Monsenhor Horta é formado por pedaços das vidas de duas famílias que se aproximaram, se envolveram e se dispersaram.

Em relação aos Felintos sobressaem as documentações relacionadas às atividades comerciais vivenciadas por Álvaro Felinto, por isso não é difícil supor que esses registros tenham sido herdados por Vicêncio Felinto, que além de continuar a atividade de comerciante também exerceu o papel de juiz de paz no Distrito de São Caetano. Quanto aos Lemos, o mistério é mais difícil de ser imaginado. Bianca e Filinha, tomando como referência as cartas do acervo, permaneceram em São Caetano até meados da década de 1950. Assim, a concentração de cartas em torno dos seus nomes, principalmente após a década de 1930, é mais fácil de justificar. Tarefa mais complexa é

---

<sup>100</sup> Conforme a entrevistada, o sobrado foi adquirido por Vicêncio e Bilica na década de 1940, quando trocaram a sua residência por essa edificação que sediava a Casa Paroquial da Igreja Matriz de São Caetano. Nesse sobrado, em 1993, foi encontrada a documentação que forma o Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

pensar os objetos pessoais e correspondências em torno dos irmãos, como Armando Lemos. Até o momento não temos uma explicação para esse fato.

Retornemos às cartas escritas entre 1901 e 1921. Nesse capítulo buscamos evidenciar como as correspondências íntimas pesquisadas nesse acervo podem ser vistas como importantes amostras sobre o exercício epistolar no Distrito de São Caetano, no início do século XX. Esses exemplares demonstram como as práticas missivistas, apreendidas através das escolhas dos suportes, dos assuntos e das maneiras de inscrever os textos, tornaram-se cada vez mais necessárias para a construção e manutenção das relações tecidas entre os parentes, amigos e conhecidos.

Observamos que enquanto a família de Álvaro Felinto tendeu a permanecer no distrito, devido aos seus negócios, parte dos filhos de Félix Lemos, além de amigos e parentes das duas famílias, buscaram novas chances em outras cidades, provocando, portanto, a necessidade de comunicação e utilização do meio epistolar. Através desses textos percebemos como o impacto do que se queria dizer deixava a presença direta da fala oral para fazer parte de uma outra colheita, estruturação e entrelaçamento de palavras e sentidos para representar a autoridade ou o afeto.

Em diversos textos encontramos referências sobre essa utilidade e maneira de produzir e estender os laços: “Tenho em minhas mãos há dias vossa carta, a qual foi portadora de vossas noticias o que muito me allegrou, sabendo que todos passam bem”; “Aconselho (ao) amigo que não mande a carta ao medico de Pelotas”; “Ella manda vos dizer q recebeu a vossa carta e muito vos agradece os vossos cuidados não escreve porque não tem costume de escrever”; “O recado ficou de cafifa q já escrevi 2 cartas e tornei a

esquecer”; “Depois escreverei com tempo”; “Recebi a vossa carta a qual veio encher-me de prazer pois foi a primeira noticia que eu tive, estava muito afflita pois não tinham noticias se chegaram bem”; “hontem elle me contou que você estava com uma carta muito atrevida para mim mais elle não era correio, principalmente de umas cartas tão malcriadas assim”.

Tentamos demonstrar como as notícias e as transmissões dos valores transformavam-se da presença direta e física para fluírem dentro de uma ação intermediada pelos textos, revelando diferentes motivações e formas de inscrever essa prática. Pontuamos como as circulações nas redes formadas pelos correspondentes (próximas ou distantes de São Caetano) incentivavam o contato com novas realidades, promoviam um deslocamento na consistência presente nas relações familiares e sociais, construía expectativas e permitiam, conforme o destinatário, diferentes níveis de expressão da intimidade.

Capítulo III  
Missivas de Armando Lemos



### 3.1. Armando Lemos.

*Armando vose não teve um ivelope para mandar para mais eu mando esta folha de papel este evelope mi-icrever aguma coza para mi Armando e G. convida avose e Amália para e jantar começo dia 18 de dezembro com umeu 21 [ ] e asi espero que não mi farta neste dia si não fore asin não irthai tao sedo(...)<sup>101</sup>*

Nesse capítulo trabalharemos com a 2ª parte das missivas intercambiadas entre 1901 e 1921, focalizando as cartas emitidas ou recebidas por Armando Lemos. Esse missivista representa um caso especial nesse acervo tanto pela concentração de cartas (29 unidades (48,3%) das 60 missivas escritas nesse período) quanto pela diversidade de interlocutores.

Armando Lemos, conforme os registros encontrados no Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, exerceu as funções de escrivão, revendedor e contabilista. Além dessas atividades profissionais, Armando também foi músico, compositor e escrevia poemas, e, assim como os irmãos, também saiu em busca de novas oportunidades em outras localidades. A concentração em torno de suas cartas nos permite entrar em contato de uma forma mais consistente com a extensão, a quantidade e a diversidade de correspondentes que poderiam participar da rede de um missivista, o que nos aproxima das situações vivenciadas por ele dentro e fora de São Caetano: expectativas, desejos e temores.

### 3.2. Armando: concentrações.

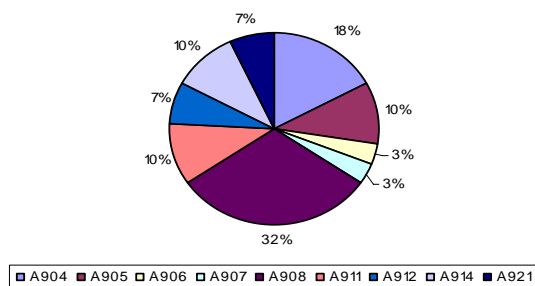
Conforme o gráfico 12 observa-se nessa 2ª parte das missivas que as maiores concentrações de produção de cartas encontram-se nos **anos** de 1904 (5 unidades ou 18%) e 1908 (9 unidades ou 32%). Nesse período, Armando começou a migrar do

---

<sup>101</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Romero Góia para Armando Lemos, Passagem de Mariana, 17/nov/1904, 1f, s/env.

Distrito de São Caetano. Os anos de 1905, 1911 e 1914 apresentam (3 unidades cada ou 10%), os anos de 1912 e 1921 (2 unidades cada ou 7%) e os anos de 1906 e 1907 (1 unidade cada ou 3%).

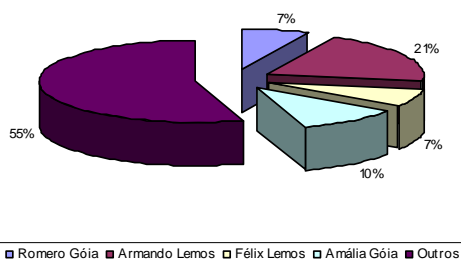
Gráfico 12  
Cartas/ano (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades.



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Seguindo o gráfico 13 percebe-se que os **remetentes** mais recorrentes são Armando Lemos (6 unidades ou 21%) e Amália Góia (3 unidades ou 10%), que mantiveram um relacionamento que se desenvolveu (nas cartas) entre 1908 a 1914. Romero Góia segue com 3 unidades (7%) e outros (16 unidades ou 55%). Portanto, as cartas enviadas pelos demais amigos e parentes apresentam isoladamente a menor concentração, formadas, em sua maioria, por 1 unidade de cada remetente.

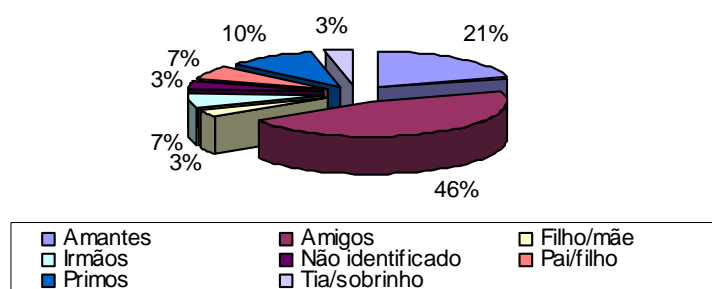
Gráfico 13  
Remetentes/concentrações (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades.



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

O gráfico 14 esclarece melhor as **relações** dos remetentes com Armando Lemos. A maior parte concentra-se na área dos amigos (13 unidades ou 46%), parentes (9 unidades ou 30%), amantes (6 unidades ou 21%), essa última representa o vínculo entre Armando e Amália, e não identificado (1 unidade ou 3%).

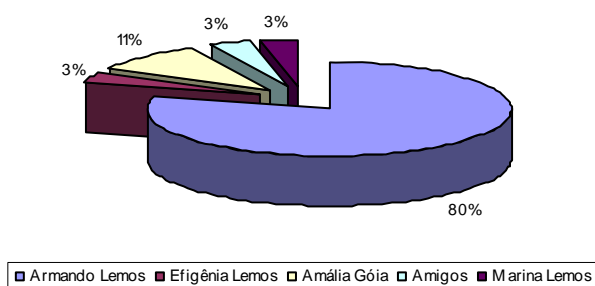
Gráfico 14  
Vínculos/remetentes (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades.



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

O gráfico 15, referente aos **destinatários**, evidencia a concentração em torno de Armando Lemos (23 unidades ou 80%) e Amália Góia (3 unidades ou 11%). Além desses apresentam-se como destinatários Marina Lemos, sua mãe, o amigo L.A. e a irmã Efigênia Lemos, sendo 1 unidade para cada um.

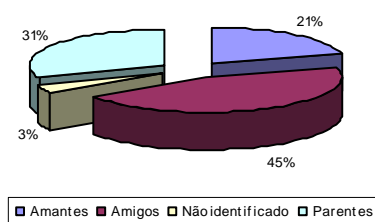
Gráfico 15  
Destinatários (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades.



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

O gráfico 16 ratifica as informações do gráfico 13. As concentrações em torno dos **vínculos** dos destinatários com Armando Lemos apresenta na área dos amigos (13 unidades ou 45%), parentes (9 unidades ou 31%), através das ligações filho/mãe, pai/filho, tia/sobrinho, primos e irmãos, e amantes (6 unidades ou 21%). O destinatário de 1 unidade (3%) não foi identificado.

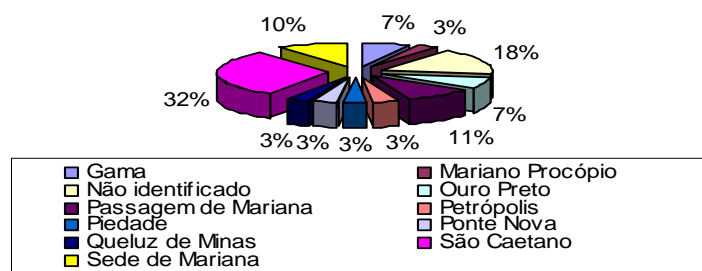
Gráfico 16  
Vínculos/destinatários (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades.



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Em relação às **localidades** onde as cartas foram expedidas observa-se, a partir do gráfico 17, que a maior parte das cartas foi expedida de São Caetano (9 unidades ou 32%), seguido da Sede de Mariana (3 unidades ou 10%), Passagem de Mariana (3 unidades ou 10%), Gama (2 unidades ou 7%), Ouro Preto (2 unidades ou 7%), Petrópolis, Piedade, Ponte Nova, Mariano Procópio, Queluz de Minas (1 unidade ou 3% cada) e 5 unidades (18%) não foram identificadas.

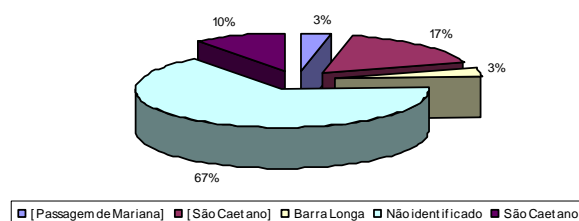
Gráfico 17  
Remetentes / localidades (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Em relação às localidades de **destino**, conforme o gráfico 18, não foi possível identificar 19 unidades (67%), São Caetano representa 3 unidades (10%) e Barra Longa (1 unidade ou 3%). Podemos atribuir mais 5 unidades (17%) à localidade de São Caetano e 1 unidade (3%) à Passagem de Mariana, a partir da observação dos assuntos e da localização dos destinatários encontrados no período em que as missivas foram produzidas.

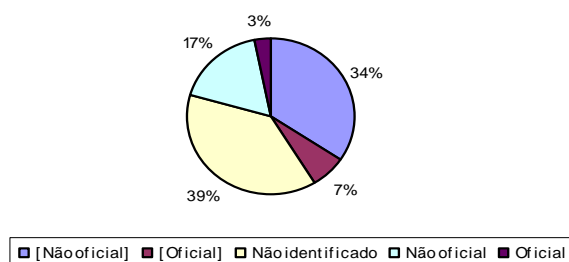
Gráfico 18  
Destinatários / localidades (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Em relação aos **trâmites**, as porcentagens são semelhantes às informações da 1ª parte das cartas escritas entre 1901 e 1921. Não foi possível identificar 11 unidades (39%), e detectamos pelos trânsitos não oficial (5 unidades ou 17%) e oficial (1 unidade ou 3%). Atribuímos 10 unidades (34%) ao trâmite não oficial e 2 unidades (7%) ao oficial, devido às pistas encontradas nos textos.

Gráfico 19  
Trâmites (1901-1921) 2ª parte  
29 unidades



Fonte: Arquivo Histórico de Monsenhor Horta

Em relação ao número total dessa 2ª parte das missivas escritas entre 1901 e 1921 (29 unidades) acrescentamos mais 5 missivas que não apresentam as datas em que foram produzidas. Essa inserção justifica-se pela observação dos assuntos e da localização dos destinatários encontrados no período em que as missivas foram produzidas. Sendo 2 unidades escritas por Amália Góia e mais 3 unidades produzidas, respectivamente, por Armando Lemos, Romero Góia e M.M.C. Totalizando, então, 32 unidades.

### **3.3. Amplitude e diversidade.**

A fim de aproximar o nosso olhar sobre alguns suportes, motivações e maneiras de compor essas missivas, seguiremos a mesma lógica de apresentação disposta no capítulo anterior, focalizando as cartas que registram os circuitos curtos e longos, ligando São Caetano à Sede de Mariana e a outras localidades. No entanto, iremos subdividir essa concentração em três partes (amigos, amantes e parentes), visando uma melhor apreciação sobre os assuntos relacionados aos diferentes grupos de missivistas.

A seção de amigos é composta por 14 entre as 32 missivas. Nela encontramos duas situações distintas: a primeira refere-se aos parceiros que encontravam-se distantes do Distrito de São Caetano, que utilizam as missivas como forma de manterem-se atualizados quanto às notícias que envolviam os seus conhecidos e amigos; a segunda refere-se aos acontecimentos próximos a São Caetano, que nos demonstram fragmentos do cotidiano de Armando nessa região através dos intercâmbios epistolares. Em 02 de agosto de 1904, R.M.S. enviou uma carta da cidade de Piedade para o amigo Armando:

Prezado amigo com imenso prazer dirijo-lhe estas duas linhas, a fim de dar-te as minhas notícias. Armando aqui vai se levando a vida um tanto penosa, mas o que heide fazer você bem pode saber que eu sou louco por este lugar, enfim estou comprindo a minha sorte algum dia não é tarde, talvez que muito breve havemos estar juntos.  
Daqui vai estas pessoas junto com os meus pais, talvez que este lhe enforme, muito senti não os fazer companhia.  
Armando saudades a todos de sua família e aos meus amigos

Subscrevo-me com verdadeira estima e concideração  
Amigo e obrigado  
R.M.S.  
Piedade 2 de agosto de 1904.<sup>102</sup>

A inserção destes indivíduos em um outro ambiente, onde os conceitos familiares e círculos de amizades deveriam ser reconstruídos seguia uma nova rotina e revelava as adaptações ao novo meio. Adaptação parcialmente descrita nas cartas, e que servia de referência para os parceiros que ainda residiam em São Caetano. Em 21 de agosto de 1905, um novo amigo, não identificado, escreveu do Rio de Janeiro uma carta-bilhete para Armando:

Amigo Armando  
Minhas saudações a Exma. familia que estejam fuindo saude paz e venturas. Eu continuo na mesma sempre contrariado. Como forão de festas que ate hoje não soube? A razão porque não me escrevem, sou por ventura proscripto da sorte que não tenho direito a noticias de sua patria? julga que não!  
Me diz a G... que muito agradeço o cuidado que ella tem sempre em me escrever quando já vai mais para 2 longos mezes, apesar de eu escrever sempre, mandar registrado com valor, com objetos, e nem por delicadeza uma escripta sequer; é muito: com franqueza diz a ella para me fallar o que ha de definitivo, esse procedimento onde ha amizade, eu desconheço-lhe [ ]. Ate breve ahi "estarei". Saudade Obrigado (...).<sup>103</sup>

O autor refere-se à festa dedicada a São Caetano, que realiza-se no dia 07 de agosto, principal festejo nesse distrito. O sentido estrito do conceito de pátria, atribuído ao lugar onde se nascia ou crescia, recorrente em algumas missivas, evidencia a permanência da ligação do missivista/migrante a uma região, a um grupo e às imagens que retornavam em suas reminiscências. Ratificando, portanto, os seus laços. A cobrança do amigo de Armando em relação à ausência de respostas às suas correspondências exemplifica como a mediação das relações através dos textos missivistas, que apresenta uma singular situação de comunicação, constrói um novo acordo entre os parceiros, um contrato (ou pacto) epistolar, que prevê entre as suas regras a reciprocidade: eu

---

<sup>102</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. R.M.S. para Armando Lemos, Piedade, 02/agosto/1904, 1f, com envelope.

<sup>103</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Não identificado para Armando Lemos, Rio de Janeiro, 21/agosto/1905, carta-bilhete.

escrevo/você responde (Lyons, 1998; Sússekind, 1996). A carta acima demonstra tanto a cobrança dessa regra “apesar de eu escrever sempre (...) e nem por delicadeza uma escripta sequer” quanto o envolvimento entre a distância física e a sensação de proximidade. Sensação que ajudava a alimentar a permanência das relações. Cobrança ratificada na carta de A., escrita em Ponte Nova, em 20 de setembro de 1904:

Armando, a muito que queria escrever-te, mas, devido a muito serviço ainda não me foi possível, ao qual faço agora pedindo-te desculpa. Armando, diga-me como vai esta alta personagem, creio que muito bem não é?.. Pois a mim é como sabes, sempre para os lados alhêios, longe dos meus amigos e patrícios e da tua bôa prosa, mas enfim mal de muitos conçoello é. Passamos a outro assumpto. Como vai passanto da tua gonor’... melhor... crei que sim. Diga-me como vai o Z. porque a muito não tenho noticias d’elle; ele me screveu uma carta e eu respondi immediatamente e não sei se elle recebeu ou não contanto que não recebi mais carta delle e estou muito sentido com elle. Queria mandar-te um jornalzinho d’aqui de Ponte Nova para voçe apreciar, mas emprestei-o a um rapaz e elle ainda não mandou-me mas o P. tem elle ahi que eu dei a elle aqui esteve. Mas, é um jornal pandego, só voçe lendo; tem pintado com a rapaziada, até eu já tomei fazenda mas enfim...

Lembranças a todos de sua casa e diga o Z. se recebi a minha carta faça o favôr de me responder-me e voçe também me responda porque ficou muito alegre quando recebo cartas suas.<sup>104</sup>

Alguns amigos, em incursões rápidas por outros lugares, também aproveitavam para atualizar as suas informações. De Petrópolis, em 12 de dezembro de 1905, Romero Góia escrevia a Armando:

Meu amigo Armando  
Estimo que goza saude E felicidade eu oige pato para fora é não sei quando eu voto [ ] callor aqui esta de 36 grau na sombra nou sol esta de 44 grau eu grassa a Deu não tenho tido nada recomindo a sua familia e G. M. M. e [ ] mais adeus ate um dia Seu amigo  
Romero Góia.<sup>105</sup>

Transversal ao texto, no canto esquerdo, Romero acrescentou: “Não me escreve agora não sim”. Evidenciando, portanto, a recorrente troca de missivas entre ambos. Nos circuitos próximos a São Caetano deparamos com as atividades profissionais e parte dos assuntos que construíam (via carta) o cotidiano e a rede de relações de Armando Lemos.

<sup>104</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. A. para Armando Lemos, Ponte Nova, 20/set/1904, 1f, s/env.

<sup>105</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Romero Góia para Armando Lemos, Petrópolis, 12/dez/17/nov/1904, 1f, s/env.



Na missiva de 11 de março de 1907, enviada pelo amigo D., registram-se alguns deslocamentos que ele realizava em sua atividade de escrivão. Deslocamentos que o colocavam em contato com outras realidades:

Amigo Armando Lemos

S. 11-3<sup>o</sup>-07

Saudo-te e todos os teus, desejando-lhes saude e felicidades.

Se puderes passar a procuração conforme te escrevi a dias; bem, mas eu acho bom voce vir cá, trazendo os teus livros p<sup>a</sup> irmos em Águas Claras, porque em vez de passar uma talvez seja precizo passar quatro, ou uma reprezentando quatro, com tanto que seja amanha ou depois

Ao teu dispor Amigo D.<sup>106</sup>

Atividade também perceptível na carta enviada por sua tia F.A.S. de Gama, em 11 de maio de 1911:

O fim desta, é para voçê ter a bondade mandar a copia se ja tirou, e se não tirou pesso para ter a bondade de tira com urgencia, pois precizo de a prezentar a escritura, para mostrar as divizas, que estou muito nervoza pois todos os dias sai uma falla mi amolar e por isso estou ansioza para a cabar com [ ] é estas esthorias, si não tiver tirado voçê faz so de deligencia de tira e da D. para trazer, e no mais pesso para desculpar a molação e dê recommendações a todos os nosso, recado de sua tia que te estima, F.A.S.

N. não repara os erros porque estou com muita pressa, a mesma.<sup>107</sup>

Armando também aproveitava as missivas para acionar os seus contactos para interceder em favor de outros amigos, como atesta a carta de M.O.M., enviada da Sede de Mariana, em 19 de setembro de 1904:

Prezadissimo amigo Armando

Acabo de ter a sua missiva data de hontem e passo a responder.

Quanto ao pedido que na mesma me fazes só poderei responder-te daqui há tres dias, porque o N. prometeu arranjar uma boa collocação para o teu recomendado, mas em todo caso podes ficar certo de que si a resposta do N. não for favoravel, eu arranjarei uma collocação qualquer p<sup>a</sup> elle; ou em uma casa de commercio ou em cara de meu tio C.

Sem mais dispõe do teu sempre amigo.

M.O.M.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. D. para Armando Lemos, São Caetano, 11/mar/1907, 1f, s/env.

<sup>107</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. F.A.S. para Armando Lemos, Gama, 11/maio/1911, 1f, s/env.

<sup>108</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. M.O.M. para Armando Lemos, Sede de Mariana, 19/set/1904, 1f, s/env.

Em 17 de novembro de 1904, Romero Góia escrevia de Passagem de Mariana para Armando Lemos, e, entre desmentidos, o autor enviou-lhe um papel-carta e um envelope como provocação às ausências do amigo:

Faço-te esta carta a fim de saber de voce e todos dai da sua casa se vai bem si fore bom e tou sastifeito modem de assunto Armando ai contão que pedi cazamento deicha fallar não foi aceito, não eu é voce bem sabe que sabe que era impossive não falar co voce e isto contar que eu ia sentar que eu centei praça; eu não çou arara deixa falar a te abri a boca nao conta Armando vose não teve um ivelope para mandar para mais eu mando esta folha de papel este evelope mi-icrever aguma coza para mi Armando e G. convida avose e Amália para e jantar começo dia 18 de dezembro com umeu 21 [ ] e asi espero que não mi farta neste dia si não fore asin não irihai tao sedo. Armando não arepare u ero que vai ai não arepare acasuada dou pape.<sup>109</sup>

Em 19 de abril de 1905, Armando recebia uma nova carta remetida de Ouro Preto pela amiga M.D.G, que relatava sobre os seus receios de falecer e ser enterrada distante de São Caetano, no cemitério municipal de Ouro Preto, inaugurado em Saramenha no final do século XIX.

Incomparavel  
em primeiro lugar dezejo a sua saude e da sua exma. familia se asim acontecer sera meu maior desejo, em canto eu voindo pelejando com a influesa que está querendo me por na cepultura ainda não [ ] escapa de miorer so eu quem sei o que estou sintindo meu alivio é só [ ] de morer a qui neste lugar por que as **peçoa que não tem irmandade vai para saramen** (grifo nosso) mais São Caetano hade me ajudar que não heide morer a qui não se voce me ver voce corre de medo no mais não arepara os os erros e as faltas de letra por que não o que escrivi recumendo a J. A. é a sua familia queira aseitar as minhas saudades!..<sup>110</sup>

Paralelo ao ofício de escrivão Armando também mantinha intercâmbios literários com interessados na região, como demonstra a carta/envelope de A.M., enviada da Sede de Mariana, em 01 de janeiro de 1906. No espaço onde escreve-se o nome do destinatário, após a seqüência de dobraduras do papel-carta, o remetente identificou: Ao dente de égua, Armando Lemos, S. Caetano.

---

<sup>109</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Romero Góia para Armando Lemos, Passagem de Mariana, 17/nov/1904, 1f, s/env.

<sup>110</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. M.D.G. para Armando Lemos, Ouro Preto, 19/abr/1905, papel/envelope.

Armando  
Não foi possível analysar a tua quadrinha, ainda, porque o B... custa muito a pegar. Hontem a noitinha comecei analysar na beirada de um correço; atolei-me todo mais [ ] tive o começo da analyse que depois te mando o resultado. Boas festas.  
Um beijto em Ch...meu heim, sabes? Ainda ti mando?  
O namorado de..... A.M.  
1-1-906.<sup>111</sup>

A situação de análise da quadrinha, “na beirada de um córrego”, nos aproxima da tênue linha que separava os espaços urbano e rural em São Caetano nessa época. Paisagem também presente na correspondência enviada de São Caetano pela amiga e “discípula” de Armando, M.P.G., em 26 de fevereiro de 1908.

Meu querido mestre Armando. Desejo que esteja gozando perfeita saude e felicidade em teu emprego. Eu e mamai vamos indo bem de saude e muitas saudades e falta de você que cintimos, Armando, eu estava com vontade de ir a Camargos, R., M. e todos estavam com vontade de me levar, pedi Papae o animal e elle não emprestou-me, eu já não gosto de pedir elle nada, porque elle não gosta de me servir. Elle não falou nos vistidos mais vou encomendar [ ]. Eu já furei minhas orelhas fui pidir Papae elle me respondeu seu eu tinha biscoas que eu podia furar só para não gastar gastar com migo um par de biscoas de mola não é? Vou estudar munto, para quando vires achar me bastante adeantada. Eu e mamai enviamos muitas saudade a ti. Sua dicipula qui ti estima.  
M.P.G.<sup>112</sup>

É possível supor que a relação mestre/discípula, expressa na missiva, refira-se ao ensino de música, já que Armando também mantinha intercâmbios com os instrumentistas e compositores da região de Mariana, como atesta a carta de A.B.M., escrita em Mariano Procópio, em 31 de janeiro de 1908:

Prezado Amigo Armando,  
Tive uma suprema ventura quando [ ] tão bôa vontade rasgaste ‘o véu que [ ] [ ] a correspondencia de [amigos] **que se conhecem mutuamente sem nunca terem encontrado**’ (grifo nosso). Elevei o meu pensamento aos céo, louvei a Deus e pedi-lhe que abençoasse a penna, a tinta, o papel, as expressões amaveis e lisonjeiras de tua carta e a inspiração felis que te levou a dar-me tão intima satisfação. Mas, neste extasi degoso, nasceu-me o ardente desejo de corresponder á fina gentileza com que coroaste a obra symphatica do inicio das nossas relações mandando-me tambem uma valsa ‘A Tardinha’, tão linda, [tão] original que faz-nos sentir, ao ouvil-a uma pura sensação de que está assistindo [a] melodia da natureza nessa hora de

<sup>111</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. A.M. para Armando Lemos, Sede de Mariana, 01/01/1906, papel/envelope.

<sup>112</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. M.P.G. para Armando Lemos, São Caetano, 26/fev/1908, 1f, s/env.

amor e de [ ] em que os ultimos e brandos raios do sol ainda mais aquecem os nossos corações para nelles accenderem a saudade de um passado venturoso que á uma certa tardinha, ficou impresso em noss'alma em caracteres indelleveis, indestructiveis...

E foi assim pensando que concebia idéa de tambem mandar-te uma composição minha, uma valsa. Esperie que a muza viesse em meu auxilio dando-me uma inspiração bem adequada aos sentimentos de pura satisfação pelo inicio de uma terna e doce amizade, mas a ingrata não quis favorecer-me e, creio, pretendeu vingar-se da injustiça que lhe tenho feito não prestando-lhe o devido culto e, cançado de supplical-a, tomei a resolução de ver se mesmo sozinho conseguia alguma cousa. Não fui bem feliz porque não consegui o que desejei, mas sempre pude dar-te a 'A Noitinha' que é somente um arranjo tosco filho da bôa vontade que espero, mesmo assim acceitararás tão humilde dedicatória.<sup>113</sup>

Como certifica o texto, a prática missivista estimulava trocas de diferentes tipos de informações, como as partituras musicais citadas pelo remetente, e permitia ainda a construção de relações entre parceiros que não se conheciam pessoalmente. Entre os registros musicais encontrados no Arquivo Histórico de Monsenhor Horta, identificamos catálogos de instrumentos, recibos de compra de instrumentos e partituras musicais copiadas por Armando, Félix Lemos e outros. Entre elas podemos citar: o tango “Os Jornalistas”, “pertencente a Félix Lemos”, “contém 12 partes”, copiado (ou composto) em “São Caetano, 1º de dezembro de 1897”; a “Polka Brillantina – oferecida aos rapazes de Camargos”, distrito situado de Mariana, composta por “Emílio Souza” em 02 de setembro de 1891; a peça “Les Chivalieres De La Reine”, copiada por Armando, as partituras para saxofone e pistom dos sambas “Chora-Chorão” e “Se eu declarasse”; e partituras de algumas modinhas como “Teus carinhos vençe, vencedora”, “Sonhei contigo oh donzella”, composta por Antonino de Ayres, “oferecida ao Capitão Julio Jacob” em “São Caetano, 1º de julho de 1905”. Segundo Caetana Ribeiro Macedo, os moradores mais antigos relatavam que Félix foi um importante regente da Sociedade Musical de São Caetano no início do século XX.<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. A.B.M. para Armando Lemos, Mariano Procópio, 31/jan/1908, 2f, s/env.

<sup>114</sup>

Entre essas partituras encontra-se uma modinha identificada como pertencente à Amália Góia e datada de 30 de novembro de 1891. Trata-se de uma parte escrita para baixo e que traz a seguinte letra:

Teus o'hos ternos  
Feitos de amor,  
Prendem e cativão  
Um trovador  
Os suspiros que eu exhalo  
Os prantos (e) os ais, não mi admirão  
Teu simples [nome] [me] adiverte  
Que até as flores suspirão?<sup>115</sup>

Amália Góia e Armando Lemos vivenciaram uma relação que (nas cartas) desenvolveu-se entre 1908 e 1914. Conforme citado na introdução, Armando e Amália criaram uma linguagem criptográfica que estimulou a curiosidade dos estudantes e professores envolvidos nos trabalhos iniciais de higienização e organização do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. Em 01 de março de 1908 Amália góia escreveu ao namorado:

Saue route. Indo, nadabu e Qua terto sa asdossoceve! Fuz a q fuzamte!  
Ebnedau e baujau e mul vezes. Obnigeco. Não ta amquadem de sis. Desejo  
é que seja masma faluz, e dordolemsom dos a bas daum?  
O colarinho asteo fou tnodeco seum tenca te nasporco e tue balle dente.  
l.co meio dia eta em 3 horem reo mau doso use com so amtosego.  
Estou com muita dor ca debade. E Daum quaine sa bas.  
Sue meiga he que te estima [ ] [ ] [ ] qua [ ] dmal! quizera q hovamma aste  
dia?...<sup>116</sup>

Segue a parcial tradução:

Meia noite. Armando, recebi a que tanto me encommodava! Fiz o que  
fizeste! Abracei e beijei mil vezes. Obrigado. Não te esqueças de mim  
Desejo é que seja mesmo feliz, e [ ] com e bem Deus?  
O colarinho [então ] foi trocado mais tarde te respondo a tua bela carta.  
Armando do meio dia até as 3 horas não sei como uma dor de estomago.  
Estou com muita dor de cabeça. E Deus queira me bem.  
Sua meiga he que te estima [ ] [ ] [ ] que [ ] de mal! quizera q houvesse este  
dia?...

Em 2001 a professora Hebe Maria Rola Santos identificou a estrutura dessa linguagem ao perceber recorrências na inversão do posicionamento de algumas consoantes e vogais

<sup>115</sup> AHMH. Série Partituras musicais. Sub-série Partituras musicais Leigas. Título não identificado, modinha copiada por Amália Góia, 30/nov/1891.

<sup>116</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Amália Góia para Armando Lemos. s/1, 01/mar./1908, 1f, s/env.

(como o s pelo m; o a pelo e; o u pelo i; o r pelo n) e a permanência na disposição de outras letras (como o t e o b). Assim Saue route, que abre a carta de Amália, transformou-se em “Meia noite”.<sup>117</sup> Nos textos trocados entre Armando e Amália são perceptíveis alguns desvios na estrutura programada e combinada para a escrita das missivas, como, por exemplo, a substituição do u pelo s no final da palavra “baujau” (beijos) - em geral, o u é substituído pelo m. Possivelmente, isso deve-se à pressa, desatenção ou a algum forte estado de emoção no ato da grafia, que parece ser o caso da carta de Amália Góia anteriormente citada. Devido a esses desvios não é possível decifrar todas as palavras inscritas em suas cartas.

Em 28 de março de 1908 Armando escrevia à Amália. A tradução encontra-se assinalada entre parênteses:

Lianuce Sauxe (Querida Meiga). Desejara que tu estivesse junto a mim para saberes o meu sofrimento, p<sup>a</sup> de instante em instante relatar-te o que passo. Era meu desejo escrever-te logo que aqui cheguei, mas parece-me que em compensação das pouquíssimas horas de prazer que passei contigo aumentarão-se as minhas obrigações. Mas... que viagem insípida, a de quinta-feira; parecia-me que tinha sido expulso do céu e caminhava p<sup>a</sup> o inferno. Perto á ponte dos Paxecos encontrei um lindo bouquet de quaresma e o puz no peito e veio commigo até aqui; todos quanto virão-me disserão-me que vim muito apaixonado e eu disse que sim. As tuas lagrimas as tuas phrases de amor repercutiam-me nos ouvidos e no coração a todo o instante; e continua na mesma. Que saudades!!! Que noite tão pequena a de 25!?! Mesmo assim quando tornaremos a encontrar-mos heint? Se Deus ouve a quem ama e a quem tem amor brevemente nos será favoravel, porque não deixo de implorar-lhe. (...) A proposito no outro Domingo vou a Marianna tratar de minha licença ouviu? Se o compadre ahi mande elle os 10 em minha mão ouviu? Isto é: escreva-me e diga-lhe só que eu sou quem hei de dar-lhe. (...) Amanhã talvez te escreva mais. Por hoje basta. (...) Aqui tem companhia de circo mas eu, lá não vou. Aceite mil abr. e mil bei. do teu E. que lealmente te abraça. Adeus! Vou dormir que são horas. Is epenteco ebnedo [c'egiallam] mebam? (Um apertado abraço daqueles, sabes?).<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup> A professora Hebe Maria Rola Santos, então pertencente ao quadro dos professores do curso de Letras da UFOP, decifrou essa linguagem a partir das reminiscências de colégio, quando, junto a outras colegas, brincava trocando letras e sílabas de canções.<sup>117</sup>

<sup>118</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Amália Góia. Passagem, 28/março/1908, 2f, s/env.

O tipo de codificação utilizado por Armando e Amália nos parece tanto uma estratégia para preservar informações quanto um exercício lúdico criado para escapar um pouco aos efeitos da língua normatizada, escrever diferente, entreter-se com a decifração. Práticas de decifração que eram (e ainda são) comuns nas publicações dos jornais.<sup>119</sup> A utilização desse tipo de linguagem nos aproxima tanto das diferentes possibilidades de jogar com a linguagem quanto dos desejos (mesmo por detrás desse disfarce lingüístico) de que as idéias incorporem os fenômenos e com ele realizem na escrita não apenas um efeito de realidade, mas a própria realidade, digam sobre o outro: “Desejara que tu estivesses junto a mim para saberes o meu sofrimento, para de instante em instante relatar-te o que passo”.

Em 20 de abril de 1908, de Passagem de Mariana, Armando endereçava uma nova carta à namorada:

Quanto tiver portador mande-me a que me deste, isto é essa que eu mandei sabes? Recebi pelo A. as flores que fino aroma, que cheiro teu!!! Benzinho vejo a cousa aqui entornada ouço muito os teus conselhos mas aqui vai de mal a pior e mamere já sabe que até o meado de maio eu retiro-me d'aqui. Os collegas todos já estão scientes a isto; e não ha outro jeito, se contandote sabes. O Affonso sahiu mesmo. Hontem estive tocando bandolim em casa de J. ate depois de 9 horas da noite; foi muita gente lá. (...) Assim mesmo desejas que eu te escreva todos os dias, assim eu também desejo ver todo instante uma nova letra tua.<sup>120</sup>

Seguindo as linhas dos seus textos observamos sobre as expectativas de Armando nesse período em que ele experimentava novas situações distantes de São Caetano. Ainda em Passagem de Mariana, em 26 de abril de 1908, ele remeteu uma nova carta a Amália. A ocasião especial para o autor é perceptível na construção do longo texto e na escolha

---

<sup>119</sup> AHMH. Série Jornais leigos. Arquivo Eclesiástico da Arquidocese de Mariana. Série Jornais: Rio do Carmo (1901 e1902), O Germinal (1914 e1917), Jornal Agulha (1924) e Espeto (1928).

<sup>120</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Amália Góia. Passagem de Mariana, 20/abril/1908, 2f, s/env.

dos suportes: duas folhas nas cores salmão e verde claro e um pequeno envelope na cor salmão:

Escrevo esta diante do teu retrato p<sup>a</sup> ver se assim posso relatar-te tudo que sinto. Como são longas as noites; os dias, que enfadonhos; tudo conspira contra mim: as aves que ahi nos acordarão com doces cantares ao alvorecer do dia, aqui são mudas, não soltão um pio sequer. O dia surge no mais profundo silencio; se não fosse o trabalho que me occupo durante o dia seria capaz de acreditar que habitava a mansão dos mortos! (...) É a nossa crudelissima separação. Dois entes que vivem por espaço de annos sem conhecer essa phase durissima da vida, são incapazes, jamais, de acostumar a ella. Mas o dever está abaixo de Deus, porém acima de todas as outras cousas, não achas? De que serve gozarmos de tudo, estarmos sempre juntos e o nosso credito profanado? (...) Olho p<sup>a</sup> o teu retrato, que lindo! Com que ingenuidade olhas p<sup>a</sup> uma flor ou ramo que se balançava no momento em que o photographo expos a chapa” Que olhar sympathico!!! Não podia em lugar daquela ditosa flor que olhastes ser eu que estivesse alli?.. (...) Então vens mesmo no dia 3? Olha, se ve que e difícil antes não vir. Deves avisar-me onde queres ficar, sim? É preciso que venhas com intenção de esperar-me muito ouviu? Porque no domingo fexa-se aqui ao meio dia mas, so de 2 horas em diante é que sahimos para rua. (...) Hoje sim tenho tempo de escrever-te direito pois estou so no escriptorio, e se não fosse as vizitas tinha escripto o tripulo disto pois bem sabes que não posso escrever denoite. (...) Mamere ficou satisfeita de eu ter consultado a ela p<sup>a</sup> comprar o collete e a casemira; não fiz bem? Se vieres no domingos vou vestil-o para veres como fico todo up-to-date, com elle. (...)<sup>121</sup>

Numa contrapista as cartas de Amália Góia nos apresentam nuances sobre a escrita feminina e a vida das jovens mulheres em São Caetano nessa época. Em 14 de outubro de 1912, Amália remetia uma nova carta a Armando:

Eu tenho imaginado bastante como deves de estar pensando o meu scilencio para com tigo! não é culpa minha fui na deze ca D. 3 vazas reo ardortnai-o voda melva qua re deze ai reo caudho , e depois elle foi sem eu vel-o (não é culpa minha fui na casa do D. 3 vezes não encontrei-o você salve que na casa eu não deixo). Hoje tive noticias de você por Sr. A. Tundo reo tuva nasacuo ma reo pangirtan por voda ( por Sr. A. Tuco não tive remédio se não perguntar por você). Elle me disse que você estava passando mal, e que tinha tomado um purgante. Manda-me noticias, sim? (...) hontem sua mamere esteve aqui comigo Lalá, Efigênia, ao meio dia estávamos sentado no paredão. Vou parar porque estou muito atrapalhada não sei o que te escrevo, estou muito dezorientada, manda dizer o que você tem? ouviu. Hoje vi as bluzas la na casa da de N. com R. I. foi quem me mostrou mas não achei muito bonita não! Hoje fui encher o vinho, hontem eu fui na Rua das Formigas vim de noite. Amtoi suito metumfaute co [ ] ca donterdue. Sem ertam fomma ai (Estou muito satisfeita do [ ] de distância. Mas antes fosse eu)? Li bem a tua carta, estou bastante orgulhoza puz bem sentido naquellas palavras.

---

<sup>121</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Amália Góia. Passagem de Mariana, 26/abril/1908, 4f, com envelope.



Ecaim edauta suitom baujom, a is ebredo bas epanteco ce tue qua reo ta amquama is sosarto (Adeus aceite muitos beijos, e um abraço bem apertado da tua que não te esquece um momento).<sup>122</sup>

No envelope da missiva endereçada de Belo Horizonte pelo amigo de Amália, Arcelino Barroso, em 02 de outubro de 1912, encontramos um desenho sensual produzido por Armando Lemos, que retrata um coito (FIG. 20).

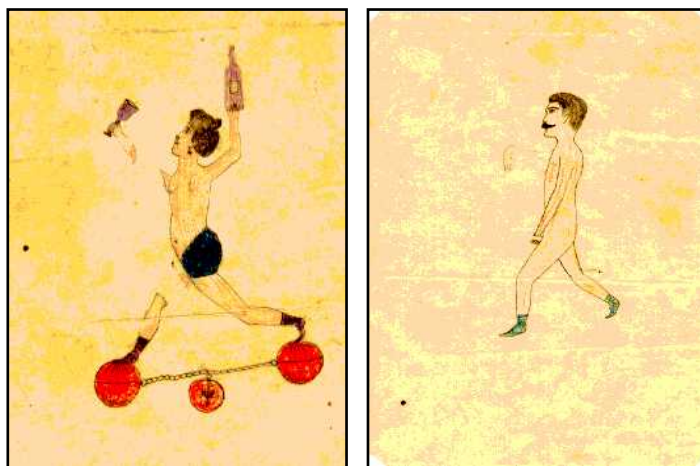


FIG. 20- Desenho sensual de Armando Lemos  
Fonte - Arquivo Histórico de Monsenhor Horta.

Esses dois desenhos estão registrados em uma mesma folha, mas em faces diferentes. Ao colocar essa folha em frente à incidência de um foco de luz, os espaços falhos do desenho se encaixam formando um encontro construído dentro de uma atmosfera circense. Armando representa a si e a uma outra pessoa não identificada. Junto encontramos um outro desenho que representa uma mulher equilibrando-se numa corda e também tragando uma bebida, datado de outubro de 1902. Pelo tipo de papel apresentado nesses dois desenhos os atribuímos ao mesmo período. A identificação desse desenho dentro da correspondência enviada por Arcelino Barroso possivelmente deva-se à manipulação desses artefatos por outras pessoas durante os anos de depreciação do imóvel. Acreditamos que a existência das 4 cartas enviadas por Armando à sua namorada nesse acervo esteja relacionada com o hábito de devolução de cartas e

<sup>122</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Amália Góia para Armando Lemos, São Caetano, 14/out/1912, 1f, s/env.

presentes após o rompimento dos relacionamentos. Como realçamos, ainda não encontramos uma explicação para a presença dos artefatos de Armando nesse arquivo.

A carta de Amália Góia, escrita em São Caetano, em 1º de agosto de 1914, encerra as evidências sobre esse relacionamento. A ocasião também fez a autora optar por um suporte um mais requintado, que traz o envelope e o papel-carta nas cores verde claro:

Nessa formosa manhã em que os passaros entoam festivos cantos em que se expande a natureza nos bosques campos nos despertos minhas vinhão saudar este jovem esta feliz data 1º de agosto! Também canta a minha alma neste bello e ditozo dia por te ver contar mais uma primavera na sua preciosa existencia e que possa contar outros tantos, no seio dos queridos pais!..

Por este motivo venho saudar-te dando-te os meus Parabéns! e aceitando esta simples lembrança como prova de uma cinsera gratidão.

Salve 1º de agosto

São Caetano

1º-8º-1914

Amália Góia.<sup>123</sup>

No trânsito das missivas relacionadas aos parentes de Armando encontramos também temas corriqueiros, como expresso na carta enviada da localidade de Gama por M.E.V.B, prima de Armando, em 05 de julho de 1904:

Prezado Primo Armando

É com imenço prazer pego na pena para responder a tua amavel cartinha que foi para mim um balçamo de alegria por saber que você gozea boa saude e felisidade pois e o que dezejo. quanto a mim vou indo na forma do costume graças ao altiscimo Armando você mesmo não imagina como eu fiquei impressionada com aquella noticia do seu amigo N... ter ficado mal com você por minha minha causa perferia mais que elle ficasse mal commigo, do que perder amizade com você. (...) não posso ser mais extença no mais peso dar-te recomendações a todos dahi emparticular G. envio-te minhas saudades, sua prima que ti estima de corações.

M.E.V.B.

não arepara os erros e as faltas de letras.<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Amália Góia para Armando Lemos, São Caetano, 01/agosto/1914, 2f, com envelope.

<sup>124</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. M.E.V.B. para Armando Lemos, Gama, 05/jul/1904, 1f, s/env.

Em 27 de abril de 1908, M.M.C., prima de Arlindo, lhe encaminhava uma nova missiva de São Caetano:

Armando desde o dia que eu escrevi para voce mas não pude mandar ella vai ahi para voce não pensar que é mentira você mandar-me dizer que não esta alembrando de você eu não posso esquecer dete primo não é verdade R. manda te dizer que elle também é seu amigo e Papai manda ti dizer que veio tarde a resposta que elle vende para A. P.

Armando [ ] as festas em Cachoeiro não podia estar melhor só falta voce. Diga a minha tia que a casa esta muito choca sem ella você não sabe de uma cousa que Efigênia já é noiva do L. mas meu tio não quer nem ver mas ella quer muito esta louca por elle voce acha bom. (...)

Asête um aperto de mão desta tua prima que muito ti estima.<sup>125</sup>

Existe no acervo mais uma carta de M.M.C.:

Armando, faço-lhe esta a fim de saber de sua saude e felicidades eu felizmente vou indo bem so que me maltrata são saudades sua, e participo que sua querida prima G. me rodou, eu estou muito aborrecida com você porque no Gâma você pode ir despedir da sua Querida Prima e de me você nem se lembra e tem vindo portador você nem uma lembrança para mim mandou no mais adeus. Asete lembrança A. e meminas. (...) não repare as flautas que vam ahi.

Armando hoje tem sentido muita falta de você porque esto em sua casa. Adeus.<sup>126</sup>

As cartas enviadas por Félix Lemos a Armando Lemos, em 27 de fevereiro de 1908 e 30 de setembro de 1912, foram citadas no capítulo anterior e demonstram como a vigília paterna adaptava-se à situação de ser mediada através das missivas.

Armando Nenem [leva] a tua roupa que pedes, o travesseiro chegara la amanha, 29, vai junto com a roupa de João (Lemos), com o Neca Tropeiro do filhote, eu pedi para entregar ai, em caza do Sr. L. (...)

NS: Armando quando vc tiver de vir cá por cauza do cartoro nao venha sem concentimento do seu Patrão Olha o q te aconteceu com o Sr. M.<sup>127</sup>

A carta enviada por Armando Lemos à sua mãe, Marina Lemos, em 16 de julho de 1921 também foi citada no capítulo anterior, e relata sobre encomendas, contas e trânsitos dos

---

<sup>125</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. M.M.C.. para Armando Lemos, São Caetano, 27/abril/1908, 2f, s/env.

<sup>126</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. M.M.C.. para Armando Lemos, [São Caetano], s/d, 1f, s/env.

<sup>127</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Félix Lemos para Armando Lemos, São Caetano, 27/fev/1908, papel/envelope.

irmãos. Tema também presente na carta enviada por Armando à irmã Efigênia Lemos, em 21 de junho de 1921:

Efigênia  
Recebi o seu bilhete e passo a responder.  
Eu graças a Deus já estou bom embora ainda sinto de vez em quando alguma dorzinha no joelho. Quanto aos meninos vão sem novidades tenho recebido carta do Z. e notícias por pessoas que tem vindo de Lafayette. O Castilho também estava no Rio e chegou estes dias. O pai do M. é quem está muito mal em Antonio Pereira. Diga a Filinha que eu não compreendi a historia do vulto que ella mandou falar com L., mas depois a C. descobriu. Eu ia estes dias em Lafayette, mas não vou porque o S. vai domingo encontrar o povo delle que vem da Espera.  
O morim Ave Maria pode [ser] 1.400 o metro e Prezidente 1.600. Eu creio que poderei ir a Lafayette no principio de julho e se for trago a D.  
Sem mais recomendo a todos.  
O irmão que a abraça.  
Armando.  
21/6/921.<sup>128</sup>

A exposição da concentração de cartas em torno de Armando Lemos buscou evidenciar a amplitude, quantidade e a diversidade presente na rede de missivistas desenhada a partir desse autor. Ao estender os intercâmbios criados a partir dos contatos que atravessavam a sua vida social, profissional, amorosa e familiar, as correspondências de Armando nos trazem um vivo exemplo sobre as possibilidades de utilização desse meio de comunicação nessa época. Utilidade que abarcava atividades distintas (como as missivas que relatam as suas experiências como escrivão, músico ou poeta) e que realizava na escrita das cartas tanto o desejo de converter a realidade em texto quanto o ato lúdico de reinventar o espaço epistolar (como ficou explícito na linguagem criptográfica criada com a namorada Amália Góia).

A recorrente referência em relação a esse intercâmbio experimentado por Armando pode ser colhida na coleção de suas cartas, como “Prezado amigo com immenço prazer dirijo-lhe estas duas linhas”, “A razão porque não me escrevem, sou por ventura

---

<sup>128</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Efigênia Lemos, Sede de Mariana, 21/jun/1921, 1f, com envelope.

proscripto da sorte”, “Armando, a muito que queria escrever-te, mas, devido a muito serviço ainda não me foi possível”, “Não me escreve agora não sim”, “Acabo de ter a sua missiva data de hontem e passo a responder”, “Faço-te esta carta a fim de saber de voce e todos dai da sua casa se vai bem”, “Elevei o meu pensamento aos céo, louvei a Deus e pedi-lhe que abençoasse a penna, a tinta, o papel”, “Era meu desejo escrever-te logo que aqui cheguei”, “Assim mesmo desejas que eu te escreva todos os dias, assim eu também desejo ver todo instante uma nova letra tua”, “Escrevo esta diante do teu retrato p<sup>a</sup> ver se assim posso relatar-te tudo que sinto”, “Eu tenho imaginado bastante como deves de estar pensando o meu silencio para com tigo!” e “É com imenço prazer pego na pena para responder a tua amavel cartinha que foi para mim um balçamo de alegria”.

Nas duas primeiras décadas do século XX, Armando experimentou as expectativas de ingressar nesse movimento de migração ocorrido no Distrito de São Caetano. Assim como boa parte dos irmãos ele vivenciou os circuitos próximos e distantes dessa localidade até se fixar em uma nova cidade. Nesse acervo, a última correspondência que traz notícias de Armando Lemos foi escrita em Conselheiro Lafaiete, em 23 de outubro de 1941, quando ele, mais velho, apresentava suas notícias à irmã Efigênia Lemos:

Só hoje é que me foi possível acusar tua cartinha, pois, estou com o papel em cima da mesa para isto desde domingo, mas sempre que vou para escrever tem uma couza para interromper. Eu, graças a Deus e aos santos, tenho sentido alguma melhora, mas o meu estado de saúde não é ainda satisfatório, pois, pelo mais insignificante excesso, fico passando mal. Estou em uso de medicamentos continuamente, mas sem esperança de sarar. Os medicos recomendam-me absoluto repouso, mas...de que geito?... Tenho que defender o pão de meus filhos de qualquer fórmula, não é?...Este é o meu repouso.

Graças ao altissimo, nada me falta, a não ser a saúde, pois tenho uma companheira de verdade que não mede sacrificios.

(...) Peço-te recomendar por mim ao Franco, Lindolfo, Marcos e a todos os que lhes pertencem. Comunico-te tambem que ja estou esperando a minha aposentadoria pelo Instituto dos Comerciaros.<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> AHMH. Série Correspondências. Sub-série Correspondências pessoais. Armando Lemos para Efigênia Lemos, Conselheiro Lafaiete, 23/out/1941, 2f, s/env.

## Considerações finais

Esse trabalho é resultado tanto de um envolvimento com a organização do Arquivo Histórico de Monsenhor Horta quanto de um desafio teórico-metodológico no trato com o acervo de missivas pertencente a esse arquivo. Desafio que pode ser desenhado pela sua raridade, se considerarmos o seu tipo (epistolar / familiar / íntimo), pela forma como foi constituído (retirado em estado de lixo dentro de um sobrado em processo de arruinamento), pelo seu estado de fragmentação e pelo período em que foi produzido (início do século XX). Concordamos com Aracy Amaral (2001), quando diz que:

Para captar o significado da correspondência para as gerações que tinham entre 20 e 40 anos na década de 1920, cabe um esforço para que nos transportemos a uma época sem o recurso ao rádio, televisão, ou ao uso corrente do telefone, internet e fax.

Esforço redobrado, podemos acrescentar, quando observamos a incipiente situação do estudo sobre a produção de cartas no Brasil.

As 60 cartas pessoais pesquisadas nesse trabalho, produzidas entre as duas primeiras décadas do século XX, foram escritas numa época de consolidação dos serviços dos correios e de incremento do mercado epistolar em Minas Gerais. Como buscamos demonstrar, a cidade de Mariana, nessa época, apropriava-se de alguns símbolos de modernização típicos da *belle époque* brasileira, mas encontrava dificuldades em verter esses desejos em realidade; e o Distrito de São Caetano apresentava, além de uma perda de sua população, uma significativa taxa de alfabetização para a época e uma incipiente diversificação em sua rede produtiva e comercial. Essas informações demonstram que essas cartas íntimas configuram-se num raro e significativo grupo de amostras sobre a produção epistolar na região de Mariana nesse período.

Os exemplares pesquisados demonstraram como as práticas missivistas, apreendidas através das escolhas dos suportes, dos assuntos e das maneiras de inscrever os textos,

tornaram-se cada vez mais necessárias para a construção e manutenção das relações tecidas entre os parentes, amigos e amantes nessa época. Essas cartas trazem a cidade em suas situações mínimas, em seus elementos recorrentes que tecem o dia-a-dia; o que revela tanto o limite quanto a importância desse acervo. No limiar do século XX, corresponder-se através de missivas traduzia-se num ato de sintonia com as noções de “moderno” e “civilidade”, como frisado pelos Anuários citados, mas também transformou-se, cada vez mais, em necessidade. Necessidade que transitava nos circuitos próximos ou distantes do Distrito de São Caetano.

Observamos que enquanto a família de Álvaro Felinto tendeu a permanecer no distrito, devido aos seus negócios, parte dos filhos de Félix Lemos, além de amigos e parentes das duas famílias, buscaram novas chances em outras cidades, provocando, portanto, a necessidade de comunicação e utilização do meio epistolar. Através desses textos percebemos como o impacto do que se queria dizer deixava a presença direta da fala oral para fazer parte de uma outra colheita, estruturação e entrelaçamento de palavras e sentidos para representar a autoridade ou o afeto.

Tentamos demonstrar como as notícias e as transmissões dos valores transformavam-se da presença direta e física para fluírem dentro de uma ação intermediada pelos textos, revelando diferentes motivações e formas de inscrever essa prática. Pontuamos como as circulações nas redes formadas pelos correspondentes (próximas ou distantes de São Caetano) incentivavam o contato com novas realidades, promoviam um deslocamento na consistência presente nas relações familiares e sociais, construía expectativas e permitiam, conforme o destinatário, diferentes níveis de expressão da intimidade.



## **FONTES PRIMÁRIAS**

Acervo Fotográfico de Márcio Marezza. Mariana, Minas Gerais.

Almanach Sul-Mineiro. Organizado, redigido e editado por Bernardo Saturnino da Veiga. 1874.

Anuários de Minas Gerais de 1906, 1907, 1911 e 1918, Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

Anuário Estatístico de Minas Gerais de 1921, Anno I, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1925

Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. Série Correspondências, Sub-séries correspondências pessoais e correspondências comerciais.

Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. Série Impressos. Sub-séries revistas sacras, revistas leigas, jornais sacros, jornais leigos, impressos sacros diversos e impressos leigos diversos.

Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. Série Sociedade São Vicente de Paula.

Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. Série Manuscritos. Sub-séries peças teatrais sacras, peças teatrais leigas.

Arquivo Histórico de Monsenhor Horta. Série Materiais escolares.

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana. Câmara Municipal, Coletoria Estadual, Impostos sobre Indústrias e Profissões: códices 612 (1889-1948), 119 (1895-1900), 05 (1919), 511 (1926-1928) e 794 (1928-1936).

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana. Câmara Municipal, Atas das sessões da Câmara Municipal de Mariana: códices 641 (1831-1834), 215 (1847-1852), 329 (1892-1900), código 235 (1900-1915)

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana. Câmara Municipal, Contabilidade, Receitas e despesas: códices 566 (1884-1886), 603 (1895, 1897, 1900, 1904, 1908, 1910, 1923, 1926), código 100 (1908-1925) e código 231 (1909-1910).

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Livros de Tombo nº 25 e 26, 1878-1884 e 1884-1901, Chronicas do professor Marcos Antônio Pinheiro.

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Jornais: Rio do Carmo (1901-1902), O Germinal (1914-1917), Agulha (1924) e Espeto (1928).

CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES. Brazilian Government Document Digitization Project Provincial Presidential Reports (1830-1930). Postal Service, Minas Gerais. <http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil/index.html>

MACEDO, Caetana Ribeiro (Dona Neném). Entrevista concedida ao autor na Casa Paroquial de São Caetano, em 08 de agosto de 2003.

Revista Itabirito em Revista, ano 1, nº1, maio de 1992, 62p.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Aracy. De Mário para Tarsila e de Tarsila para Mário. Correspondência: Mário de Andrade & Tarsila do Amaral. Org. Aracy Amaral. São Paulo: EDUSP, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001.
- ANTELO, Raúl. Identidade e representação. In: Identidade e representação. Org. Raúl Antelo. Florianópolis: Edeme, 1994. p.9-18.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Trad. Dora Rocha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185p.
- BENJAMIN, Walter. Questões introdutórias de crítica do conhecimento. In: Origem do drama barroco alemão. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.49-79.
- \_\_\_\_\_. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Trad. Flávio René Kothe. 1985.
- \_\_\_\_\_. Pequena história da fotografia. Flávio R. Kothe (org.). Editora Ática, s/d. p.218-240.
- BURKE, Peter. História cultural: passado, presente e futuro: In: O mundo como teatro: estudos da antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992. p.15-25.
- \_\_\_\_\_. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In. AGUIAR, Flávio et alli (org.). Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.
- \_\_\_\_\_. Hibridismo cultural. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. 116p.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. Revista Estudos Históricos, nº21, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998.
- CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta. Introdução atualizada e Notas Silvio Castro. Porto Alegre: L & PM Editores, 1985. p. 75-78; 81-83; 96-98.
- CAPELATTO, Maria Helena e DUTRA, Eliana R. de F. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.). Representações – contribuição a um debate transdisciplinar. São Paulo: Papirus, 2000. p.227-267.

- CARVALHO, José Murilo. O historiador às vésperas do terceiro milênio. Phoenix, n.3. Rio de Janeiro, 1997.
- CERTEAU, Michel. Foucault e Bourdieu. In :A invenção do cotidiano. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. p.111-129
- CHARTIER, Roger (org.) Práticas da leitura. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.268p.
- \_\_\_\_\_. A História Cultural entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuel Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.
- \_\_\_\_\_. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.7, nº13, 1994. p.97-113.
- \_\_\_\_\_. Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio – Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.
- CHAURAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: Análise do discurso: fundamentos e práticas. Hugo Mari [et al]. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001. p.23-38.
- CHOAY, Françoise. O Reino do urbano e a morte da cidade. In: Revista Projeto História, espaço e cultura. São Paulo: PUC, 1999.
- CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: História da Vida Privada, vol. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, direção de Michelle Perrot. Trad. Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.419-501.
- DINIZ, Clélio Campolina. O atraso mineiro e suas implicações. In: Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981. p.99-120.
- FABRIS, Annateresa. Fragmentos urbanos: representações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 2000.212p.
- FERNANDES, Antônio C.; PIMENTEL, Thais V. C. Universidade Federal de Minas Gerais. O turíbulo e a chaminé: a ação do Bispado no processo de constituição da modernidade em Diamantina - 1864-1917. enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.
- FERRONHA, António L. (dir.) As cartas do “rei” do Congo D. Afonso. Lisboa: Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1992.
- FOLLIS, Fransérgio. Modernização urbana na Belle Époque paulista. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 141p.

- FONSECA, Cláudia Damasceno. O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações. In: Termo de Mariana: história e documentação. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998. p.27-66.
- FOUCAULT, Michel. A prosa do mundo. In: As palavras e as coisas. Trad. Selma Jannus Michail, 8 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999. p.23-62.
- \_\_\_\_\_. Representar. In: Ibid. p. 63-106.
- FURTADO, Júnia. Homens de Negócio. A interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. 114p.
- GARCIA, Maria Madalena A. de M. Machado. Os documentos pessoais no espaço público. Revista Estudos Históricos, nº21, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 380p.
- GOMES, Sônia de Conti. Biblioteca e sociedade na Primeira República. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1983. p.31-38.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso. In: Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. p.4-25.
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Mariana e a estrada de ferro. In: Alphonsus de Guimaraens e o seu ambiente. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1995. p.278.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: História e memória. Campinas: Unicamp, 1990. p.535-549.
- LIMA, Kleverton Teodoro de Lima. São Caetano: cartas íntimas no início do século XX. 2003. 86p. Monografia – Universidade Federal de Ouro Preto.
- LUCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Trad. Prof. Milton de Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, São Paulo: EDUSP, 1976. p.275-341.
- LYONS, Martym. Práticas de leitura, práticas de escritura: cartas de amor e escritas íntimas – França e Austrália, século XIX. Juiz de Fora, Locus: Revista de História, v.4, n.2, 1998. p.55-67.
- MAGALHÃES, Beatriz de, ANDRADE, Rodrigo F. Belo Horizonte: o contexto e o diagrama. In: Belo Horizonte: um espaço para a República. Belo Horizonte: UFMG, 1989. p.34-36.

- MALERBA, Jurandir. Para uma teoria simbólica: conexões entre Elias e Bourdieu. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.). Representações – contribuição a um debate transdisciplinar. São Paulo: Papirus, 2000. p.199-224.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. A mesa de Mariana: Produção e consumo de alimentos em Minas Gerais (1750-1850). São Paulo: ANNABLUME Editora, 2004. 160p.
- MANTOVANI, André L. Faça-se a luz: modernidades e demandas sociais na eletrificação da iluminação pública em Ouro Preto, 1880-1920. Universidade Federal de Ouro Preto. 2005. 75p. Monografia de Bacharelado, ICHS/UFOP.
- MATOS, Maria Izilda S. dos. Cotidiano e cidade. In: Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho. São Paulo: EDUSC, 2002.p.13-43.
- MENESES, J. N. C. Artes fabris e serviços banais. Ofícios mecânicos e as Câmaras no final do Antigo Regime. Minas Gerais e Lisboa – 1750-1808. Niterói: ICHF/UFF, 2003. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 2003.
- MIRANDA Ana. Que seja em segredo: textos freiráticos, séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Dantes, 1998. 131p.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Cartas muito íntimas – Escrúpulos de herdeira. Revista Brasil de Literatura. Disponível em: [www.rbleditora.com](http://www.rbleditora.com). Acesso em 10/08/2005.
- OLIVEIRA, Myriam A Situação das artes plásticas em Minas no século XIX / Escultura e Pintura. In: III Seminário sobre a cultura mineira – século XIX. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1982. p.148-160.
- ORTIZ, Renato (org.) – Pierre Bourdieu: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática. 1983.
- PENA, Elke B. F.; DIAS, Luiz F.; Universidade Federal de Minas Gerais. Artigo e ensaio científicos dois gêneros e uma só forma? : Gêneros textuais, acontecimentos e memória. 2005. enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 132p.
- POHL, Johann E. Viagem no interior do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1976. p.365-386.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos – Memória. Rio de Janeiro: Vértice, v.2, n.3, 1989, pp.3-16.
- PRIORE, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). Rio de Janeiro:Campus, 1997.p.259-274.

- \_\_\_\_\_. Ritos da vida privada In: História da vida privada no Brasil I: cotidiano e vida privada na América portuguesa, São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- PROCHASSON, Christophe. "Atenção: verdade!" Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. Revista Estudos Históricos, nº21, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998.
- RILKE, Rainer Maria. Cartas Sobre Cézanne. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2001. 99p.
- RODARTE, Mário Marcos Sampaio. O caso das minas que não se esgotaram: a pertinácia do antigo núcleo central minerador na expansão da malha urbana da Minas Gerais oitocentista. Belo Horizonte:CEDEPLAR, 1999. 179p. Dissertação/FACE/UFMG.
- ROMERO, José Luis. As cidades burguesas. In: As cidades e as idéias. Trad. Bella Josef. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2004. P.283-352.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais; trad. de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1976. p.77-86.
- SALOMON, Marlon. As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 103p.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea, Revista Brasileira de Educação, nº20, Maio/Jun/Jul/Ago, 2002. p.60-70.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio. v. II, org. Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.7-48.
- SIMILI, Ivana G. Uma questão de memória: as confissões de uma prostituta para um diário íntimo. Revista Diálogos, v.1. Disponível em [www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/Rev\\_a11.htm](http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/Rev_a11.htm). Acesso em 20/12/2005.
- STENGERS, Isabelle. Explorando. In: A invenção das ciências modernas. São Paulo: Ed. 34, 2002. p.11-69.
- SÜSSEKIND, Flora. Cabral.Bandeira.Drummond: alguma correspondência. In: Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. p.5-28.
- Termo de Mariana: história e documentação. Volume I. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998. 221p.

- Termo de Mariana: história & documentação. GONÇALVES, Andréa Lisly, OLIVEIRA, Ronald Polito (org.). Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 2004. 312p.
- TRINDADE, Cônego Raimundo. Instituições e igrejas no Bispado de Mariana. Rio de Janeiro: SPHAN, Ministério da Educação e Saúde, 1945. p.163-168.
- TURAZZI, Maria Inez. Cultura fotográfica. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IMNC, n.27, 1998. p.7-15.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura no Brasil: Sistemas construtivos. Escola de Arquitetura da UFMG. Belo Horizonte: Rona Editora, 1979. 186p.
- VASCONCELOS, Eliane. Carta missiva. Revista Brasil de Literatura. Disponível em:[www.rbleditora.com](http://www.rbleditora.com). Acesso:10/08/2005.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº28, 2001.
- ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e historia da literatura. São Paulo: 1989. 124p.